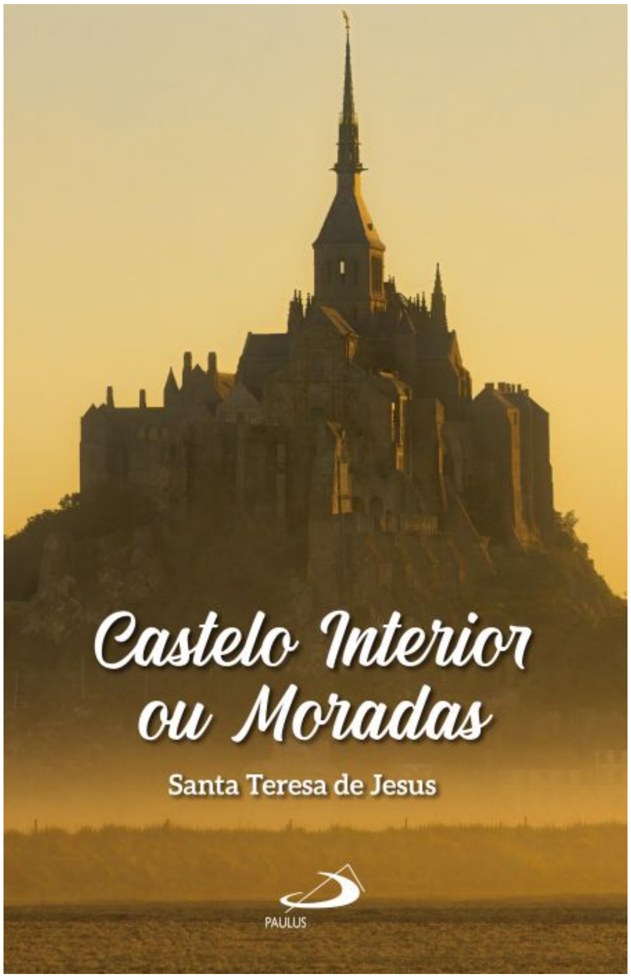
SANTA

TERESA DE JESUS

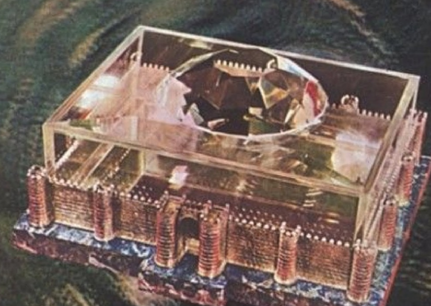
Castelo interior ou moradas

PAULUS


Castelo Interior
ou Moradas
Santa Teresa de Jesus
PAULUS

SANTA TERESA DE JESUS

castelo interior ou moradas



PAULUS

SANTA TERESA DE JESUS

CASTELO INTERIOR
OU
MORADAS

PAULUS

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Se perguntassem que tipo de livro é o Castelo Interior, certamente poderíamos classificá-lo como um guia de viagem.

Por surpreendente que seja, a afirmativa nada tem de falso. Apenas é necessário que se atente para as peculiaridades deste livro, em face de outros relatos de viagens comuns. Se é que os há comuns. Toda viagem tem sua dose de surpresa, em função da realidade visitada e dos olhos de quem a vê.

O próprio século de santa Teresa apreciou muitas histórias de aventuras nada comuns. Nascida em 1515, sua vida coincide com o alargamento do mundo conhecido, através das grandes navegações e descobertas. Teria algo de rotineiro embrenhar-se pelas cordilheiras e selvas americanas, ou rumar para o oriente misterioso e rico? Haveria algo de comum nas narrativas dessas viagens — como as de Hans Staden, André de Thevet e outros, que descreviam de forma fabulosa e mítica as terras recém-achadas a oeste, além do oceano?

Não — sem sombra de dúvida. O que, porém, diferencia o Castelo Interior *das demais é o rumo a ser tomado. As outras descrições tratavam de aventuras exteriores — em terras muito, muito distantes. Teresa descreve aventuras experimentadas em rota mais surpreendente e misteriosa, pelos caminhos do mundo interior.*

Como quem já os percorreu, ela escreve. Os que se lançam por eles, pela primeira vez, podem assim abrir seu guia de viagem e se orientar. Com uma vantagem. Os guias comuns, encontráveis nos escritórios de turismo, relatam friamente os pontos de interesse e nada mais. O guia de Teresa equivaleria propriamente a uma conversa. Aquela que já conhece o roteiro conta o que viu aos que vão partir. Não só o que se pode ver, mas também pequenos cuidados — coisas geralmente esquecidas: onde achar pouso seguro, qual a estrada mais indicada, o que temer e em que confiar.

A rota interior nada tem a ver com mera viagem de turismo. É rota de migração. Quem parte deseja alcançar o termo para aí ficar. Torna-se, portanto, imprescindível achar um guia seguro, que não permita errar o caminho.

Esse movimento é claro na estrutura das Moradas. *A Autora concebeu-as num esquema muito simples: um objetivo a ser alcançado e uma alma que avança até ele. O objetivo aí seria, não um país distante, mas o próprio interior da alma: um castelo. E por que um castelo? Porque nele mora um Rei.*

Para se compreender a razão de tal figura, não se pode também esquecer que Teresa nasceu em terras de Castela. Sua cidade — Ávila — lembra um imenso castelo, com muralhas, portões, vigias e torres, onde se agitavam monges e cavaleiros, preocupados em correr caminhos: estes, as velhas estradas da Espanha; aqueles, as sendas do próprio espírito. Não era sem razão que Ávila se chamara "cidade dos cavaleiros e dos santos".

O castelo medieval, com sua estrutura maciça, aparece assim como uma das bases da metáfora usada pela autora. Não, porém, como única. Sua concepção é mais abrangente. Não se deve imaginar tal castelo num mesmo plano, nem seus recintos como enfileirados. Não. O castelo é um diamante, em que todas as moradas se colocam ao redor da central, onde está o Rei. Mais que a própria construção em si, interessa quem a habita. Tudo mais será regulado em função deste centro. Interessa o âmago — como num palmito, diz a Madre, em que há muitas camadas envolvendo a medula saborosa.

Essas camadas são compostas de moradas ou aposentos. No castelo há muitas delas. Hoje pensaríamos num arranha-céu, com sua infinidade de apartamentos, repletos de gente. Porque também nas moradas interiores há muita gente. A única diferença é que a Santa insiste em que se deve considerar tudo com amplidão, sem medo de exagerar. Nada de aposentos estreitos e escuros. Ela própria se espanta diante da capacidade de uma alma, reconhecendo que muito pouco sabemos a seu respeito.

Uma alma é tão ampla quanto um mundo. Um mundo vivo e repleto de gente e segredos. A gente do castelo são as faculdades — a inteligência, a vontade, a memória, a imaginação e os próprios sentidos. Como parentes, amigos e servidores, às vezes ajudam, às vezes atrapalham. Costumam se desorientar sobretudo quando o Hóspede se faz notar, saindo de seu aposento para comunicar-se com o espírito.

A série de comparações e figuras — inspiradas na vida de um castelo — constitui assim o fio orientador da obra. Foi um feliz achado — a própria Teresa o admite, acrescentando que servirá de base para tudo o que disser. Através dele pôde a Santa alinhavar num só corpo um conjunto de indicações e considerações muito amplo. A ideia do castelo — ora como um palácio medieval, ora como diamante transfigurado pelo Sol interior — perpassa todo o livro.

Não pensemos, porém, que a Autora se prenda a essa ideia de forma exclusiva. Há muitas passagens em que temos a impressão de que a figura inicial foi esquecida e substituída por outras. É que Teresa tem esse jeito de explicar as coisas, fazendo comparações. Ela confessa ter "esta vaidade": a de achar que, explicando a seu modo — usando figuras — torna-se mais fácil entender. Assim vai dizendo coisas indizíveis, fazendo-se compreender com clareza e elegância.

As comparações se sucedem. Deus é como um sol no centro de um diamante — a alma como pedra preciosa traspassada pela luz. A alma é árvore plantada à beira de regato límpido, se em estado de graça; junto a lodaçal, se em pecado. O amor é como abelha — nunca para, sempre se exercitando em fabricar seu mel. O pecado é mordida de víbora, que provoca inchação constante. As paixões e vícios são animais daninhos e selvagens, enquanto os devaneios da imaginação lembram lagartixinhas muito delgadas, que penetram em todo canto. O corpo é a cerca do castelo. Sua porta de entrada é a oração. A última das moradas, a mais interior, um camarim real. E muitas outras metáforas, dentre as quais duas são da maior importância: a do bicho da seda e a do matrimônio espiritual.

A referência à primeira surge nas quintas moradas — e constitui um verdadeiro limite na obra. Com efeito, poderíamos separar num grupo as quatro primeiras moradas e noutro as três últimas. É que então se inicia a metamorfose da alma — como a do bicho da seda em borboleta — através das graças de união com Deus. Vai assim se preparando para o noivado espiritual — extensamente descrito nas sextas moradas — e para o matrimônio. Todas as graças sobrenaturais, as comunicações místicas com o divino Hóspede visam transformar a alma, tornando-a apta para o divino matrimônio, objetivo final, a ser realizado nas sétimas moradas, no camarim do Rei.

Pois esta é a grande descoberta que Teresa pretende divulgar: Deus habita no mais íntimo da alma. Tal verdade — compreendida por ela através da experiência — é das formulações mais antigas de seu pensamento. Contra ela se posicionaram inclusive vários de seus confessores, que admitiam essa presença divina apenas através da graça, nunca em essência. Teresa, porém, é clara: Deus se encontra na alma como se encontra no céu. Por isso mesmo a própria alma é outro céu, no qual se pode entrar através da oração. Isso é importante frisar — o Castelo Interior *é guia para a vida de oração. Guia de viagem por esse imenso mundo íntimo.*

Ora, difícil tarefa é descrever todos os recantos de um roteiro assim extenso e variado, sem falar nos segredos comunicados por Aquele que permanece em seu termo. É necessário lançar mão de muitos recursos, a fim de se fazer entender. Esta é a preocupação maior da Santa: fazer-se entender de modo claro e simples.

O livro nasceu mesmo desse desejo, conforme conta o padre Graciano da Mãe de Deus, de quem partiu a ordem para que o compusesse. Diz ele: "O que se passa a respeito do livro das Moradas *é o seguinte: eu era seu superior, — isto é, de Teresa. Conversando certa vez com ela sobre muitas coisas de seu espírito, dizia-me: 'Oh! como isso está bem escrito no livro de minha vida, que se encontra na Inquisição!' Disse-lhe então: "Pois já que não o podemos ter, recorde-se do que for possível e escreva outro livro, acrescentando outras coisas. E explique a doutrina de modo geral, sem indicar a quem aconteceu o que disser".*

Tais palavras concordam com o que a Santa esclarece no prefácio à obra: escreve por obediência; muito do que aqui se diz já se encontrava na sua autobiografia; nem tudo, porém, será mera repetição — há o objetivo de acrescentar dados novos e de formular a obra sob um ponto de vista radicalmente distinto da anterior. Na Vida, *a doutrina entrava apenas como complemento, na medida em que os fatos narrados permitissem divagações de caráter geral. Aqui, a doutrina tem o primeiro plano, embora a Madre afirme tratar apenas do que entendeu por experiência. Desta forma, verifica-se uma constante tensão na composição das* Moradas: *de um lado, o cuidado em escrever um tratado; de outro, a constante busca dos fatos de sua própria experiência, que devem fundamentar a exposição geral.*

É justamente nessa rigidez que se encontra o segredo de seu estilo. Teresa não sabe ser totalmente impessoal. Ela própria afirma ter insuficiente base teórica para o que vai escrever. Leituras não lhe faltavam — na Vida, *afirma ter sido sempre amiga de bons livros. Conhecia — fato comprovado — alguns dos mais importantes tratados espirituais da cristandade de seu tempo, como o* Terceiro Abecedário, *do franciscano Francisco de Osuna, que tem papel decisivo em sua trajetória espiritual; as* Meditações *e os* Solilóquios, *atribuídos então a Santo Agostinho; ou o* Tratado de Oração e Meditação, *de seu contemporâneo Pedro de Alcântara, entre outros.*

Entretanto, no momento em que escreve seu tratado, Teresa não tem às mãos nenhuma dessas obras. Quando se refere a alguma, fá-lo de memória, acrescentando algumas vezes que não tem certeza das palavras exatas. Tal se passa inclusive com as citações do Antigo Testamento e dos Evangelhos. Não seria próprio de Teresa de Jesus escrever com base em consulta a outros livros — é absurdo imaginar uma coisa desse tipo, que foge completamente a sua espontaneidade. Nem tinha ela então tempo suficiente para rever, sequer para reler o texto.

O momento histórico da composição do Castelo Interior *corresponde ao da grande perseguição contra os descalços. Nesse período, frei João da Cruz é preso e o padre Graciano, de completa*

confiança da Santa, afastado do seu cargo de provincial. Diante de tais tribulações, sua obra reformadora parecia fadada ao desaparecimento. Há, pois, grandes hiatos na composição do livro. Várias vezes se refere ela ao grande tempo transcorrido desde que o deixou, bem como à impossibilidade de reler o que já estava pronto.

Essas interrupções seriam responsáveis por certas mudanças de estilo que se observam no decorrer do livro. Os espaços de tempo mais longos seriam os decorridos entre a composição do primeiro e segundo capítulo das quartas moradas e no capítulo terceiro das quintas, no qual ela afirma haver passado três meses sem escrever. Os dois últimos capítulos das quartas e os três primeiros das quintas moradas correspondem justamente à época mais tempestuosa de sua vida, — os últimos dias de sua permanência em Toledo, no ano de 1577.

A isso se acrescente sua saúde abalada. Ela declara, logo no princípio, parecer-lhe impossível trabalhar, tal a "zoada" que lhe atormentava a cabeça. Mais adiante, analisa o seu estado com a perspicácia que lhe é própria, o que empresta ao relato um tom profundamente vivencial.

Testemunho de vida — isso é o que distingue sobretudo as obras deixadas por Teresa. Como ela mesma afirma e reafirma, só fala do que conhece, razão pela qual é ela ainda quem diz — vai sempre lembrando tratar-se de sua opinião, do que lhe parece. Certeza tem, todavia, de uma coisa: o que diz é verdade. Certeza própria dos que dominam o assunto de que tratam. Dos que têm autoridade.

Tanto assim, que seu magistério sempre foi reconhecido pela cristandade como autêntico e seguro. Nunca, porém, tanto como hoje. A declaração de seu doutorado, pelo papa Paulo VI, é prova disso e, ao mesmo tempo, um convite a tomarmos sempre seus ensinamentos oportunos e atuais. O próprio Papa afirmou — por ocasião da solenidade do doutoramento — que agora realmente chegara o tempo de santa Teresa.

Se chegou o tempo de Teresa, começa uma nova etapa de interioridade, de busca de Deus no mais profundo do homem. Começa, pois, o tempo de se redescobrir o Castelo Interior*, onde o Criador se encontra com sua criatura. E não são anjos os que*

habitam essas moradas — lembre-se. São homens. Eis o motivo por que o livro interessa a todos. Mesmo ao tratar dos fenômenos místicos, a autora não se esquece dos que seguem caminhos não tão extraordinários. Tem sempre o cuidado de dirigir-se também a estes, com conselhos práticos e ponderados.

Se aqui começa o tempo de santa Teresa — repetimos — começa também o tempo das Moradas, *seu voo mais alto como mestra espiritual. Sua mais aquilatada joia, no sentido pleno do termo: um material nobre lapidado numa forma impecável.*

Tal perfeição de forma e conteúdo é que faz as grandes obras.

PROFESSOR JACYNTHO JOSÉ LINS BRANDÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

O Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro agradece a valiosa colaboração, dedicada e desinteressada, do professor Jacyntho José Lins Brandão na revisão da nova tradução do *Castelo Interior*.

J H S

Teresa de Jesus, monja de Nossa Senhora do Carmo,

escreveu este tratado, que se intitula

CASTELO INTERIOR,

para suas irmãs e filhas, as monjas carmelitas descalças.

PRÓLOGO

J H S

1. Entre as ordens que tenho recebido da obediência, poucas se me afiguraram tão difíceis como a de escrever agora sobre assuntos de oração. De uma parte, não me parece que o Senhor me dá espírito nem inspiração para fazê-lo. De outra, ando há três meses com tanta zoada e fraqueza na cabeça, que me custa muito escrever até para negócios indispensáveis.

Entendendo, porém, que a força da obediência costuma facilitar o que parece impossível, de muita boa vontade resolvi aceitar o trabalho, embora com bastante relutância. É que não recebi do Senhor a virtude de suportar contínuas enfermidades e múltiplas ocupações, sem grande contradição da natureza.

Assista-me com sua graça Aquele que tem feito outras coisas mais difíceis em meu favor. Em sua misericórdia confio.

2. Pouco mais saberei acrescentar ao que já tenho dito de outras vezes, em escritos que empreendi por obediência. Receio repetir as mesmas coisas. Sou como os papagaios. Aprendem a falar e só sabem dizer as palavras sempre ouvidas, repetindo-as constantemente. Assim acontece comigo, ao pé da letra.

Se o Senhor quiser que eu diga alguma coisa nova, Sua Majestade mesmo me dará sua luz. Ou então me trará à memória o que me fez dizer de outras vezes. Não me lembro bem, mas gostaria muito de acertar com alguns pontos que, diziam, estavam bem explicados em outros escritos, os quais talvez se tenham perdido.[1] Com isso já me contentaria.

Se nem essa graça o Senhor me conceder, se ninguém tirar proveito de minhas palavras, ficarei com o lucro de ter-me cansado e aumentado a dor de cabeça por amor da obediência.

3. E, assim, começo a cumprir esta obediência hoje, festa da Santíssima Trindade do ano de 1577, neste Mosteiro de São José do Carmo de Toledo, onde atualmente me encontro. Sujeito-me em tudo ao parecer das pessoas muito doutas que me mandaram escrever.

4. Se alguma coisa não estiver conforme a doutrina da santa Igreja Católica Romana, será por ignorância, não por malícia. Pela bondade de Deus, sempre estou, estive no passado e estarei no futuro sujeita à santa Igreja. Seja ele para sempre bendito e glorificado! Amém.

5. Quem me mandou escrever, disse que estas monjas dos nossos mosteiros de Nossa Senhora do Carmo têm necessidade de quem lhes esclareça algumas dúvidas em matéria de oração. Na sua opinião, ninguém lhes poderia fazer tanto bem como eu, se acertar em dizer alguma coisa, visto as mulheres se entenderem melhor umas às outras e estas irmãs me terem tanto amor.

Em tudo o que escrever, irei como que conversando com minhas irmãs. Seria desatino pensar em fazer bem a outras pessoas. Nosso Senhor não me fará pequena mercê se isto servir a alguma delas, para louvá-lo um pouquinho mais. Bem sabe Sua Majestade que não tenho outra ambição.

Está muito claro que, se me for dado atinar com algum ponto, todas sabem que não vem de mim. Não há motivo para pensar de outro modo. A não ser que alguma tenha tão pouco entendimento quanto eu habilidade para coisas semelhantes, quando o Senhor, por sua misericórdia, não me torna capaz.

PRIMEIRAS MORADAS

Há nelas dois capítulos

Capítulo 1

Beleza e dignidade de nossas almas. Uma comparação para dar melhor a entender essa verdade e conhecer as graças que recebemos de Deus. A porta do castelo é a oração.

1. Pedindo hoje a Nosso Senhor que falasse por mim, pois não achava assunto, nem sabia por onde começar, a fim de cumprir esta obediência, veio-me à mente o que agora vou explicar. Servirá para tudo o que disser.

Consideremos nossa alma como um castelo, feito de um só diamante ou de limpidíssimo cristal. Neste castelo existem muitos aposentos, assim como no céu há muitas moradas.[1]

Se refletirmos bem, irmãs, veremos que a alma do justo é nada menos que um paraíso, onde o Senhor, como ele mesmo diz, acha suas delícias.[2]

Que vos parece? Como será o aposento onde se compraz um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão rico de todos os bens? Nada posso imaginar comparável à beleza de uma alma e a sua imensa capacidade. Por agudas que sejam, as nossas inteligências não chegam a compreendê-la verdadeiramente, assim como não compreendem a Deus. É ele próprio quem diz nos ter criado à sua imagem e semelhança.[3]

Se assim é — e nisso não há dúvida — não nos cansemos tentando descrever a formosura deste castelo. Entre ele e Deus existe a diferença que vai da criatura ao Criador. Em suma, é coisa criada. Mas basta Sua Majestade afirmar que a fez à sua imagem, para termos uma longínqua ideia da grande dignidade e beleza da alma.

2. Não é pequena lástima e confusão não nos entendermos a nós mesmos, por nossa culpa, nem sabermos quem somos.

Se perguntássemos a uma pessoa quem ela é, e não soubesse responder, nem dizer quem foi seu pai, sua mãe, ou a terra em

que nasceu, seria grande ignorância, coisa mais própria de animal que de homem.[4]

Bem maior, sem comparação, é a nossa insensatez, desconhecendo nosso valor e concentrando toda a atenção no corpo. Sabemos muito por alto que nossa alma existe, porque assim ouvimos dizer e a fé nos ensina. Mas as riquezas que há nesta alma, seu grande valor, quem nela habita — eis o que raras vezes consideramos.

O resultado é não fazermos caso de sua beleza, nem procurarmos com todo cuidado conservá-la. Todos os desvelos se consomem no grosseiro engaste, nas muralhas deste castelo, que são nossos corpos.

3. Consideremos agora como este castelo tem muitos aposentos ou moradas: umas no alto, outras embaixo, outras dos lados. No centro, no meio de todas está a principal, onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma.

É preciso prestar muita atenção a esta comparação. Por meio dela, talvez queira Deus que eu explique algumas das graças que ele concede às almas e a diferença entre essas graças. Desejo explicar tudo até onde me for dado fazê-lo.

São tantas e tamanhas as graças, que ninguém seria capaz de conhecê-las todas, quanto menos eu, que sou tão ruim. Quanto a vós, se as receberdes do Senhor, sentireis grande consolo, sabendo que ele as pode fazer. Quem não as experimentar, terá motivos para louvar a infinita bondade de Deus.

Como não nos prejudica pensar na glória do céu e na felicidade dos bem-aventurados, antes nos causa alegria e nos estimula a alcançar o que eles gozam, assim também não nos prejudica sabermos que é possível, ainda neste desterro, tão grande Deus comunicar-se a vermezinhos asquerosos como nós. Será ocasião para amarmos uma bondade tão excessiva e misericórdia tão sem limites.

Quem se escandalizar de saber que Deus faz grandes graças, já neste exílio, tenho por certo que está muito desprovido de humildade e de amor do próximo. A não ser assim, como não se

alegrar em que Sua Majestade dê a entender suas grandezas, seja a quem for, e faça tais favores a um irmão nosso? Isso não impede que o faça também a nós.

Algumas vezes, agirá dessa forma para manifestar sua grandeza a quem lhe apraz, como declarou a respeito do cego ao qual deu vista, quando os apóstolos lhe perguntaram se aquela cegueira era devida aos próprios pecados ou aos de seus pais.[5]

O Senhor faz estes favores a certas almas, não por serem mais santas que outras, mas para dar a conhecer as grandezas divinas — como, por exemplo, a são Paulo e a Madalena — e para que o louvemos em suas criaturas.

4. Pode-se objetar que tais coisas parecem impossíveis, não convindo escandalizar os fracos. Contudo, é menor mal não crerem alguns que privar do proveito espiritual as almas favorecidas por Deus. Estas ficarão consoladas e estimuladas a amar sempre mais Aquele que, possuindo tão grande poder e majestade, usa de tanta misericórdia para com elas.

Por outro lado, tenho certeza de me dirigir a almas que não estão sujeitas a tal perigo. Sabem e creem que Deus ainda pode dar provas de amor muito maiores. Quem se recusa a crer, jamais terá a experiência. Isso posso garantir. O Senhor gosta muito de quem não põe limites a suas obras. Por conseguinte, irmãs, jamais vos aconteça frear a bondade de Deus. Dirijo-me às que não forem levadas por este caminho.

5. Voltando agora ao nosso agradável e maravilhoso castelo, vejamos como se há de fazer para penetrar no seu interior. Parece disparate falar assim, porque se a alma é o castelo, claro está que não entra nele, sendo ambos uma só coisa. Com efeito, à primeira vista, pode ser desatino; é como dizer a alguém que entre numa sala onde já se encontra.

Mas ficai sabendo: há grande diferença entre os modos de estar num mesmo lugar.[6] Muitas almas andam em torno do castelo, onde as sentinelas montam guarda. Não têm interesse em entrar nele. Não sabem o que existe nessa esplêndida mansão,

nem quem mora nela, nem mesmo os salões que contém. Não ouvistes dizer que alguns livros de oração aconselham a alma a entrar dentro de si mesma? É esse o meu pensamento.

6. Uma pessoa muito douta dizia-me, há pouco tempo, que as almas sem oração são semelhantes a um corpo entrevado ou paralítico. Embora tenha pés e mãos, não os pode mover. É bem verdade. Há almas tão enfermas e tão mergulhadas nas coisas exteriores, que dão a impressão de não haver remédio nem possibilidade de as fazer entrar em si mesmas. É tal a força do costume de tratarem continuamente com as sevandijas e feras[7] das cercanias do castelo, que já se tornaram, por assim dizer, semelhantes a elas. Embora tão ricas de natureza, capazes de conversar com o próprio Deus, não há remédio que lhes valha. Se não procuram entender e remediar sua extrema miséria, olhando para si, tornam-se estátuas de sal, como aconteceu à mulher de Ló, por voltar a cabeça e olhar para trás.[8]

7. Pelo que entendo, a porta para entrar neste castelo é a oração, a meditação. Não digo oração mental mais que vocal. Para ser oração é necessária a reflexão. Não chamo oração mexer com os lábios sem pensar no que dizemos, nem no que pedimos, nem quem somos nós, nem quem é Aquele ao qual nos dirigimos. Algumas vezes poderá acontecer isso a pessoas que se esforçam por rezar bem, mas será por motivos que se justificam, e será boa a oração.

Porém, o costume de falar à Majestade de Deus como quem fala a um estranho, dizendo o que lhe vem à cabeça, sem reparar se está certo, por ter decorado ou repetido muitas vezes, — a isso não tenho em conta de oração. Não permita Deus que cristão algum reze desse modo! Entre nós, irmãs, espero em Sua Majestade, jamais haverá tal. Nosso costume é tratar de coisas interiores, o que é muito bom para não cair em semelhantes brutezas.[9]

8. Não me refiro a almas tolhidas, como o enfermo que jazia há trinta anos na piscina.[10] Estas, se o próprio Senhor não vier e mandar que se levantem, são bem desventuradas e correm grande perigo.

Dirijo-me às almas que querem entrar no castelo. Embora muito metidas no mundo, têm bons desejos. Encomendam-se uma vez por outra a Nosso Senhor. Refletem um pouco sobre si mesmas, não muito detidamente. No espaço de um mês, um dia ou outro, rezam distraídas com mil negócios a lhes encherem o pensamento. A eles estão de tal modo apegadas, que o coração se lhes vai, como se costuma dizer, para onde está o seu tesouro.[11]

De quando em quando procuram libertar-se. Já é grande coisa o próprio conhecimento e reconhecer que não caminham bem para acertar finalmente com a porta do castelo. Acabam entrando nas primeiras salas de baixo. Juntamente com elas entram tantas sevandijas, que nem lhes deixam ver a beleza do castelo, nem lhes dão sossego. Entretanto, foi muito terem entrado.

9. Achareis, filhas, que tudo isso sai do assunto. Pela bondade do Senhor não sois deste número. Tende paciência! A não ser deste modo, não saberei explicar algumas coisas íntimas de oração como as tenho entendido. E praza a Deus que ainda acerte em dar-vos alguma ideia do que vos quero explicar. Quando não há experiência é assunto difícil de entender. Se a tiverdes, vereis que não posso deixar de referir-me a certos pontos que, permita o Senhor por sua misericórdia, nunca nos digam respeito.

Capítulo 2

Deformidade da alma em pecado mortal. Aprouve a Deus dá-lo a entender em parte a uma pessoa. O próprio conhecimento. É capítulo proveitoso. Encerra alguns pontos dignos de nota. Como se hão de entender estas moradas.

1. Antes de passar adiante, façamos uma consideração sobre este castelo tão resplandecente e formoso, esta pérola oriental, árvore da vida, plantada nas águas vitais da própria Vida: Deus. Que acontece quando se comete algum pecado mortal? Não há trevas mais densas, nem coisa mais escura e negra: a tudo excede sua escuridão.

Basta dizer que o mesmo Sol, que lhe dava tanto esplendor e beleza, está ainda no centro da alma, mas é como se aí não estivesse. Como o cristal tem aptidão para refletir o esplendor do sol, a alma ainda possui a capacidade de desfrutar a suprema felicidade comunicada por Sua Majestade. Contudo, não participa mais da luz divina, que em nada lhe aproveita. Estando em pecado mortal, todas as boas obras que faz não lhe trazem merecimento algum para alcançar o céu, nem são agradáveis a Deus. Não procedem daquele princípio pelo qual nossa virtude é virtude, isto é, Deus. Procedem de uma alma apartada dele.

Em suma, a intenção de quem está em pecado mortal não é a de contentar o Senhor, e sim de dar prazer ao demônio. Sendo este as próprias trevas, a pobre alma torna-se tenebrosa, trevas como ele.

2. Sei de uma pessoa[1] a quem Nosso Senhor quis mostrar como fica uma alma em pecado mortal. Diz ela que, se todos entendessem o que seja, nem um só homem seria capaz de pecar, ainda que tivesse de sujeitar-se aos maiores tormentos para fugir das ocasiões.

Desde então essa pessoa sentiu imenso desejo de persuadir a todos dessa verdade. O Senhor vos dê, filhas, o mesmo desejo de

rogar muito a Deus pelos que se acham nesse estado, reduzidos a completa escuridão, tanto eles quanto suas obras.

Assim como são límpidos os arroios que brotam de uma fonte muito clara, as obras da alma em estado de graça são extremamente agradáveis aos olhos de Deus e dos homens. Procedem desta fonte de vida em que está plantada a alma, à semelhança de uma árvore à beira de um rio. Não teria frescura nem fertilidade se não fosse a vizinhança das águas que a sustentam, dão viço e cobrem-na de frutos saborosos.

Pelo contrário, a alma que por sua própria culpa se afasta da fonte viva e lança raízes em águas lodosas e fétidas, só produz desventura e imundície.

3. Aqui podemos considerar uma coisa: a fonte, ou por melhor dizer, o Sol que resplandece no íntimo da alma não perde seu fulgor e formosura. Nada seria capaz de empanar-lhe o brilho. Mas se a alma estiver como um cristal coberto por um pano espesso e negro, então é evidente que, dardejando o sol, seus raios não resplandeceriam no cristal.

4. Ó almas remidas pelo sangue de Jesus Cristo! Compreendei vosso estado e tende compaixão de vós mesmas! Persuadidas dessa verdade, será possível que não procureis tirar de vós esse piche — o pecado — que obscurece o cristal? Pensai bem: se a vida se vos acaba nesse estado, jamais tornareis a desfrutar desta luz!

Ó Jesus! Que espetáculo o de uma alma apartada de vós, de vossa luz! Em que estado ficam os míseros aposentos do castelo! Como andam perturbados os sentidos, quero dizer, a gente que aí vive! E as faculdades da alma — que são os guardas, os mordomos, os mestres-sala! Com que cegueira, com que mau governo desempenham suas funções! Em uma palavra: se a árvore está plantada em terreno do demônio, que fruto pode dar?

5. De um homem espiritual ouvi certa vez que não se espantava dos excessos cometidos por quem está em pecado mortal, mas sim dos que deixa de cometer. Deus, por sua misericórdia, nos

livre de tão grande mal. Nesta vida, só o pecado merece ser chamado de mal, por acarretar males eternos e para sempre. Isso, filhas, é o que nos deve encher de temor e o que havemos de pedir a Deus em nossas orações. Se ele não guardar a cidade,[2] em vão trabalharemos, pois somos a própria vaidade.

Aquela pessoa a quem foi mostrada uma alma em pecado mortal, afirmava haver tirado dois proveitos da graça recebida de Deus. O primeiro foi um temor grandíssimo de ofendê-lo. Ao ver tão terríveis estragos, suplicava constantemente ao Senhor que não a deixasse cair. O segundo foi um espelho para a humildade, onde via como nenhuma coisa boa que façamos procede de nós. O seu princípio encontra-se naquela fonte de água viva, em cuja ribeira está plantada a árvore de nossas almas e no divino sol que dá calor e fertiliza nossas obras.

Representou-se-lhe essa verdade tão claramente que, ao fazer alguma boa ação ou vendo outros fazê-la, pensava logo naquele que é princípio de todo bem. Compreendeu como, sem seu auxílio, de nada somos capazes. Prorrompia então em louvores a Deus e nem se lembrava de si, quando praticava bons atos.

6. Se ao menos nos ficarem esses dois ensinamentos, irmãs, não será tempo perdido o que gastamos, vós em lerdes e eu em escrever isto. Os letrados e entendidos os conhecem muito bem. Mas a nossa ignorância de mulheres tem necessidade de tudo quanto há. Talvez por isso queira o Senhor que chegue até nós a inspiração de semelhantes comparações. Praza a sua bondade conceder-
-nos graça para tirarmos fruto delas!

7. São muito obscuros e difíceis de entender esses assuntos íntimos das almas. Quem, como eu, sabe tão pouco, dirá forçosamente coisas supérfluas e até disparates, antes de acertar com palavras adequadas.

Quem ler o que escrevo arme-se de paciência, assim como eu também preciso dela para escrever o que está acima de meu alcance. Algumas vezes tomo o papel como criatura boba, sem

saber o que dizer nem por onde começar. Mas bem entendo quanto é importante explicar o melhor que puder, alguns pontos da vida interior.

De fato, sempre ouvimos falar da excelência da oração. Pelas nossas Constituições estamos obrigadas a ela durante várias horas por dia. Mas as Constituições só nos exortam sobre aquilo que podemos fazer por nós mesmas. Pouco se fala dos prodígios que Deus realiza nas almas — quero dizer, por via sobrenatural. Explicando tais coisas de muitas maneiras, será grande consolo para nós considerar este edifício celestial interior, tão desconhecido dos mortais, embora muitos vagueiem por ele.

Em outros escritos que tive ocasião de redigir, o Senhor deu-me alguma luz sobre estes assuntos. Vejo, porém, que eu não compreendia, como agora, certas coisas, especialmente as mais difíceis. O pior é que terei de repetir coisas sabidíssimas. Não pode ser por menos, considerando a rudeza do meu engenho.

8. Voltemos agora ao nosso castelo de muitos aposentos. Não haveis de imaginá-lo uns depois de outros, enfileirados. Não! Ponde os olhos no centro: aí está o salão principal, onde se encontra o Rei. Considerai-os como num palmito. Para chegar à medula saborosa, há muitas camadas envolvendo-a inteiramente. Assim aqui: em redor e também por cima deste salão há muitos outros salões, iluminados pelo Sol que reside no centro e se comunica a todas as dependências.

Efetivamente, sempre se devem considerar as coisas da alma com plenitude, amplidão, grandeza, sem receio de exagerar. Sua capacidade excede qualquer consideração humana.

O que muito importa para qualquer alma que tenha oração, pouca ou muita, é não haver constrangimento, não se sentir obrigada a fixar-se num único lugar. Deixem-na circular por estas moradas, em cima, embaixo, dos lados, já que Deus a elevou a tão grande dignidade. Não a forcem a estar muito tempo numa só peça, ainda que seja a do próprio conhecimento, por mais necessário que seja.

Quero que me entendam bem: mesmo aquelas que o Senhor tiver atraído ao aposento íntimo em que ele se encontra, por enlevadas que aí estejam, não se descuidem do conhecimento próprio. Nem poderão descuidar, ainda querendo, porque a humildade é como abelha, não fica ociosa, está sempre lavrando o mel na colmeia. Sem isso, vai tudo perdido.

Por outro lado, consideremos que a abelha não deixa de sair e voar para sugar as flores. A alma ocupada em conhecer-se, alce voo algumas vezes. Considere a grandeza e majestade de seu Deus. Constatará sua baixeza muito mais do que olhando para si. Estará mais a salvo dos animalejos imundos que entram nas primeiras peças, as do conhecimento próprio. Embora seja grande misericórdia de Deus exercitar-se no próprio conhecimento, o mais está incluído no menos, como se costuma dizer. E creiam-me: com a virtude de Deus, praticaremos melhor a virtude do que vivendo atadas ao nosso barro.

9. Não sei se falei bem claro. É tão importante este conhecimento de nós mesmas, que não quisera jamais descuido neste ponto, por elevadas que estejais nos céus. Enquanto vivemos nesta terra, não há coisa que mais importe para nós do que a humildade.

Torno a dizer: é muito bom, é sumamente bom entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio, antes de voar aos outros. É este o caminho. Se podemos ir por estrada segura e plana, porque desejar asas para voar? Tratemos, pelo contrário, de progredir no primeiro aposento, aprofundando o conhecimento de nós mesmas.

Se não procuramos conhecer a Deus, jamais acabaremos de nos conhecer a nós mesmas. Olhando-lhe a grandeza, percebemos nossa abjeção. Contemplando-lhe a pureza, vemos nossa sujeira. Considerando-lhe a humildade, conhecemos como estamos longe de ser humildes.

10. Há nisso duas vantagens: primeiramente, claro está que uma coisa branca parece mais alva junto a uma preta e, pelo

contrário, uma preta junto a uma branca. Segundo: nossa inteligência e nossa vontade se enobrecem e se tornam mais aptas para todo bem, pelo fato de se ocuparem ora de si, ora de Deus. Há muitos inconvenientes em nunca sairmos do lodo de nossas misérias.

Falando há pouco dos que estão em pecado mortal, dizíamos como são lodosos e fétidos os charcos de suas águas. Aqui não acontece o mesmo, embora — Deus nos livre! — as águas não sejam tão poluídas. É apenas uma comparação.

Se ficarmos sempre metidos na miséria de nosso barro, nunca dele brotarão arroios limpos, sem a lama dos temores, da pusilanimidade, da covardia, de pensamentos como os seguintes: "estão me olhando — não me estão olhando"; "por este caminho não me sairei bem"; "ousarei começar aquela obra?"; "será soberba uma pessoa tão miserável como eu tratar de assuntos tão altos como a oração?"; "vão me achar melhor que os outros, porque não sigo o caminho de todos"; "não são bons os extremos, ainda em matéria de virtude"; "como sou tão pecadora, cairei de mais alto"; "talvez não vá adiante e faça mal aos bons"; "a uma como eu, não convém singularidades".

11. Valha-me Deus, filhas! Quantas almas terá o demônio arruinado por este meio! Torcendo o conhecimento próprio, tudo parece humildade. Todos os danos provêm de não nos conhecermos devidamente. Não me espanto desses e de outros males ainda maiores que se podem recear, pelo fato de nunca sairmos de nós mesmas.

Por isso vos digo, filhas: ponhamos os olhos em Cristo, nosso bem. Dele e de seus santos aprendamos a verdadeira humildade. Nosso intelecto se enobrece e nosso conhecimento próprio não nos deixa rasteiros e covardes.

Ainda que esta seja apenas a primeira morada, é extremamente rica e de grande valor. Quem consegue escapulir das sevandijas, não deixa de passar adiante. Terríveis são os ardis e manhas do demônio, para que as almas não se conheçam, não progridam, nem entendam o caminho a seguir.

12. Destes primeiros aposentos, por experiência, posso dar-vos boas informações. Ninguém imagine que sejam poucas salas. São milhares. E as almas entram aqui de muitas maneiras.

Todas têm boa intenção. Mas é tão mal intencionado o demônio, que guarnece cada aposento de muitas legiões de seus emissários, a fim de impedirem a passagem de umas peças para as outras. Como a pobre alma não o entende, ele a engana de mil maneiras. À medida que ela vai entrando nas salas mais próximas de onde está o Rei, o maligno vai perdendo força, conseguindo menos.

Nas primeiras salas ainda se trata de pessoas absorvidas pelo mundo, engolfadas nos contentamentos, desvanecidas com as honras e pretensões mundanas. Os vassalos da alma, que são os sentidos e as faculdades, não possuem aquela força primordial com a qual, por natureza, Deus os criou. Facilmente essas almas se deixam vencer, embora desejem não ofender a Deus e façam boas obras.

Quem se vir neste estado, terá necessidade de recorrer frequentemente, quanto puder, a Sua Majestade. Tome por intercessores a bendita Mãe de Deus e todos os santos, para que venham lutar junto a si, já que seus criados são tão fracos para defendê-la. Na verdade, em todos os estados é preciso que o auxílio nos venha do Senhor. Digne-se Sua Majestade conceder-nos essa fortaleza, por sua misericórdia. Amém.

13. Como é miserável a vida em que vivemos! Tendo falado longamente em outra parte,[3] filhas, sobre o dano que nos provém de não compreendermos bem a humildade e tudo que se refere ao conhecimento próprio, não me estendo mais aqui. Trata-se, entretanto, daquilo que mais nos importa. Praza a Deus tenha eu dito alguma coisa que vos aproveite!

14. Nestas primeiras moradas chega pouca luz do salão principal, onde está o Rei. Não estão às escuras, tenebrosas, como quando a alma está em pecado. Estão, contudo, obscurecidas. Quem aí vive não enxerga bem. Não por defeito do aposento, mas porque,

juntamente com a alma, entraram tantos animalejos nocivos e peçonhentos, além de cobras e víboras, que não a deixam ver a luz.

Não sei explicar melhor. É como se alguém, com cisco nos olhos, quase sem poder abri-los, entrasse num lugar onde o sol está dando em cheio. A sala está clara, mas a pessoa não goza da claridade pelo impedimento que traz em si. Em nosso caso, são os répteis e animais daninhos que cegam e obrigam a fechar os olhos, para não ver outra coisa senão eles.

Uma alma que vive totalmente mergulhada nas coisas do mundo, imersa no dinheiro, ou nas honras, ou nos negócios, deve ser assim. Embora não esteja em mau estado e deseje sinceramente ver e apreciar sua própria formosura, parece impossível desvencilhar-se de tantos impedimentos.

Para ingressar nas segundas moradas, convém, logo de início, abrir mão das relações e negócios desnecessários, cada um segundo seu próprio estado. É coisa importantíssima. Do contrário, acho impossível chegar até o salão principal ou mesmo conservar-se sem perigo, nesses primeiros aposentos, entre animais virulentos, que não deixarão de morder uma vez por outra.

15. Que seria, filhas, se almas livres desses tropeços, como somos nós, que entramos mais adentro nas outras moradas íntimas do castelo, por nossa culpa saíssemos em busca de agitações mundanas? Por nossos pecados, deve haver muitas pessoas favorecidas pelas graças divinas que, por própria culpa, se despenham nessas misérias. Aqui, estamos livres quanto ao exterior. No interior, praza ao Senhor que o estejamos. Ele próprio nos preserve de tanto mal.

Guardai-vos, filhas minhas, de cuidados alheios. Em poucos aposentos deste castelo os demônios deixam de nos combater. É verdade que, em algumas salas, as faculdades — isto é, os guardas — têm força para resistir. É de suma necessidade não haver descuido de nossa parte em desmascarar os ardis do demônio e em não nos deixarmos enganar pelo inimigo

transfigurado em anjo de luz. Há inúmeras coisas em que nos pode causar dano, insinuando-se pouco a pouco, sem se dar a perceber. Quando descobrimos, o mal está feito. Já vos disse, de outra vez, que ele trabalha em nós como lima surda.[4] É preciso descobrir-lhe as manobras desde o princípio.

16. Quero dar alguns exemplos para melhor vos fazer entender o que acontece. Inspira o demônio a uma irmã frequentes ímpetos de penitência. Parece que só tem sossego quando se está atormentando. Bom é esse desejo. Suponhamos que a priora lhe proíba de fazer penitências sem sua permissão. O demônio persuade aquela irmã de que, em coisa tão meritória, bem pode dar-se alguma liberdade. Se a irmã, às ocultas, continua a macerar-se, acaba não cumprindo o que a Regra manda e perdendo a saúde. Vedes onde foi parar esse fervor!

A outra irmã, o demônio infunde extraordinário zelo da perfeição, o que é ótimo. Daqui pode resultar parecer-lhe grande infração qualquer faltinha das demais. Põe-se a vigiar com cuidado e a examinar tudo o que fazem, recorrendo à priora para dar queixas. Ainda, às vezes, pelo grande zelo da observância religiosa, chegará a não ver suas próprias faltas, como as veem as outras irmãs. Estas, notando esse cuidado e não lhe entendendo as intenções, poderão interpretá-lo desfavoravelmente.

17. Com isso o maligno pretende não pouco: é esfriar a caridade e o amor de umas para com as outras, o que é grande mal. Convençamo-nos, filhas minhas, de que a perfeição verdadeira consiste no amor de Deus e do próximo. Quanto mais fielmente guardarmos esses dois mandamentos, tanto mais seremos perfeitas. Toda a nossa Regra e as nossas Constituições são apenas meios para mais perfeitamente guardarmos esses dois preceitos. Deixemo-nos de zelos indiscretos, que nos podem causar muitos prejuízos. Cada uma olhe para si. Como em outra parte falei longamente sobre esse ponto, não me estenderei mais aqui.[5]

18. Por ser muito importante este amor de umas para com as outras, desejaria eu que nunca o perdêsseis de vista. Pelo contrário: por andar reparando nas irmãs umas ninharias — que às vezes nem são imperfeições, mas pela nossa ignorância o lançamos à pior parte — pode a alma perder a paz e até inquietar as demais. Como custaria caro a perfeição!

Neste ponto, o inimigo poderia também tentar alguma irmã contra a priora. O perigo seria maior. Aqui é preciso muita discrição. Se as faltas que se percebem na priora vão contra a Regra e as Constituições, nem sempre convém interpretá-las bem. Seria preciso avisar a própria priora. Se ela não se emendar, dar conta ao prelado. É ato de caridade.

O mesmo digo em relação às irmãs. Seria a própria tentação deixar passar uma falta grave pelo receio de ser tentação. É necessário refletir muito e jamais falar nesses assuntos com alguma companheira, para que não nos engane o demônio. Caso contrário, este sairia com grande lucro e introduziria o hábito da murmuração. Só devemos falar àquela a quem possa aproveitar o aviso, como já disse. Aqui, glória a Deus, não há outra ocasião para isso, graças ao contínuo silêncio. Mas é bom estarmos sempre de sobreaviso.

SEGUNDAS MORADAS

Há nelas um só capítulo

Capítulo Único

Muito importa a perseverança para chegar às últimas moradas. Grande guerra faz o demônio. Quanto convém não errar o caminho no princípio, para chegar ao termo. Um meio muito eficiente.

1. Vejamos agora quais são as almas que entram nas segundas moradas e em que se ocupam aí. Quero ser breve, porque em outras partes[1] o expliquei longamente. Contudo, não me lembrando mais do que escrevi, será impossível não repetir muitas coisas. Se conseguisse dizê-lo de forma diferente, bem sei que não vos enfadaria, assim como não nos cansam os livros que tratam deste assunto, embora sejam muitos.

2. Nestas segundas moradas ou aposentos, trata-se de pessoas que já começaram a ter oração e entendem quanto lhes importa não ficar nas primeiras salas. Em geral, são almas que não têm a firmeza necessária para passar adiante definitivamente. Não abandonam as ocasiões, o que é muito perigoso. Procuram de vez em quando fugir das cobras e bichos venenosos, o que é grande misericórdia de Deus. Conscientes de que devem afastar-se deles, estas almas não vivem em tantos perigos, porque já os conhecem. Por outro lado, sofrem mais que nas primeiras moradas. Há grande esperança de entrarem mais adentro.

Sofrem mais, digo, porque nas primeiras salas eram como surdos-mudos: não ouviam e suportavam melhor o sofrimento de não falar. Muito pior seria ouvir e não poder responder. Nem por isso é melhor a sorte dos que não ouvem. Grande coisa é entender o que nos dizem. Assim acontece com as almas nesses segundos aposentos: percebem melhor os chamamentos e convites diversos que faz o Senhor, à medida que se vão chegando para mais perto do centro, onde está Sua Majestade, que é muito bom vizinho e de imensa misericórdia e bondade.

Imersos em nossos pensamentos, negócios, prazeres e seduções do mundo, ora caindo em pecados, ora levantando-nos

— no perigoso convívio desses animais peçonhentos e buliçosos, é milagre deixar de tropeçar e cair — apesar de tudo, este Senhor nosso preza sumamente que o amemos e desejemos sua companhia. Não nos deixa de chamar de vez em quando, para que nos aproximemos dele. Sua voz é tão doce, que a pobre alma, incapaz de executar imediatamente o que lhe pede, sente-se aniquilada. Sofre mais do que se não ouvisse a voz divina.

3. Não digo que estes convites e vozes sejam como outros de que falarei depois. São palavras que se ouvem de gente boa, ou sermões, ou leituras de bons livros e outras coisas que nos são ditas em determinadas ocasiões, das quais Deus se serve para nos chamar. Ou ainda doenças, sofrimentos, e também certas verdades que ele nos ensina nos momentos passados em oração. Deus dá muito valor a esses momentos, por mais frouxos e sem fervor que estejamos.

E vós, irmãs, não tenhais em pouco esta primeira graça, nem vos entristeçais se o Senhor não responder logo. Sua Majestade aguarda muitos dias e anos, especialmente quando vê perseverança e bons desejos.

Terrível é a guerra que aqui fazem, de mil maneiras, os demônios. Os tormentos são maiores que na sala anterior, onde a alma estava surda e muda, ouvia muito pouco e quase não resistia, como quem perdeu em parte a esperança de vencer. Nesta segunda morada, o intelecto está mais vivo e as faculdades são mais hábeis. Os golpes e descargas de artilharia são de tal modo estrondosos, que não podem deixar de ser ouvidos. Os demônios põem-se a representar os prazeres mundanos — que são as cobras — como sendo quase eternos. Relembram os amigos e parentes da estima em que é tida a pessoa por toda parte. Sugerem mil outras dificuldades imaginárias, inclusive a saúde, comprometida pela penitência. É que sempre, nesta morada, começam a aparecer os desejos de fazer alguma penitência.

4. Ó Jesus, em que complicações os demônios metem aqui a pobre alma! Nessas aflições, ela não sabe mais se vai adiante ou se volta para a primeira morada. Por outro lado, a razão lhe faz ver que o engano está em dar valor a tais coisas, em comparação do sumo Bem ao qual aspira. A fé lhe ensina o verdadeiro caminho. A memória recorda-lhe o fim em que vão parar todas as vaidades mundanas, trazendo-lhe à lembrança mortes — algumas repentinas — de pessoas conhecidas, que gozaram muito dessas frivolidades. Quão depressa foram esquecidas por todos! Alguns, conhecidos em grande prosperidade, jazem debaixo da terra pisada pelos transeuntes. Quantas vezes, ao passar por uma dessas sepulturas, considera que ali está aquele corpo fervilhando de vermes! E assim outras coisas que lhe passam pela mente.

A vontade inclina-se a amar Aquele no qual descobre tão infinitos atrativos. Quisera corresponder a tantas provas de amor, especialmente ao ver como este verdadeiro amigo, longe de se apartar de nós, acompanha-nos, dá-nos o ser e a vida.

Por sua vez, o intelecto acode e mostra-lhe que jamais achará melhor amizade, ainda que viva muitos anos. O mundo todo está cheio de falsidade e os prazeres que o demônio lhe oferece estão saturados de sofrimentos, inquietações e contradições!

Diz-lhe ainda a razão: fora deste castelo — tenha certeza — a alma não achará segurança nem paz. Deixe de andar pelas casas alheias. Sua própria casa está repleta de bens, se os quiser saborear. Onde poderá achar tudo de que precisa como em sua casa? Especialmente tendo tal Hóspede, que lhe dará domínio sobre todas as suas riquezas, se consentir em não andar perdida, como o filho pródigo, em busca do alimento dos animais imundos.[2]

5. Estas razões são mais que suficientes para vencer o maligno. Ó Senhor e Deus meu! O costume de viver entre mil vaidades e o espetáculo de um mundo que só trata de frivolidades põe tudo a perder. A fé está tão amortecida, que preferimos as coisas visíveis às realidades que ela nos ensina. No entanto, vemos com os

nossos olhos como são infelizes os que vivem em busca dessas coisas vãs.

Todo mal nos vem desses bichos venenosos, com os quais lidamos. Como uma pessoa mordida de víbora fica toda envenenada e se põe a inchar, assim acontece conosco. Claro está que, para sarar, será preciso submetermo-nos a repetidas curas e tratamentos. Muito favor nos faz Deus em não morrermos de tão grave mal.

Não há dúvida — aqui a alma passa por grandes sofrimentos. Especialmente quando, por seus costumes e condições, o demônio percebe ter ela capacidade para adiantar-se muito no serviço de Deus. Convocará todo o inferno para obrigá-la a sair do castelo.

6. Ah! Senhor meu! Aqui a única esperança é vosso auxílio, sem o qual nada se faz. Por vossa misericórdia, Senhor! Não consintais que esta vossa criatura seja enganada e deixe o caminho começado! Dai-lhe luz para que veja como todo o seu bem está em não voltar atrás e apartar-se das más companhias.

É grandíssima vantagem para uma alma que se dá à oração tratar com os que deveras servem a Deus. Chegar-se não só aos que estão nos mesmos aposentos, mas aproximar-se dos que já entraram nos salões vizinhos ao do Rei, o que logo se conhece. De tanto conversar com eles, resulta trazê-la para onde estão, o que muito a ajudará.

Mas esteja sempre alerta para não se deixar vencer pelo demônio. O inimigo se afastará depressa, vendo uma total determinação de não voltar às primeiras moradas, de antes perder a vida, o descanso e tudo o que ele oferece. Determine-se energicamente a lutar contra todos os demônios, na convicção de que não há melhores armas que as da cruz! Seja viril, seja homem, e não faça como os que se deitavam de bruços para beber, quando marchavam para o combate, não me recordo com quem.[3]

7. Embora já tenha dito de outras vezes,[4] vou repetir aqui um aviso, por ser muito importante. É o seguinte: nestes princípios, nunca se lembrem de que existem gostos e alegrias espirituais. Seria maneira muito baixa de começar a construção de um edifício tão precioso e magnífico. Lançando alicerces na areia, dariam com tudo no chão e viveriam sempre desgostosos e tentados. Não são estas as moradas em que chove o maná. Elas estão mais adiante, onde tudo tem sabor de acordo com os desejos da alma. Ela só quer o que Deus quer.

É engraçado! Ainda estamos metidos em mil embaraços e imperfeições. As nossas virtudes apenas principiaram a brotar — e praza a Deus que algumas tenham principiado a nascer — não sabem ainda andar. Todavia, não temos vergonha de queixarmo-nos de securas e de querer gostos na oração! Jamais vos aconteça isso, irmãs! Abraçai-vos com a cruz que vosso Esposo levou às costas e convencei-vos de que esta há de ser a vossa empresa. Aquele que, por amor, puder padecer mais, padeça mais por ele, e lhe caberá a melhor parte. Considerai o resto como acessório. Se o Senhor o quiser dar, rendei-
-lhe muitas graças.

8. Direis talvez que estais bem resolvidas a abraçar os sofrimentos exteriores, contanto que Deus vos console interiormente. Sua Majestade sabe melhor o que nos convém. Não nos compete aconselhá-lo sobre o modo de nos distribuir seus dons. Com razão, poderia ele responder que não sabemos o que pedimos.[5]

Todo empenho de quem começa a ter oração — e nunca o esqueçais, pois é de suma importância — há de ser trabalhar e determinar-se a conformar sua vontade com a do Senhor dispondo-se com toda a diligência possível. E ficai muito certas: nisso consiste a maior perfeição a que se pode chegar no caminho espiritual, como direi adiante. Quanto mais perfeita for esta conformidade, maiores graças receberemos do Senhor e mais adiantadas estaremos neste caminho.

Não penseis que haja aqui grandes complicações, nem coisas ignoradas e ocultas. Todo nosso bem está nessa convicção. Se erramos desde o começo, querendo que o Senhor faça logo nossa vontade e nos leve por onde imaginamos, que solidez pode ter o edifício?

Ao contrário, façamos tudo o que estiver em nossas mãos para evitar o contato com essas sevandijas venenosas. Muitas vezes Deus permite que securas e maus pensamentos nos persigam e aflijam, sem que os possamos lançar para longe de nós. Permite mesmo, algumas vezes, sermos mordidos, para que aprendamos a nos guardar melhor no futuro, e para provarmos que deveras nos pesa ter ofendido a Deus.

9. Não desanimeis, portanto, quando vos acontecer cair. Nem deixeis de querer ir adiante. Dessa mesma queda tirará Deus vosso bem, como faz o vendedor de triaga[6] que, para provar sua eficácia, bebe primeiro o veneno. Ainda que não houvesse outro meio de enxergarmos a nossa miséria, o combate renhido, que forçosamente travamos para de novo nos recolhermos, bastaria para reconhecermos o grande mal que nos faz o costume de andar dissipadas.

Haverá maior mal do que não podermos estar em nossa própria casa? Se em nosso próprio lar não achamos sossego, que esperança teremos de encontrá-lo em casas alheias? Nossos verdadeiros amigos e mais íntimos parentes, isto é, as nossas faculdades, com as quais somos obrigados a conviver, ainda mesmo contra a vontade, parecem pedir vingança, como que sentidas da guerra que lhes fizeram nossos vícios.

Paz! Paz! Minhas irmãs — eis as palavras do Senhor, recomendadas tantas vezes a seus apóstolos.[7] Crede-me: se não tivermos e não procurarmos a paz em nossa casa, não a encontraremos nas alheias. Pelo sangue que o Senhor derramou por nós, acabe-se já esta guerra! Peço-o aos que ainda não começaram a recolher-se em si mesmos. Aos que já principiaram, peço que enfrentem todas as dificuldades, para não voltar atrás. Olhem que é pior a recaída que a queda. Quanto tempo perdido!

Confiem na misericórdia de Deus. Em nada confiem em si. Verão como Sua Majestade sabe atrair a alma de morada em morada, até introduzi-la no lugar onde as feras não a atingem nem molestam. Aí ela as subjugará todas e zombará de seus assaltos. Aí experimentará, já nesta vida, tal abundância de bens, como jamais poderia supor. Isso lhes asseguro.

10. Esse começar a recolher-se não há de ser a força de braços, e sim com suavidade, para perseverar num recolhimento mais duradouro e contínuo. Como vos disse no princípio, já escrevi acerca do que haveis de fazer nas perturbações causadas neste ponto pelo demônio,[8] por isso não o direi mais aqui. Só acrescento que é de grande vantagem consultar pessoas experimentadas. O cumprimento de certos deveres e obrigações necessários vos poderá parecer, erroneamente, prejudicial ao recolhimento.

Quando não acharmos quem nos ensine, o Senhor fará tudo redundar em nosso proveito, contanto que não deixemos a oração. Para este mal de deixar a oração não há remédio, senão recomeçar. Do contrário, pouco a pouco a alma irá perdendo cada dia mais. Praza a Deus que ao menos o entenda!

11. Alguma poderia pensar: se é tão grande mal voltar atrás, é preferível não se meter em tal empresa e ficar fora do castelo. Já vos disse desde o princípio e o próprio Senhor o confirma: *Quem anda no perigo, nele perece.*[9] Também vos declarei que a porta para entrar neste castelo é a oração. Ora, é desatino pensar que havemos de entrar no céu sem primeiro entrar em nós mesmos, a fim de conhecer e considerar nossa miséria, os benefícios de Deus e pedir-lhe muitas vezes misericórdia.

O mesmo Senhor diz: *Niguém subirá a meu Pai senão por mim.*[10] Não sei se são exatamente essas as palavras, creio que sim. E também: *Quem me vê a mim, vê a meu Pai.*[11] Ora, se nunca pusermos os olhos nele, nem considerarmos o quanto lhe devemos, nem a morte que por nós padeceu, não sei como o poderemos conhecer e trabalhar no seu serviço.

A fé sem obras, que valor pode ter? E estas, se não estiverem unidas aos merecimentos de Jesus Cristo, nosso bem, o que valerão? Sem a oração, a reflexão, a meditação, quem nos estimulará a amar este Senhor? Praza a Sua Majestade dar-nos a compreender o muito que lhe custamos. Faça-nos ver como o servo não é maior que seu Senhor,[12] o quanto precisamos trabalhar para fruir de sua glória e como nos é indispensável orar, a fim de não andarmos sempre em tentação.[13]

TERCEIRAS MORADAS

Contém dois capítulos

Capítulo 1

Há pouca segurança enquanto se vive neste desterro, ainda mesmo para as almas que chegam a um alto estado. Convém andar com temor. Alguns pontos proveitosos.

1. Aos que, pela misericórdia de Deus, venceram os primeiros combates e, pela perseverança, entraram nas terceiras moradas, que outra coisa diremos senão: *Feliz o homem que teme o Senhor?* [1]

Sou muito rude nestes assuntos e não foi pequena graça de Sua Majestade fazer-me entender agora, tão oportunamente, o sentido das palavras do salmo, em nossa língua. Com razão, chamaremos a estes bem-
-aventurados, felizes. Se não voltam atrás, percorrem com segurança o caminho de sua salvação, tanto quanto posso entender.

Vede, irmãs, como é importante vencer as batalhas precedentes. É certo que o Senhor nunca deixa de premiar a alma, dando-lhe segurança. Disse segurança e disse mal — porque não existe nesta vida. É preciso que me entendais bem: a alma sente segurança se não recua no caminho começado.

2. Grande miséria é viver sempre com inimigos à porta, em contínuo sobressalto, sem poder dormir nem comer desarmado, com receio de que por alguma brecha lhe arrombem a fortaleza. Ó Senhor meu e Bem meu! Como quereis que se deseje vida tão miserável? É impossível que não se queira sair dela, a não ser pela esperança de perdê-la por vosso amor, ou de empregá-la verdadeiramente em vosso serviço. E, sobretudo, pela confiança de estarmos fazendo a vossa vontade. Se é assim, Deus meu, morramos convosco, como disse são Tomé,[2] já que viver sem vós é morrer muitas vezes. Ainda mais com estes temores de vos perder para sempre, o que não é impossível.

Por isso, filhas, a felicidade que havemos de pedir é a de estarmos em segurança, como os bem-aventurados. Junto com tantos temores, que alegria pode ter quem só se contenta em contentar a Deus? Considerai que esta disposição e outras muito maiores tinham alguns santos, que depois caíram em graves pecados. Não sabemos se Deus nos dará a mão, como deu a eles, com auxílios particulares para nos levantarmos e fazermos penitência.

3. Asseguro-vos, filhas minhas, estou escrevendo isto com tanto temor, que nem sei como o faço. Quando me lembro destas verdades, o que me acontece muitíssimas vezes, bem sei eu como vivo. Rogai a Sua Majestade, filhas minhas, que ele viva sempre em mim. Sem isto, que segurança haverá para quem, como eu, gastou tão mal a vida? Não fiquem sentidas sabendo que é assim — como algumas vezes tenho percebido entre vós, quando digo essas coisas. Quereis que eu tenha sido muito santa. Tendes razão. Também eu o quisera. Mas que hei de fazer? Perdi tão grande bem e só por minha culpa. Não me queixarei de Deus, que sempre me deu auxílios suficientes para realizar os vossos desejos. Não me lembro disso sem lágrimas. Grande confusão para mim é escrever avisos para as que me podem ensinar. Dura obediência tem sido esta!

Como só o faço por seu amor, praza ao Senhor que seja de utilidade para vós. Pedi-lhe que perdoe essa miserável atrevida. Bem sabe Sua Majestade que só me apoio em sua misericórdia. Não podendo deixar de ter sido quem fui, não tenho outro remédio senão o de ser acolhida pela misericórdia de Deus, confiando nos merecimentos de seu Filho e da Virgem, sua Mãe, cujo hábito indignamente trago. E vós, minhas irmãs, que o trazeis também, louvai a Deus por serdes verdadeiramente filhas dessa Senhora. Tendo tão boa Mãe, não ficareis envergonhadas de ser eu tão ruim. Imitai-a. Considerai a grandeza desta Senhora e a vantagem de tê-la por padroeira. Não bastaram meus pecados nem o ser quem sou, para deslustrar no mínimo esta sagrada Ordem.

4. Quero, porém, dar-vos um conselho: pelo fato de pertencerdes a esta sagrada Ordem e de terdes tal Mãe, não vos deis por seguras. Muito santo foi Davi, e bem sabeis o que foi Salomão. Não vos fieis na clausura e na penitência em que viveis, nem vos julgueis em segurança por tratar sempre com Deus, exercitando-vos continuamente na oração, afastadas das coisas do mundo, as quais vos aborrecem. Bom é tudo isso, mas torno a dizer: não basta para deixar de temer. Continuai a meditar este versículo, trazendo-o à memória muitas vezes: *Beatus vir qui timet Dominum*.[3]

5. Não sei o que ia dizendo. Apartei-me bastante do assunto. É que, quando me lembro de mim, se me quebram as asas, sendo incapaz de dizer coisa boa. Quero então deixar disso, por enquanto, voltando ao que comecei a dizer-vos — a respeito das almas que entraram nas terceiras moradas.

Não receberam pequena graça do Senhor. Foi muito grande a graça de terem superado as primeiras dificuldades. Creio que há muitas dessas almas no mundo, pela bondade do Senhor. Têm grande desejo de não ofender Sua Majestade. Guardam-se até dos pecados veniais. Gostam de fazer penitência e de ter suas horas de recolhimento. Gastam bem o tempo. Exercitam-se em obras de caridade para com o próximo. São corretíssimas em seu falar e vestir e no governo de sua casa, quando a têm. É estado desejável, por certo! Aparentemente não há motivo para se negar a essas almas o acesso até as últimas moradas. O Senhor não o negará, se elas quiserem. E que lindo desejo é este, para receber toda sorte de favores divinos!

6. Ó Jesus, haverá quem não queira tão grande bem, especialmente se já passou pelo mais trabalhoso? Não, nenhuma de nós! Todas afirmamos querê-lo. Como, porém, é preciso mais que palavras para o Senhor apoderar-
-se totalmente da alma, não basta dizê-lo, como não bastou àquele jovem a quem o Senhor perguntou se queria ser perfeito.[4] Trago-o diante dos olhos desde que comecei a falar destas

moradas, porque, ao pé da letra, somos como ele. Geralmente daí provêm as grandes securas na oração, embora haja também outras causas.

Não me refiro a certos sofrimentos interiores, verdadeiramente intoleráveis, que têm muitas almas boas, sem nenhuma culpa de sua parte, dos quais sempre as tira o Senhor com grandes proveitos. Nem é minha intenção falar dos que sofrem de melancolia e outras enfermidades. Acima de tudo, afinal, havemos de respeitar os juízos de Deus. Mas tenho para mim que a causa mais ordinária de securas é a que deixei dita.

De fato, estas almas compreendem que por nenhuma coisa deste mundo fariam um pecado. Muitas delas nem mesmo um pecado venial com advertência. Elas empregam bem a vida e suas posses. Mas não podem sofrer com paciência que se lhes conserve fechada a porta de entrada ao aposento de nosso Rei, pois se consideram suas súditas, e realmente o são. Entretanto, lembre-se: aqui na terra, embora um soberano tenha numerosos vassalos, nem todos chegam até a câmara real.

Entrai, entrai em vós mesmas, filhas minhas! Elevai-vos acima de vossas pequeninas obras. Na qualidade de cristãs, estais obrigadas a tudo isso e a muito mais. Contentai-vos em ser súditas de Deus. Não vá tão longe vossa ambição, de modo que fiqueis sem coisa alguma.

Olhai bem os santos, que tiveram entrada na câmara deste Rei, e vereis quão longe estamos deles. Não peçais aquilo que não mereceis. Tendo ofendido a Deus, nem nos devia passar pelo pensamento a ideia de vir a merecer algum dia a entrada nesse aposento real, por maiores que fossem os nossos serviços.

7. Oh! humildade, humildade! Não sei que tentação me dá aqui. Não posso deixar de crer que falte um pouco desta virtude a quem dá tanta importância a securas
espirituais.

Voltemos agora a estas almas tão corretas. Vejamos o que fazem por Deus e logo veremos como não temos razão de queixa. Sim, porque se voltamos as costas a Sua Majestade e nos

afastamos tristes — à semelhança do mancebo do Evangelho — quando ele nos declara o que havemos de fazer para ser perfeitos, dizei-me que quereis que faça Sua Majestade, se há de dar o prêmio na proporção do amor que lhe temos? E este amor, filhas, não há de ser fabricado em nossa imaginação, mas provado por obras. Não penseis que o Senhor tenha necessidade de nossas obras. Ele só quer a determinação de nossa vontade.

8. Parecerá, talvez, que tudo está feito uma vez que trazemos o hábito da Ordem, por nossa livre escolha, e deixamos pelo Senhor todas as coisas do mundo, assim como nossos haveres (ainda que não sejam mais que as redes de são Pedro, pois quem dá tudo o que tem, sempre julga dar muito). Boa disposição é esta para quem persevera e não torna a meter-se no meio das sevandijas das primeiras peças, nem mesmo pelo desejo.

Continuando firme nessa desnudez e despojamento de tudo, não há dúvida: alcançará o que pretende. Mas há de ser com a condição — e guardai bem este meu aviso — de se considerar servo inútil, como disse são Paulo ou Cristo.[5] Nosso Senhor não tem obrigação de retribuir semelhantes favores. Pelo contrário: quem recebe mais, fica mais endividado.

Que podemos fazer por um Deus tão generoso, que morreu por nós, criou-nos e conserva-nos a existência? Por muito que façamos no seu serviço, podemos julgar-nos venturosos de ir amortizando um pouco o que lhe devemos, por nos ter ele servido como fez. De má vontade emprego esta palavra: servir. Mas assim foi. Ele não fez outra coisa, durante todo o tempo em que viveu no mundo. E ainda lhe havemos de pedir novos favores e consolações?

9. Ponderai muito, filhas, algumas coisas que aqui vão assinaladas, embora com desalinho, não sei me exprimir melhor. O Senhor vos fará entendê-las, para que das securas tireis humildade, e não inquietação, como pretende o demônio.

E crede-me: ainda que Deus jamais desse consolações às almas deveras humildes, daria paz e conformidade, com que

andariam mais contentes do que outras com regalos. Muitas vezes, como tereis lido, Sua Majestade reparte as consolações com os mais fracos. Somos mais amigos de prazeres que de cruzes. Por isso os fracos não trocariam suas consolações pelos valores dos que se veem às voltas com securas. Prova-nos, Senhor, que sabes as verdades, a fim de que nos conheçamos.

Capítulo 2

Prossegue no mesmo assunto. As securas na oração e o que daí pode resultar. É necessário submetermo-nos a prova. Como o Senhor prova os que estão nestas moradas.

1. Tenho conhecido algumas almas — posso mesmo dizer — que chegaram a este estado, tanto quanto se pode entender. Nele viveram muitos anos, mantendo sempre retidão e regularidade de alma e de corpo. Ao cabo desse tempo, quando haviam de estar com o mundo debaixo dos pés ou, pelo menos, plenamente desenganadas dele, prova-as Sua Majestade com reveses não muito grandes. Ei-las então de tal forma inquietas, com o coração tão angustiado, que me deixam perplexa e não pouco temerosa.

Dar-lhes conselho é inútil. Trilham há anos o caminho da virtude. Acham que podem ensinar aos outros e que têm razão de sobra para sentirem tanto os seus males.

2. Enfim, não encontrei nem encontro remédio para consolar tais pessoas, a não ser mostrar-lhes grande sentimento de sua pena. Na verdade, causa dó vê-las sujeitas a tanta miséria. Não contradigam suas razões, porque não aceitam. Na sua maneira de pensar, ajeitam-nas de modo a julgar que tudo sentem por amor de Deus. Não caem em conta de sua imperfeição, outro engano lamentável em gente tão adiantada.

Não é de admirar que fiquem sentidas. Entretanto, o sentimento deveria passar mais depressa, a meu ver, tratando-se de coisas temporais. Muitas vezes Deus quer que seus eleitos sintam a própria miséria. Para este fim, retrai um pouco seu favor. No mesmo instante caem em si. Não é preciso mais para verem logo que é Deus quem assim os prova. Eles compreendem suas faltas mui claramente. Às vezes, malgrado seu, maior pesar é verem-se aflitos pelas coisas da terra, não muito graves, do que pelo sentimento da própria miséria. Neste caso, Deus lhes faz

grande misericórdia. Embora haja falta, resulta muito lucro para a humildade.

3. Com as pessoas às quais me refiro, tal não acontece. Em seus pensamentos, canonizam o próprio modo de proceder e querem que os outros o canonizem. Quero dar alguns exemplos, para que nos conheçamos e nos provemos a nós mesmas, antes que o Senhor nos prove. É de suma utilidade andarmos apercebidas e avisadas antecipadamente.

4. Sobrevêm um prejuízo material a uma pessoa rica, sem filhos e sem herdeiros. Não é, contudo, de modo a faltar-lhe o necessário para se manter, sustentar a casa e ainda sobrar. Se essa pessoa andar tão desassossegada e inquieta, como se não lhe restasse um pedaço de pão para comer, como poderá Nosso Senhor lhe pedir que deixe tudo por amor dele?

Aqui vem a desculpa: sente-o porque deseja ter para dar aos pobres. Em vez dessas obras de caridade, Deus prefere que eu me conforme com o que Sua Majestade permite e conserve a paz da minha alma, sem, todavia, deixar de denfender meus direitos. Se alguém não faz assim, porque o Senhor não o elevou a tanto, está bem. Mas entenda ao menos que lhe falta liberdade de espírito. Reconhecendo isso, tratará de pedida a Sua Majestade, dispondo-se assim para que o Senhor a dê.

Outra pessoa tem o suficiente para se manter e até lhe sobra. Apresenta-se uma ocasião de aumentar seus haveres. Se é doação, ainda passa. Mas se é para procurar novos lucros e sempre ganhar mais e mais, fique certa de que jamais subirá às moradas mais próximas do Rei, ainda que tenha boa intenção, e deve ter, por se tratar de pessoa dada à oração e à virtude.

5. Dá-se o mesmo quando ocorre a essas pessoas algum desdouro ou pequeno detrimento na honra. Gostando de favorecer a virtude perante o público, Deus muitas vezes lhes concede a graça de suportar a afronta quanto ao exterior. Faz isso para que não sofram diminuição na reputação em que são tidas, ou talvez em atenção a serviços passados. É grande a bondade deste nosso

sumo Bem. Mas lá por dentro fica uma inquietação tal, que não conseguem dominar nem esquecer tão depressa.

Valha-me Deus! Serão esses os que há tanto tempo meditam os sofrimentos do Senhor, achando muito vantajoso padecer e até desejando-o? Depois querem exigir dos outros que sejam tão corretos como eles no seu modo de viver! E praza a Deus não atribuam seus queixumes ao pesar que lhes causa a culpa alheia, considerando-os, em sua imaginação, como meritórios.

6. Parecerá, irmãs, que falo de coisas descabidas. Não vos dizem respeito. Não podem acontecer aqui, porque não possuímos bens temporais, nem os queremos, nem os procuramos, e ninguém nos injuria.

Isso mostra como as comparações nem sempre se aplicam ao pé da letra. Mas delas se tiram exemplos para muitas coisas que acontecem. Não convém especificá-las, nem há motivo para fazê-lo. Pelos exempios acima, entendereis se estais suficientemente desapegadas dos bens que deixastes. Aparecem algumas pequenas ocasiões, embora não sejam tão palpáveis, nas quais vos podereis muito bem provar e entender se sois ou não senhoras de vossas paixões.

Crede-me: não está o caso em trazer ou não o hábito religioso. Está, sim, em procurar exercitar as virtudes, em ceder a cada passo nossa vontade à de Deus, em ordenar nossa vida de acordo com o que Sua Majestade dispuser para nós. Não em querer que se faça a nossa vontade, mas a dele.

Se não tivermos chegado a este ponto, que fazer? Humildade, repito. É esse o unguento para as nossas feridas. Se formos verdadeiramente humildes, virá o cirurgião, que é Deus, e nos restituirá a saúde, embora às vezes tarde algum tempo.

7. As penitências, que fazem estas almas, são tão bem calculadas como seu modo de proceder. Querem muito à vida, para empregá-la no serviço de Nosso Senhor, o que não se pode levar a mal. Têm grande comedimento em fazer penitências. Receiam comprometer a saúde. Não tenhais medo de que se matem, pois

estão em seu juízo. O amor ainda não chegou ao ponto de as pôr fora de si.

Quanto a nós, quisera eu que a própria razão nos induzisse a não nos contentarmos com essa maneira de servir a Deus. Sempre passo a passo, jamais chegaremos ao termo do caminho. Já será muito não nos perdermos, na ilusão de estar caminhando e com bastante cansaço. É maneira exaustiva de caminhar. Que vos parece, filhas? Viajando de uma terra a outra e podendo chegar em oito dias, valeria a pena demorar um ano, debaixo de neves e aguaceiros, por maus caminhos e hospedarias? Não seria preferível passar tudo de uma vez? Quanto mais, além de tudo, se há perigo de serpentes. Que boas provas poderia eu dar de que é assim! E praza a Deus tenha eu passado adiante: muitas vezes parece-me que ainda não o fiz.

8. Vamos caminhando com tanto siso, que tudo nos assusta, tudo nos amedronta. Não ousamos dar um passo à frente. Não é possível que outros percorram o caminho em nosso lugar, se queremos chegar a estas moradas! Já que não é possível, esforcemo-nos, minhas irmãs, por amor de Deus.

Entreguemos nas mãos do Senhor nossa razão e nossos temores. Esqueçamos a nossa fraqueza natural, que nos pode prejudicar muito. O cuidado desses nossos corpos fique por conta dos diretores espirituais e superiores. Eles lá decidam. Quanto a nós, tratemos somente de caminhar depressa, para ver este Senhor. A preocupação com a saúde pode enganar-nos, embora os cuidados e alívio que tenhais sejam poucos ou nenhum. E posso afirmar que nem por isso tereis mais saúde.

Bem sei que o principal não consiste em castigar o corpo com austeridades, isto é o menos. Quando falo em caminhar, acelerar o passo, refiro-me a andar com grande humildade. Se bem o entendestes, sabeis que o mal dos que não vão adiante está na falta desta virtude. Convençamo-nos desta verdade e julguemos sempre ter andado poucos passos. Pelo contrário, tenhamos como muito pressurosos e ligeiros os passos de nossas irmãs.

Cada uma não só deseje, mas procure ser tida como a pior de todas.

9. Com estes sentimentos humildes, chegaremos a um estado sublime. Sem eles, ficaremos a vida toda no mesmo lugar, entre mil sofrimentos e misérias. Vamos muito carregadas da terra de nossa miséria, quando não nos deixamos a nós mesmas. O caminho então se torna pesado e trabalhoso. Tal não acontece com os que se libertam de si mesmos e sobem aos aposentos superiores.

Nestas terceiras moradas, o Senhor, justo e também misericordioso, não deixa de pagar, dando sempre muito mais do que merecemos. Concede-nos contentamentos incomparavelmente maiores do que as distrações e os prazeres da vida. Não penso, porém, que dê muitos gostos. A não ser uma vez ou outra, para atrair-nos. Nesses momentos, dá a experimentar o que se passa nos demais aposentos, para nos dispor a entrar neles.

10. Parecerá que contentamento é a mesma coisa que gosto. Perguntareis de onde vem a distinção que faço entre estes dois nomes. A meu ver, são coisas muito diferentes, mas posso estar enganada. Direi o que penso ao tratar das moradas quartas, que vêm depois destas. Ficará mais a propósito falar deles lá, porque terei de tratar dos gostos que o Senhor então dá.

Embora pareça sem proveito, pode ser útil, para compreender cada graça em si. Assim vos esforçareis em aspirar ao mais elevado. É também de muito consolo para as almas que Deus faz chegar àquele grau, como é motivo de confusão para as que imaginam ter alcançado tudo. As que forem humildes se moverão no sentido de dar graças ao Senhor. Havendo interiormente alguma falta de humildade, sentirão despeito, sem motivo. Não está a perfeição nos gostos. Está sim em quem mais ama. O prêmio será dado a quem melhor agir com justiça e verdade.

11. Sendo dessa forma, como realmente é, podereis pensar: de que serve tratar dessas graças interiores e explicar em que

consistem? Não sei dizer. Perguntai-o a quem me mandou escrever. Não estou obrigada a discutir com superiores, nem ficaria bem. Só tenho de obedecer.

Uma coisa vos posso dizer com verdade. Em outros tempos, eu não tinha nem conhecia, por experiência, tais graças. Nem pensava jamais conhecê-las, e com razão. Grande contentamento já teria sido para mim saber ou, por conjeturas, entender que de algum modo agradava a Deus.

Contudo, ao ler nos livros a descrição das graças e consolações concedidas pelo Senhor aos que o servem com fidelidade, experimentava grandíssima felicidade. Minha alma achava nelas motivo para dar fervorosos louvores a Deus. Se, apesar de tão ruim, minha alma fazia assim, muito mais o louvariam as almas boas e humildes. Por uma só alma que o bendiga uma única vez, vale muito a pena relatar e dar a conhecer os contentamentos e deleites que por nossa culpa deixamos de receber. Tanto mais que esses contentamentos, quando são de Deus, vêm carregados de amor e fortaleza, para podermos caminhar sem trabalho e ir crescendo em virtude e boas obras.

Pensai bem: muito nos importa não colocarmos barreiras de nossa parte. Quando a culpa não é nossa, justo é o Senhor. Ele saberá dar-nos, por outros caminhos, o que nos nega por este. Sua Majestade conhece a razão. São muito ocultos os seus segredos. Ao menos será, sem dúvida alguma, o que mais nos convém.

12. As almas que, pela bondade do Senhor, já chegaram a este estado, receberam grande misericórdia. Estão muito perto de subir mais. Para elas é de grande proveito exercitarem-se muito na prontidão da obediência. Mesmo não sendo consagradas a Deus na vida religiosa, é-lhes muito útil ter diretor, como têm tantas pessoas. Um guia espiritual a quem possam acudir, para em nada seguir a própria vontade. É esta geralmente a origem de nossos males. Não busquem outro do mesmo gênio, como se

costuma dizer, que vá em tudo com demasiado cuidado. Procurem quem esteja muito desenganado das coisas do mundo.

A comunicação espiritual com aqueles que já estão desapegados de tudo é de enorme proveito para conhecermo-nos a nós mesmos. Além disso, dá-nos muito ânimo vermos praticados por outros, com tanta suavidade, sacrifícios que nos parecem impossíveis de abraçar. Vendo seus altos voos, nós nos atrevemos a voar também. Como os filhotes das aves, quando o aprendem. Embora não se arrisquem logo a dar grandes voos, pouco a pouco imitam seus pais. É de grandíssimo proveito, sei por mim.

Tais pessoas, por determinadas que estejam a não ofender o Senhor, farão muito bem em não se meterem em ocasiões de pecar. Ainda estão perto das primeiras moradas e facilmente poderão voltar a elas. É que sua fortaleza não está apoiada em alicerces de terra firme, como as almas exercitadas em padecer, que já conhecem as tempestades do mundo, pouco temíveis quando não se desejam seus prazeres. Por alguma perseguição maior, urdida pelo demônio para nos fazer mal, poderiam voltar atrás. Querendo impedir ou remediar pecados alheios, com bom zelo, não teriam forças para resistir às tentações que sobreviessem.

13. Olhemos para as nossas faltas. Deixemos as alheias. É muito próprio de pessoas tão corretas escandalizarem-se de tudo. E, talvez, no que importa, teríamos bastante que aprender com aqueles que nos desedificam. Na compostura exterior e no trato com o próximo levamos vantagem. Essas coisas, entretanto, embora louváveis, não são as mais importantes. Não há razão para querermos que todos sigam logo pelo nosso caminho. Nem nos devemos pôr a ensinar o caminho do espírito, que talvez nem saibamos que coisa é. De fato, com este desejo do bem das almas, que Deus nos dá, irmãs, podemos cometer muitos erros. O melhor é pautar nosso conhecimento pelo que diz nossa Regra: “Procurar viver sempre no silêncio e na esperança”.[1] O Senhor terá cuidado das almas alheias. Quanto a nós, faremos muito,

com o favor de Sua Majestade, se não nos descuidarmos de suplicar por elas.

QUARTAS MORADAS

Contém três capítulos

Capítulo 1

A diferença que há entre os contentamentos e afetos ou ternuras na oração e os gostos. Diz quanto se sentiu feliz ao entender que a imaginação e o intelecto[1] são duas coisas diferentes. É de proveito para quem se distrai muito na oração.

1. Para começar a falar das quartas moradas, é bem necessário o que acabo de fazer. Recorri ao Espírito Santo e supliquei-lhe que, de ora em diante, fale em meu lugar, para que eu possa dizer alguma coisa sobre as moradas restantes, de modo a me entenderem. Começam aqui os favores sobrenaturais, dificílimos de explicar, a menos que Sua Majestade se encarregue disso, como fez quando, há quatorze anos, pouco mais ou menos, escrevi sobre o que até então havia entendido.[2]

Tenho agora um pouco mais de luz acerca destas mercês concedidas pelo Senhor a algumas almas. Quanto a saber dizê-las, é muito diferente. Faça-o Sua Majestade, se disto resultar algum proveito. Se não resultar, não o faça.

2. Estas moradas já se encontram mais próximas do aposento onde está o Rei. É grande sua formosura. Há coisas tão delicadas, que o intelecto, por mais que se esforce, não tem capacidade de sugerir sequer uma ideia para exprimi-las adequadamente. Qualquer explicação parecerá obscura aos que não o experimentaram. Quem, todavia, tiver experiência, bem o entenderá, especialmente quem muito a tiver.

Parece justo pensar que, para chegar a estas moradas, é preciso ter vivido muito tempo nas primeiras. Embora geralmente se passe pelas que acabamos de descrever, não é regra absoluta, como tereis ouvido dizer algumas vezes. É que o Senhor faz seus benefícios quando quer, como quer e a quem quer. Dispõe dos bens como de coisa sua e, por conseguinte, não faz afronta a ninguém.

3. Os répteis venenosos raramente penetram nestas moradas. Se conseguem intrometer-se, causam mais proveito do que dano. A meu ver, neste grau de oração, é muito vantajoso quando entram e fazem guerra. Se a alma nunca se vir tentada, o demônio poderá misturar enganos aos gostos que o Senhor dá, fazendo-lhe muito mais mal do que com suas tentações.

Por outro lado, a alma não lucrará tanto, mergulhada num embevecimento constante e isenta de tudo o que pode ser ocasião de merecimento para ela. Quando o embevecimento é contínuo e imutável, não o tenho por seguro. Não julgo possível que, neste desterro, o espírito do Senhor permaneça em nós sempre no mesmo estado.

4. Trataremos agora do que prometi dizer-vos nestas moradas: da diferença que há entre as consolações e os gostos na oração. Parece-me que se podem chamar consolações, ou contentamentos, o que adquirimos por meio de nossas meditações e súplicas a Nosso Senhor. Procedem de nossa natureza e — está claro — do auxílio da graça de Deus. Desse modo, sempre haveis de entender o que eu disser, pois sem o Senhor nada podemos fazer.

As consolações nascem na obra virtuosa que realizamos. São, de algum modo, fruto de nosso trabalho. Com razão ficamos contentes quando trabalhamos em coisas tão boas. Mas, considerando bem, sente-se o mesmo contentamento em muitas circunstâncias da vida. Assim, por exemplo, ao herdar inesperadamente uma grande fortuna, ao avistar de súbito uma pessoa muito amada, ao realizar um negócio importante ou algum feito ilustre que todos engrandecem, ou ao ver regressar vivo um marido, irmão ou filho que se julgava morto. Derramam-se lágrimas de viva alegria. Até a mim já tem acontecido algumas vazes. Assim como são naturais estes contentamentos, penso que o mesmo acontece com os que nos dão as coisas de Deus. Estas apenas têm origem mais nobre, embora as outras não sejam más. Em suma: as consolações começam em nossa própria natureza e terminam em Deus.

Os gostos têm seu princípio em Deus e vêm a nós. Deixam-se fruir com tanta satisfação quanto as alegrias de que falei, e ainda muito mais. Ó Jesus, quanto desejo saber explicar este ponto! É que o entendo bem e parece-me haver notável diferença. Mas o meu pouco saber não tem capacidade para explicá-lo suficientemente. O Senhor o faça por mim!

5. Acode-me agora à lembrança um versículo do último salmo que rezamos em Prima, que termina assim: *Cum dilatasti cor meum.*[3] Quem tiver muita experiência, só por essas palavras entenderá a diferença que existe entre consolações e gostos. Quem não a tiver, precisará de mais algumas explicações.

Os contentamentos não dilatam o coração. Ao contrário, parecem apertá-lo um pouco, sem tirar a alegria que a alma sente ao fazer alguma coisa por Deus. Chora umas lágrimas sentidas, que parecem provir de alguma paixão. Pouco sei das paixões da alma. Se tivesse mais conhecimentos, saberia talvez discernir o que procede da natureza e da sensibilidade, dando-o a entender. Compreendo-o pela experiência que tenho. Mas sou muito ignorante e não o sei explicar. Grande coisa para tudo é ter ciência e letras.

6. O que sei deste estado, isto é, dos regalos e contentamentos de quem medita — e por mim mesma o sei — é que começando a chorar por causa da Paixão, não parava até ficar com a cabeça atordoada. Se chorava meus pecados, acontecia o mesmo. E nisso Nosso Senhor me fazia grande graça. Não quero examinar agora o que é melhor — se os contentamentos ou os gostos. Quisera apenas saber exprimir a diferença que há entre uns e outros. Algumas vezes a natureza e a disposição física contribuem para tais desejos e lágrimas. Ainda assim, tudo vai parar em Deus.

Os contentamentos são muito de estimar, quando há humildade para entendermos que nem por isso somos melhores. Não sabemos com certeza se são todos efeitos do amor. Ainda que houvesse certeza, são simplesmente dons de Deus.

Geralmente, esses sentimentos de devoção se encontram nas almas das moradas precedentes, porque trabalham quase de contínuo com o intelecto, empregando-o na meditação. E fazem bem, porque não lhes foi dado mais. Acertariam, entretanto, se ocupassem algum tempo em atos de amor e louvores a Deus, fruindo de sua bondade e de ser ele quem é, desejando sua honra e glória. Façam como puderem. Serve muito para mover a vontade. E guardem este importante aviso: quando o Senhor lhes der coisas mais altas, não as deixem de lado para acabar a meditação de costume.

7. Como me estendi muito sobre este assunto em outras partes[4] não o repetirei aqui. Só quero que vos compenetreis bem do seguinte: para aproveitar neste caminho e subir às moradas desejadas, o essencial não é pensar muito — é amar muito. Escolhei de preferência o que mais vos conduzir ao amor.

Talvez nem saibamos o que é amar, o que não me espanta. Não consiste o amor em ser favorecido de consolações. Consiste, sim, numa total determinação e desejo de contentar a Deus em tudo, em procurar, o quanto pudermos, não ofendê-lo e em rogar-lhe pelo aumento contínuo da honra e glória de ssu Filho e pela prosperidade da Igreja Católica. São esses os sinais do amor. Não julgueis que a oração consista em fixar o pensamento numa só coisa, nem que tudo esteja perdido quando vos distraís um pouco.

8. Tenho andado às vezes bem apertada, por causa dessa barafunda das distrações. Haverá pouco mais de quatro anos que vim a compreender, por experiência, que o pensamento ou — para me dar melhor a entender — a imaginação, não é a mesma coisa que o intelecto. Consultei um teólogo que me confirmou esta verdade, o que me causou não pequena satisfação.

É que, sendo o intelecto uma das faculdades da alma,[5] causava-me pesar vê-lo tão avoado. A imaginação, pelo contrário, geralmente voa tão depressa, é tão instável, que só Deus a pode deter, fixando-a na oração a ponto de parecer que, de certo modo,

a alma está desatada do corpo. Eu verificava que as faculdades interiores se mantinham aplicadas em Deus e recolhidas nele. De outra parte, via a imaginação agitada por distrações infindas. Ficava zonza.

9. Ó Senhor, levai em conta o muito que se padece neste caminho da oração por falta de instrução. O mal está em supor que tudo consiste em pensar só em vós. Não consultamos pessoas doutas, nem nos lembramos de que haja necessidade de consultar alguém. O resultado é passarmos terríveis trabalhos por não nos entendermos a nós mesmos. Chegamos a considerar grande culpa o que, longe de ser mal, é até bom. Daqui procedem as aflições de muita gente que trata de oração, ao menos daqueles que são pouco instruídos. Queixam-se de sofrimentos interiores, tornam-se melancólicos e acabam perdendo a saúde e até abandonando a oração, por não saberem que há um mundo interior dentro de nós.

Assim como não podemos deter o movimento do céu, impedindo que ande depressa, com incrível velocidade, tampouco podemos deter nosso pensamento. Se confundimos todas as faculdades da alma com o pensamento ou imaginação, parece que estamos perdidos, empregando mal o tempo na presença de Deus. E, muitas vezes, pelo contrário, a alma está muito unida a ele, nas moradas mais elevadas, vizinhas da sua, enquanto a imaginação vagueia pelos arrabaldes do castelo, padecendo e lutando contra mil animais ferozes e venenosos e merecendo com este padecer. Fique, pois, assentado: a maior parte de todos estes sofrimentos e inquietações provém de não nos entendermos a nós mesmos. Não nos devem perturbar, nem há motivo para deixarmos a oração — que é o que pretende o demônio.

10. Enquanto escrevo, vou analisando o que se passa na minha cabeça. Como disse no princípio, trata-se de um grande ruído, que me torna quase impossível escrever isto que me mandaram. Tenho a impressão de ter na cabeça rios caudalosos, cujas águas se despenham. Ouço bandos de passarinhos e também silvos.

Não com os ouvidos corporais, senão no alto da cabeça, onde, segundo dizem, reside a parte superior da alma. Pensei ser assim durante muito tempo, por me parecer que todo grande movimento do espírito subia para o alto com velocidade.

Não é, porém, oportuno tratar aqui da causa disso. Praza a Deus, eu me lembre de fazê-lo nas moradas seguintes. Não duvido muito de que o Senhor tenha querido dar-me esta sensação na cabeça para melhor me explicar. De fato, toda essa barafunda não me estorva a oração nem me impede de escrever, porque a alma está muito engolfada na divina quietação, amor, desejos e claro conhecimento.

11. Mas se a parte superior da alma está no alto da cabeça, por que não se perturba? Isso não sei. Mas sei que é verdade o que digo. Sofre-se quando a oração não é com suspensão da parte sensitiva. Havendo, porém, suspensão, enquanto dura, nenhum mal se sente. O pior de tudo seria deixar a oração por causa desses impedimentos. Não nos perturbem os pensamentos e imaginações, nem façamos caso deles. Se vierem do demônio, desaparecerão só com essa nossa atitude. E se procederem, como procedem, da miséria herdada, com muitas outras, em consequência do pecado de Adão, o remédio é ter paciência e sofrer por amor de Deus. Do mesmo modo, somos constrangidas a comer e dormir, sem o poder escusar, o que não é pequeno sofrimento.

12. Reconheçamos nossa miséria e suspiremos pelo lugar *onde ninguém nos despreze.*[6] Recordo-me às vezes dessas palavras da Esposa dos Cantares. Verdadeiramente, neste desterro, não acho ocasião em que seja mais justo repeti-las. Todos os desprezos e sofrimentos que podem surgir na vida não têm comparação, a meu ver, com estas batalhas interiores.

Seja qual for o desassossego e a guerra, tudo se aguenta quando, no interior, onde vivemos, existe a paz. O que é muito penoso e quase insuportável é quando tendo o Senhor, de sua parte, nos preparado o descanso, esbarramos nos estorvos

existentes em nós mesmas. Por isso levai-nos, Senhor, para onde não sejamos desprezadas por essas misérias, que parecem, às vezes, escarnecer da alma!

13. Neste mundo, o Senhor livra a alma desse tormento, só quando a introduz na última das moradas, como adiante diremos, se Deus for servido. Talvez nem a todos essas misérias acometam e aflijam tanto, como durante muitos anos aconteceu comigo, por ser tão ruim. Parecia-me que queria vingar-me de mim mesma. Como tal luta foi muito penosa para mim, penso que poderá ser também para vós. Por isso o repito a cada passo, na esperança de dar a entender como é coisa inevitável e que, por conseguinte, não vos deve inquietar nem afligir. Deixemos andar a taramela do moinho e continuemos a moer nossa farinha — não deixando de usar o intelecto e a vontade.

14. Há mais e menos neste tormento das distrações, de acordo com a saúde e a variedade dos tempos. Padeça-o a pobre alma, ainda quando não tiver culpa. Outras faltas terá, pelas quais é justo sofrer com paciência. Como não nos bastam os livros nem os conselhos para deixarmos de fazer caso desses pensamentos e imaginações, a nós que temos pouco saber, não me parece de todo perdido o tempo que emprego em o declarar, a fim de vos consolar neste ponto. Mas, confesso, é de pouco proveito, até que o Senhor se digne dar-nos luz. No entanto — assim o quer Sua Majestade — é preciso que busquemos os meios de nos instruirmos e não culpemos a pobre alma daquilo que procede da fantasia, da natureza e do demônio.

Capítulo 2

Continua o mesmo assunto. Faz uma comparação explicando o que são os gostos e diz como se alcançam sem ser procurados.

1. Valha-me Deus! No que fui me meter!... Já me tinha esquecido do assunto, porque os negócios e a falta de saúde me obrigaram a deixar tudo no melhor da festa. Como tenho pouca memória e não posso reler o que escrevo, tudo vai desacertado. E talvez seja total desacerto tudo quanto digo — ao menos é essa a minha impressão.

Falando sobre as consolações espirituais, parece-me ter dito que algumas vezes as nossas paixões se misturam, provocando agitações e soluços. Certas pessoas, conforme ouvi dizer, sentem o peito apertado. Outras fazem movimentos exteriores que não podem conter. Chegam mesmo a pôr sangue pelo nariz e a padecer outros acidentes penosos. Sobre isso nada sei dizer, porque nunca o senti. Penso que deve causar consolação, porque tudo vai parar em desejos de contentar a Deus e experimentar a felicidade comunicada por Sua Majestade.

2. *Os gostos de Deus,* a que me referi — dando-lhes em outra parte o nome de *oração de quietude* — são muito diferentes, como o entenderão aquelas que, pela misericórdia de Deus, já os experimentaram.

Para melhor compreender, imaginemos duas fontes que vão enchendo de água e abastecendo dois reservatórios ou piscinas. Para explicar certos assuntos espirituais, nada me parece tão a propósito quanto a água. É que, tendo pouca instrução e não possuindo talento que preste, tenho considerado com mais advertência esse elemento, por ser muito amiga dele. Em todas as coisas, criadas por um Deus tão grande e tão sábio, deve haver muitíssimos segredos de que nos podemos aproveitar. É o que fazem os entendidos. Mas, a meu ver, ninguém é capaz de

penetrar tudo quanto há de maravilhoso na menor criatura de Deus, ainda que seja uma formiguinha.

3. De modo diferente são abastecidos esses dois reservatórios. Um recebe água de longe, através de aquedutos feitos por mãos humanas. O outro, feito na própria nascente, vai-se enchendo sem ruído e, quando o manancial é caudaloso — como este de que falamos — transborda e forma um grande arroio, sem necessidade de artifícios humanos. Sempre está manando água, não depende de aquedutos.

Semelhante diferença existe entre os contentamentos e os gostos. Os que resultam da meditação podem comparar-se à água trazida por encanamentos. São despertados por meio da reflexão, espelhando-se sobre as criaturas e exercitando o intelecto. Em suma, como nos chegam por nossas próprias diligências, fazem ruídos ao encherem a alma de proveitos.

4. Na outra fonte, a água vem de sua própria nascente, que é Deus. Assim, quando Sua Majestade é servido de conceder alguma graça sobrenatural, faz brotar grandíssima paz, quietação e suavidade no mais íntimo da alma. Não sei dizer de onde vem essa água divina, nem como brota. Não se sentem esses contentamentos e deleites como os da terra, que têm princípio no coração e só depois enchem tudo. A água do céu vai correndo por todas as moradas e faculdades, até chegar ao corpo. Por esse motivo, disse eu, começa em Deus e termina em nós. O certo é que o homem todo, até no exterior, experimenta esse deleite e suavidade, como verá quem dele tiver provado.

5. Enquanto escrevo, vem-me à lembrança que neste versículo — *Dilatasti cor meum*[1] — o Profeta diz que se dilatou o coração. Não me parece que o deleite proceda do coração, mas de outro lugar ainda mais interior — de um ponto profundo. Penso que deve ser o centro mesmo da alma, como depois vim a entender e pretendo explicar mais tarde. Confesso: vejo tantos segredos em nós mesmos, que muitas vezes fico espantada. E quantos outros devem existir!

Ó Senhor meu e Deus meu, quão magníficas são vossas grandezas! Como uns pastorinhos bobos andamos neste mundo, pensando que já alcançamos alguma ideia do que sois. Na realidade, deve ser quase nada o que sabemos. Dentro de nós mesmos há grandes segredos que não entendemos. Digo quase nada, em comparação com o muitíssimo, com o infinito que há em vós. Não porque as grandezas que vemos em vossas obras não sejam sublimes, é a nossa compreensão que é tão limitada.

6. Tornando ao versículo, penso que se aplica a meu assunto. Dá uma ideia daquela dilatação produzida pela água celeste do manancial, que há no mais profundo de nós mesmos. Essa água vai dilatando e alargando todo o nosso interior e produzindo bens indizíveis. Nem a própria alma favorecida é capaz de entender o que ali se passa! Delicia-se com fragrâncias, como se naquele abismo íntimo — imaginemos assim — houvesse um braseiro, onde se lançassem finíssimos perfumes. Não se vê o fogo, nem se sabe onde arde, mas o calor e os vapores olorosos penetram a alma toda, e não raramente se estendem ao corpo.

Reparai e compreendei minha ideia: não se sente quentura nem perfume, o que se passa é coisa mais delicada. Emprego essas expressões apenas para que me possais entender. E quem não o experimentou, não duvide: creia que é a verdade e que realmente assim acontece.

A alma favorecida tem consciência de tudo. Entende-o mais claramente do que explico agora. Não é coisa que se possa imaginar, nem adquirir com todas as nossas diligências. Aqui, a meu ver, as faculdades não estão unidas. Andam absortas, como que espantadas, a olhar o que será aquilo. É que não é do nosso metal e sim do puríssimo ouro da sabedoria divina.

7. Falando nestas coisas interiores, poderá haver alguma contradição entre o que digo agora e o que escrevi há mais tempo. Não é de admirar. Nos quase quinze anos decorridos,[2] parece-me ter recebido do Senhor mais luzes para o entender. Posso, aliás, estar errada, tanto agora como então. Mas falo do

que entendo — não minto. Isso não! Pela misericórdia de Deus, preferiria morrer mil vezes!

8. Bem me parece que a vontade deve estar unida, de algum modo, à vontade de Deus. Mas só se conhece a verdade destas graças de oração, verificando os efeitos e as obras que daí resultam. Não há melhor crisol para as provar. Tal graça de Nosso Senhor é grandíssima para quem a reconhece ao recebê-la. Ainda muito maior será se não tornar atrás depois de a ter recebido.

9. Haveis logo de querer, filhas minhas, procurar ter esta oração — e pensais bem. Volto a dizer: a própria alma não pode compreender as graças que então lhe faz o Senhor e o amor com que ele a vai chegando para junto de si, sem logo desejar saber como se alcançam tão grandes favores. Vou dizer-vos o que tenho entendido a esse respeito.

Não falo de certos casos em que apraz ao Senhor conceder tais graças somente porque Sua Majestade o quer, sem outra razão. Ele sabe por que faz assim — não nos intrometamos. Exercitemo-nos como os habitantes das moradas precedentes. E ademais: humildade, humildade! Por meio dessa virtude o Senhor se deixa render a tudo quanto dele queremos.

O primeiro indício para ver se sois humildes é não julgar que mereceis essas mercês e gostos do Senhor, pensando que jamais haveis de experimentá-los em vossa vida. Direis que, sem os procurar, como os haveis de alcançar? Respondo que não há melhor meio que o dito acima — isto é, não os procurar — e pelas seguintes razões.

A primeira é que a condição para alcançá-los, antes de mais nada, é amar a Deus sem interesse algum. A segunda, porque não deixa de ser pouca humildade pensar que, por nossos miseráveis serviços, havemos de merecer tão alto favor. A terceira, porque a verdadeira preparação para estes favores é o desejo de padecer e imitar o Senhor, e não aspirar aos gostos divinos, já que, afinal, o ofendemos. A quarta é que Sua Majestade não está obrigado a conceder-nos tais graças, como está de dar-nos a glória eterna se

guardarmos seus mandamentos. Sem tais mercês poderemos nos salvar e, melhor que nós, o Senhor sabe o que nos convém e conhece quem o ama de verdade.

Quanto a mim, sei, e é bem certo, que há pessoas — eu mesma conheço algumas — que vão pelo caminho do amor como se deve ir. Querem apenas servir a seu Cristo crucificado. Não só não desejam nem lhe pedem gostos, mas antes lhe suplicam que não os dê a elas nesta vida. É a pura verdade.

A quinta razão é porque seria trabalhar inutilmente. Esta água divina não vem canalizada por aquedutos, como a precedente. Brota do manancial, de pouco servem nossos esforços. Quero dizer: por mais que meditemos e por mais que nos esforcemos e derramemos lágrimas, esta água não vem por meio de tais encanamentos. Só jorra quando Deus quer e para quem ele quer, muitas vezes quando a alma está descuidada.

10. A ele pertencemos, irmãs. Faça de nós o que lhe aprouver. Leve-nos por onde for servido. Se formos humildes e desapegadas de verdade, bem creio que o Senhor não deixará de nos fazer esta mercê e outras muitas que nem sabemos desejar. Digo humildes e desapegadas de verdade — não há de ser somente na imaginação, que muitas vezes nos engana, mas um desapego total. Seja o Senhor louvado e bendito para sempre. Amém.

Capítulo 3

Explica a oração de recolhimento, que o Senhor costuma dar antes que a dos gostos divinos. Diz os efeitos de uma e outra.

1. Esta oração de que falei traz consigo grandes efeitos, dos quais direi alguns. Antes dela, porém, costuma haver outra forma de oração, da qual falarei agora, embora brevemente, porque já tratei desta matéria em outros lugares.[1]

É um recolhimento que me parece também sobrenatural. Não consiste em estar a pessoa às escuras, nem em cerrar os olhos, nem em coisa alguma exterior, embora sem querer, feche os olhos e busque solidão. Sem artifícios humanos, parece que se vai construindo o edifício para a oração de que falei atrás. Os nossos sentidos e as coisas exteriores parecem ir perdendo seus direitos, ao passo que a alma vai recuperando os seus, que havia perdido.

2. Dizem alguns autores que a alma entra dentro de si mesma. Outros, que sobe e se eleva acima de si. Com esses termos não sei exprimir coisa alguma. Tenho esse defeito: o de pensar que, dizendo as coisas como sei, me dou a entender. Talvez seja claro só para mim.

Façamos de conta que os sentidos e as faculdades, que são a gente deste castelo — na comparação de que me estou servindo para explicar algumas dessas verdades — desertaram e andam, há dias e anos, metidos com gente estranha e inimiga. Afinal, reconhecendo sua perdição, já se aproximam, embora não se resolvam a entrar definitivamente no castelo. Terrível coisa é o mau costume. Contudo, já não são traidores e ficam rondando pelos arredores.

Vendo-os animados de boa vontade, o grande Rei, que reside no interior do castelo, por sua grande misericórdia resolve chamá-los a si, como bom pastor, com um assovio tão suave, que eles próprios quase não percebem. Dessa forma, faz com que não andem tão perdidos e voltem à antiga morada, ao reconhecerem

sua voz. Esse assovio de pastor tem tanta força, que abandonam as coisas exteriores em que andavam distraídos e entram no castelo.

3. Parece-me que nunca o dei a entender tão bem como agora. É certo que, buscando a Deus no íntimo da alma, melhor o encontramos e com mais proveito do que nas criaturas, a exemplo de santo Agostinho,[2] que o achou dentro de si, depois de o ter procurado em muitas partes. É grande ajuda receber esta mercê do Senhor. E não julgueis alcançá-la por meio do intelecto ou da imaginação, esforçando-vos por pensar que Deus está dentro de vós, ou imaginando-o presente em vosso interior. Bom e excelente é este modo de meditar, porque se baseia na grande verdade: Deus está dentro de nós mesmos. Cada um o pode fazer, com o favor de Deus, bem entendido.

Agora, porém, não se trata só disso: o que vou dizer é de outro gênero. Algumas vezes, antes de começar a pensar em Deus, toda a gente já se reúne no castelo. Não sei dizer por onde nem como ouviram o silvo do pastor. Não foi através dos ouvidos, porque nada se ouve. Mas a alma sente, sem haver dúvida possível, um recolhimento suave que a chama ao interior, como verá quem o experimentar. Melhor não sei explicar.

Parece-me ter lido que é semelhante ao que fazem o ouriço ou a tartaruga, quando se retiram para dentro de si.[3] Devia entendê-lo bem quem escreveu isso. Todavia há diferença: eles se retraem quando querem, enquanto aqui, não depende de nosso querer. É só Deus que nos faz esta mercê. Tenho para mim que Sua Majestade a concede a certas pessoas que já vão abrindo mão das vaidades do mundo. Não digo por obras — pois alguns, em virtude de seu estado, não o podem fazer — mas o desejam. Desta maneira, Sua Majestade convida as pessoas, de modo particular, a estarem atentas ao seu interior. Havendo então correspondência, Sua Majestade não se limitará a dar-lhes somente esta graça. Começa apenas a chamá-las a coisas mais altas.

4. Louve-o muito quem reconhecer em si tal mercê, porque é justo e justíssimo tê-la em grande conta. As ações de graças dadas por ela servem para dispor a outros favores maiores. Prepara também a alma para saber escutar a Deus, segundo lemos em alguns autores, que aconselham não discorrer com o intelecto tanto quanto possível, mas conservar a alma atenta à ação divina.

Não consigo entender ao certo como se possa deter o pensamento, de modo a não produzir mais dano que proveito. A esse respeito, houve uma contenda bem renhida entre várias pessoas espirituais. De minha parte, confesso minha pouca humildade, nunca me deram razão capaz de me fazer render à sua opinião. Um deles me alegou certo livro do santo frei Pedro de Alcântara, pois o tenho em conta de santo. A ele me renderia, porque sei que dominava o assunto. Lemos juntos suas palavras e verificamos que, embora usando termos diferentes, dizia o mesmo que eu. Bem o dá a entender, quando diz que já deve estar aceso o amor.[4]

5. Pode ser que eu me engane, mas baseio-me nas razões seguintes: a primeira é que, nestas coisas espirituais, quem menos pensa e quer fazer, faz mais. Nossa atitude deve ser a de pobres mendigos diante de um grande imperador. Pedem e logo baixam os olhos, esperando com humildade. Quando percebemos que o Senhor, por seus secretos caminhos, dá a entender que nos está ouvindo, então é bom calar. Se ele nos admite junto de si, procuremos não exercitar o intelecto, tanto quanto possível. Mas se este Rei não der sinal de nos ver e ouvir, não fiquemos ali como bobos.

Assim costuma comportar-se a alma quando procura não agir. Sente muito mais secura e talvez a imaginação a inquiete mais, devido à força que faz para não pensar em nada. Não façamos assim: o Senhor quer que lhe peçamos e nos consideremos em sua presença. Ele sabe o que nos convém. Não posso aprovar indústrias humanas em coisas nas quais parece que Sua Majestade põe limites, porque as reserva para si. Há muitas

outras coisas que podemos fazer com sua ajuda, até onde permite nossa miséria, como penitência, boas obras e orações.

6. A segunda razão é que estas atividades interiores são muito suaves e pacíficas. Inventar coisas penosas causa maior dano que proveito. Chamo penosa qualquer violência que nos queiramos fazer, como, por exemplo, reter a respiração. O melhor é deixar-se nas mãos de Deus. Ele faça como quiser e fique a alma num total descuido do proveito próprio, tanto quanto puder. Faça ele de nós o que for de seu agrado.

A terceira razão é que justamente a preocupação de não pensar em nada, será motivo de pensar muito. A quarta é que o mais útil e agradável a Deus é lembrarmo-nos de sua honra e glória e esquecermo-nos de nós mesmos e de nossos interesses, das satisfações pessoais e de nossos gostos. Como poderá estar descuidado de si quem fica tão preocupado em não se distrair, que nem ousa mexer-se, nem mesmo consente que seu intelecto e seus afetos se movam a desejar a maior glória de Deus e a alegrar-se com as grandezas divinas?

Quando Sua Majestade quer que o intelecto se detenha, ocupa-o de outra maneira: dá-lhe conhecimentos e luzes tão acima do que podemos alcançar que o deixa absorto. Então, sem saber como, o intelecto fica muito melhor ensinado do que empregando todas as suas diligências, que poriam tudo a perder. O Senhor nos deu as faculdades para trabalharmos com elas, e este trabalho tem seu prêmio. Não vejo razão para sujeitá-las a encantamentos. Deixemo-las fazer seu ofício, até que o Senhor as promova a outro maior.

7. Segundo me parece, o modo de proceder mais conveniente à alma, que o Senhor quis trazer a esta morada, é fazer como digo. Sem força e sem ruído, procure atalhar o intelecto com seus discursos, sem suspendê-lo nem a imaginação. Pelo contrário, é bom recordar-se de que está na presença de Deus e compenetrar-se de quem é esse Deus. Se, com o que sente em si, a alma ficar embebida, fique-o em boa hora. Não procure entender o que é,

porque esse dom se destina à vontade. Deixe-a saborear sem nenhuma indústria; apenas com algumas palavras amorosas. Embora não nos esforcemos em ficar aí sem pensar em nada, estamos muitas vezes fazendo esses atos, mas por breve tempo.

8. Nesta *oração de reclhimento,* não se há de deixar a meditação nem o trabalho do intelecto. Deveria tê-la explicado antes da outra — a dos gostos divinos— da qual falei primeiro. A oração de recolhimento é muito inferior, e princípio para se chegar à oração dos gostos divinos, à qual torno agora.

Como disse em outro lugar,[5] não é água trazida por aquedutos — jorra da fonte, do manancial. É essa a causa de se deter o intelecto. Melhor dizendo, ele é detido. Vê que não entende o que quer, e assim anda de cá para lá, estonteado, sem se deter em coisa alguma.

A vontade, pelo contrário, tem grande quietude em seu Deus, e muito lhe pesa esse bulício do intelecto. Não deve fazer caso. Seria perder muito do que está fruindo. Deixe-o, e deixe-se a si mesma nos braços do amor. Sua Majestade lhe ensinará o modo de agir. Este se resume, quase inteiramente, em sentir-se indigna de tanto bem e empregar-se em ação de graças.

9. Por estar tratando anteriormente da oração de recolhimento, deixei para este lugar os efeitos ou sinais que se observam nas almas, as quais Deus Nosso Senhor favorece com os gostos divinos. Claramente se entende um dilatar-se ou alargar-se da alma — à semelhança de uma fonte construída de tal maneira, que as águas não tivessem por onde correr, e quanto maior e mais ampla se fizesse a construção, tanto mais abundantemente jorrassem as águas. Assim parece acontecer nesta oração. Além de muitas outras maravilhas que Deus opera na alma, com a finalidade de a ir habilitando e dispondo para nela depositar todas as suas graças.

Com essa dilatação e suavidade interior, ela não fica atada, como antes, nas coisas do serviço de Deus. Caminha com muito mais liberdade! Não vive coagida, com medo do inferno. Perde o

temor servil e, embora mais temerosa de ofender a Deus, sente grande confiança de que experimentará a suprema felicidade de sua presença. Já não tem, como antes, receio de fazer penitência e vir a perder a saúde. Parece-lhe que, em Deus, tudo poderá fazer. Sente mais desejos de penitência do que até então.

A repugnância dos sofrimentos, que costumava sentir, vai-se moderando. Tendo fé mais viva, entende que, se os suportar por amor de Deus, Sua Majestade lhe dará graça para sofrê-los com paciência. Chega mesmo a desejá-los, de quando em quando, pela grande vontade que lhe fica de fazer alguma coisa por Deus. Como vai conhecendo melhor as grandezas divinas, tem-se em conta de mais miserável.

Tendo provado os gostos de Deus, vê que os do mundo são apenas cisco. Pouco a pouco vai-se apartando deles, sentindo-se mais senhora de si para calcá-los aos pés. Fica, em suma, melhorada em todas as virtudes. Não deixará de ir crescendo, se não tornar atrás. Ainda que esteja muito elevada e tenha chegado ao cume, tudo perderá se voltar a ofender a Deus. Não quero dizer que de uma ou duas vezes em que Deus faça estas mercês, resultem todos esses frutos. Cumpre ir perseverando, para continuar a recebê-las. Na perseverança está encerrado todo o nosso bem.

10. Quero insistir muito num aviso, para quem se vir neste estado: guarde-se extremamente das ocasiões de ofender a Deus. É que, neste ponto, a alma ainda não está criada, não está formada. É semelhante a uma criancinha que vai começando a alimentar-se do leite materno. Se for separada do peito materno, que se pode esperar para ela, senão a morte? Tenho grande receio de acontecer o mesmo às almas que se apartam da oração, após terem recebido de Deus este favor. A menos que seja por motivo justíssimo, e que tornem prontamente a ela. A não ser assim, irão de mal a pior.

Muito há que temer neste caso. Conheço algumas pessoas que me causam grande lástima. Nelas, fui testemunha do que digo, por se terem apartado daquele que com tanto amor se lhes queria

dar por Amigo, mostrando-o por obras. Empenho-me tanto neste aviso de não se porem em ocasiões de pecado, porque o demônio faz mais questão de ganhar uma destas almas do que muitíssimas outras não favorecidas pelo Senhor com iguais mercês. É que essas almas podem acarretar-lhe grande prejuízo, atraindo outras atrás de si e, provavelmente, produzirão muitos frutos na Igreja de Deus. Basta, aliás, ao inimigo, ver o particular amor que Sua Majestade lhes mostra, para que ponha tudo em jogo, com o objetivo de as perder, mesmo sem outras razões. Deste modo, são muito combatidas e, se vierem a transviar-se, será para elas muito maior a perdição do que para outras almas.

Vós, irmãs, estais livres desses perigos, tanto quanto podemos julgar. Deus vos livre de soberba e vanglória, bem como das ilusões do demônio! Este inimigo pretende contrafazer estas mercês, mas logo se dá a conhecer. Não produz os efeitos acima descritos, mas tudo ao contrário.

11. Embora já tenha dito em outra parte, quero precaver-vos contra um perigo em que tenho visto caírem pessoas de oração, especialmente mulheres. Somos mais fracas. Estamos mais sujeitas ao que vou dizer. É que algumas são fracas de compleição, pela muita austeridade, oração e frequentes vigílias, ou mesmo sem isso. Quando têm alguma satisfação espiritual, sujeita-lhes a própria natureza. Como sentem no interior alguma consolação e no exterior a fraqueza, até desfalecem, quando há o chamado sono espiritual, que é uma graça um pouco superior à que deixei dita. Confundem a fraqueza com tudo mais, como vindo de Deus, e se deixam embevecer. Quanto mais se entregam, mais embevecidas ficam, mais se lhes vai enfraquecendo a natureza. Imaginam que é arroubamento. Quanto a mim, chamo-o abobamento. Não é outra coisa senão andar perdendo tempo e arruinando a saúde.

12. A certa pessoa acontecia ficar oito horas nesse estado, no qual nem perdia os sentidos, nem havia noção de Deus. Trazia enganado o confessor e muitos outros, bem como a si mesma,

embora sem intenção de o fazer. Houve quem a entendesse. Mandaram-na comer, dormir e não fazer tanta penitência. Desapareceu tudo. Bem creio que o demônio entrou nesse caso, visando a algum lucro. Já ia mesmo começando a tirar não pouca vantagem.

13. Entenda-se bem: embora haja desfalecimento interior e exterior, quando se trata de verdadeira mercê de Deus, a alma não desfalece. Sente-se mais forte. Tem altos sentimentos ao ver-se tão perto de Deus. Mas não dura tanto. É muito breve. Às vezes, torna a ficar absorvida, a embeber-se. Esta oração, a não ser por fraqueza, como já disse, não chega a abater o corpo, nem produz efeitos exteriores.

Ficai, por conseguinte, alertadas. Quando sentirdes essas coisas, distraí-vos como puderdes. Dizei-o logo à superiora. Esta veja que tais irmãs não tenham tantas horas de oração. Procure que rezem um pouquinho e durmam e comam bem, até recobrar as forças naturais, se as perderam por demasiada austeridade.

Se alguma for de tão débil compleição, que não lhe bastem esses cuidados, creiam-me: Deus a quer somente para a vida ativa. Deve haver de tudo nos mosteiros. Ocupem-na em ofícios e sempre usem de precauções para que não tenha muita solidão, do contrário, virá a perder a saúde. Não será pequena mortificação para ela. O Senhor quer experimentar se realmente o ama, pela forma como suporta sua ausência. Depois de algum tempo, será talvez servido de lhe restituir as forças. Se não o fizer, ela irá ganhando com a oração vocal e a obediência. Merecerá tanto e talvez mais do que por outros caminhos.

14. Também pode haver algumas tão fracas de cabeça e de imaginação — como tenho conhecido — que lhes parece ver tudo quanto imaginam. É grande perigo. Como talvez tratarei disso adiante, não me estendo aqui, porque me alarguei muito. É que, nesta morada, a meu ver, entra o maior número de almas. E como nela o natural junta-se ao sobrenatural, o demônio tem

mais poder para prejudicar. Nas outras de que vou falar, o Senhor não lhe dá tanta entrada. Seja Deus louvado para sempre! Amém!

QUINTAS MORADAS

Contém quatro capítulos

Capítulo 1

Começa a declarar como a alma se une com Deus na oração e conhece não ser engano.

1. Ó irmãs, como vos poderei falar da riqueza, dos tesouros e deleites que há nestas quintas moradas? Creio que seria melhor nada dizer destas nem das que faltam. Não há quem saiba falar delas. O intelecto não é capaz de conhecê-las. As comparações não podem servir para explicá-las. As coisas da terra são muito baixas para tão alto fim.

Enviai-me, Senhor meu, luz do céu, para que eu possa esclarecer, de alguma forma, estas vossas servas. Já que algumas delas experimentam frequentemente tais deleites, e todas as suas aspirações se empregam em desejar contentar-vos, não sejam enganadas pelo demônio, transfigurado em anjo de luz.

2. Algumas experimentam-nos — disse eu. Contudo, bem poucas não entram nesta morada de que vou tratar agora. Havendo nela mais e menos, posso com razão afirmar que a maioria entra. Poucas receberão, porém, certas graças particulares que há neste aposento — disto estou certa. Ainda que seja apenas um chegar-se à porta, já é grande misericórdia de Deus. Sendo muitos os chamados, poucos são os escolhidos.[1]

Assim digo eu agora: todas nós, que trazemos este sagrado hábito do Carmo, somos chamadas à oração e contemplação. Foi esta a nossa origem. Descendemos da linhagem daqueles nossos santos padres do Monte Carmelo que, em tão grande solidão e com tal desprezo do mundo, buscavam este tesouro, esta pérola preciosa de que falamos. Todavia, poucas dentre nós nos dispomos para que o Senhor nos leve a descobrir o tesouro. No exterior, estamos em boas condições para chegar ao termo. No que se refere às virtudes, entretanto, ainda nos falta muito, muito. É preciso não nos descuidarmos nem pouco nem muito.

Por conseguinte, já que de algum modo podemos gozar do céu na terra, tende ânimo, minhas irmãs, e pedi ao Senhor que nos

dê seu favor, a fim de não o desmerecermos por nossa culpa. Pedi também que nos mostre o caminho e nos conceda forças à alma para cavarmos até encontrar este tesouro escondido. A verdade é que ele está dentro de nós mesmas. É o que gostaria de fazer-vos entender, se o Senhor se dignar a ensinar-me.

3. Se eu disse: conceder forças à alma, foi para compreenderdes que as do corpo não fazem falta, quando Deus, nosso Senhor, não as concede. Ninguém está impedido de comprar suas riquezas. Se cada um dá o que tem, o Senhor se contentará. Bendito seja tão grande Deus!

Mas prestai atenção, filhas: neste grau de que tratamos,[2] o Senhor não tolera a mínima reserva. Pouco ou muito, o Senhor exige tudo para si. Na medida em que tiverdes dado tudo — e isso a consciência vos dirá — ser-vos-ão feitas maiores ou menores mercês. Não há melhor prova para conhecer se nossa oração chegou ou não chegou até a união total.

Não penseis que seja semelhante a um sonho, como a oração passada. Digo sonho, porque na quietude a alma está como que adormecida: nem lhe parece que dorme, nem se sente acordada. Aqui estamos de todo adormecidas. Profundamente adormecidas a todas as coisas do mundo e a nós mesmas. Com efeito, durante o pouco tempo em que dura a união, a alma fica verdadeiramente como fora de si, sem sentidos. Não é possível pensar, ainda querendo, nem é preciso prender a imaginação com artifícios.

4. Até no amor é assim: não entende como, nem o que deseja. Em suma, está como quem morreu inteiramente ao mundo para viver mais em Deus. Morte saborosa, que arranca à alma todas as suas próprias atividades. Morte deleitosa, porque parece que a alma se aparta do corpo para melhor viver em Deus. É de tal maneira, que nem sei se ao corpo lhe resta vida para respirar. Refletindo agora, parece-me que não. Ao menos, se respira, é sem saber que o faz.

O intelecto emprega-se todo em compreender alguma coisa do que a alma sente, mas suas forças não o alcançam, fica atônito. Se não se perde de todo, não meneia pé nem mão, como se costuma dizer de uma pessoa tão desmaiada que parece morta. Oh! segredos de Deus! Não me cansaria nessa tentativa de dar-vos a entender estas grandezas, se tivesse esperança de acertar de algum modo. Assim, no intuito de acertar uma única vez, a fim de louvar muito o Senhor, direi mil desatinos.

5. Como disse, esta oração não é semelhante ao sonho. Com efeito, no aposento anterior, até ser muita a experiência, a alma fica em dúvida sobre o que foi aquilo — se efeito da imaginação, se algum sonho, se mercê de Deus, ou ilusão do demônio transfigurado em anjo de luz. Surgem mil suspeitas e temores, o que é bom, porque, nesse ponto, até o nosso próprio natural pode intrometer-se e enganar-nos.

Embora os répteis venenosos não entrem lá, há umas lagartixinhas muito esguias que se metem por qualquer canto. Apesar de não causarem muito dano, especialmente quando não se faz caso delas — como aconselhei — às vezes importunam muito. São distraçõezinhas que procedem da imaginação e das outras causas que apontei.

Nesta morada, porém, não penetram lagartixas maiores, por delgadas que sejam, porque não há imaginação, nem memória ou intelecto capaz de impedir tanto bem. E ouso até afirmar: se é verdadeiramente união divina, o demônio não pode entrar nem causar dano algum. Sua Majestade está tão unido à essência da alma, que o inimigo não se atreverá a aproximar-se. Creio que nem mesmo entende esses segredos, Se, como dizem, não penetra nossos pensamentos, está claro que muito menos compreenderá segredos tão sublimes, que Deus não confia nem a nosso intelecto. Oh! grande bem! estado felicíssimo onde o maldito não nos pode fazer mal! Assim fica a alma com indizíveis lucros. Deus atua nela, sem que ninguém o estorve, nem mesmo nós. Que não dará quem é tão amigo de dar e pode dar tudo o que quer?

6. Parece que vos deixo confusas com esse meu modo de falar, ao dizer: quando é união divina. Haverá então outras uniões? Se há!... Mesmo em certas vaidades, havendo grande paixão da parte de quem as ama, o demônio causa transportes, a alma sai de si. Não, porém, do mesmo modo que Deus, nem com suas felicidades, satisfações, paz e alegria. Essas estão acima de todos os prazeres da terra, sobre todos os deleites, sobre todo os contentamentos, e ainda muito mais.

Com efeito, nada há de comum entre a origem dos prazeres da terra e a dos contentamentos divinos. É muito diferente o modo de os sentir, como prova a experiência. Conforme escrevi uma vez,[3] é como se uns atingissem a superfície grosseira do corpo e os outros chegassem até a medula dos ossos. E atinei bem, não sei como explicar melhor.

7. Parece-me que não vos vejo ainda satisfeitas. Tendes receio de cair em algum engano. É muito difícil discernir o que se passa no íntimo do coração. Para quem tiver experiência, basta o que ficou dito. Os sentimentos entre uns e outros são muito diferentes. Contudo, quero dar-vos um sinal evidente, para não haver engano ou dúvida possível, a respeito das verdadeiras mercês de Deus. Sua Majestade o trouxe hoje a minha memória e, a meu parecer, é sinal certo.

Sempre, nas matérias mais difíceis, ainda quando estou certa de que compreendo bem e digo a verdade, uso esta expressão: "parece-me". Se acontecer enganar-me, estou pronta a crer nos que possuem a sã doutrina. Estes têm um não sei quê[4] próprio dos grandes teólogos, ainda quando não experimentaram estas graças. Como Deus os destina a servirem de luz a sua Igreja, ilumina-os para admitirem aquilo que realmente é verdade. Quando não são dissipados e servem bem a Deus, jamais se espantam perante as maravilhas e suas graças. Estão persuadidos de que o Senhor pode fazer mais e muito mais. Tratando-
-se de coisas ainda um tanto obscuras, encontram modos de explicá-las por meio de outras já descritas. Por umas, eles compreendem que outras são possíveis.

8. Tenho grandíssima experiência disso. Também tenho de uns semiteólogos espantadiços, que me custaram muito caro. A estes, a porta para receber semelhantes favores está bem fechada. É o que penso de quem não acredita que Deus pode e deseja, ainda hoje, fazer muito mais, comunicando graças a suas criaturas. Por conseguinte, irmãs, jamais vos aconteça isso.

Crede que Deus pode dar mais e muito mais. Não fiqueis reparando se as pessoas favorecidas por ele são ruins ou boas. Sua Majestade sabe o que faz, como vos disse. Não há para que nos metermos nisso. Com simplicidade de coração e humildade, sirvamos Sua Majestade e louvemos suas obras e maravilhas.

9. Voltemos agora ao sinal que digo ser garantido. Olhai esta alma, à qual Deus suspendeu totalmente o intelecto e os sentidos, deixando-a abobada, a fim de lhe imprimir melhor a verdadeira sabedoria. Durante o tempo em que dura esse estado, não vê, não ouve, nada entende. Esse tempo é sempre breve e parece-lhe ainda mais breve do que realmente é. De tal forma Deus se imprime a si mesmo no interior dessa alma que, ao sair daquele estado, voltando a si, de nenhum modo duvida de que esteve em Deus e Deus nela.

Esta verdade se lhe imprime com tanta firmeza tão ao vivo que, embora se passem anos sem tornar a receber do Senhor aquela mercê, não pode esquecê-la nem duvidar da presença divina. Deixando de lado os efeitos que lhe ficam, dos quais falarei depois, esta certeza, esta convicção é o sinal que muito importa.

10. Direis porém: como viu ou entendeu que era o Senhor, se nada viu nem entendeu? Não digo que tenha visto. Depois é que vê claramente. Não a modo de visão, mas pela certeza que lhe fica na alma e que só Deus pode infundir.

Conheço uma pessoa[5] que sabia que Deus está em todos os seres por presença, por potência e por essência. Tendo recebido uma dessas mercês do Senhor, compreendeu-o com tal firmeza que não deu ouvido a um dos semiteólogos acima referidos, a

quem consultou. Este respondeu-lhe que Deus está em nós pela graça santificante — assim falando por ser tão pouco instruído quanto ela, antes que Deus a iluminasse. Estava ela, porém, tão firme em sua convicção, que interrogou outros, os quais lhe disseram a verdade, com o que muito se consolou.

11. Não quero que vos enganeis, pensando que esta certeza fique de uma forma corpórea, material, como a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo está no Santíssimo Sacramento, embora não o vejamos. Aqui não é assim: é unicamente a Divindade.

Mas como pode deixar-nos tão grande certeza algo que não vemos? Não sei — são obras de Deus. Só sei que digo a verdade. E se alguém não tiver essa convicção absoluta, é sinal, a meu ver, de que não foi união de toda a alma com Deus, apenas de uma das faculdades ou outra das muitas e diversas graças que Deus faz à alma.

Em tudo não havemos de buscar razões para saber como foi. Se nosso intelecto não é capaz de chegar a tanto, para que nos cansarmos indagando inutilmente? Basta sabermos que aquele que o faz é todo-poderoso. Por maiores diligências que façamos, não temos parte nisso, nem o podemos alcançar: tudo vem de Deus. Não tenhamos a pretensão de entendê-lo.

12. A esse respeito — de nada podermos fazer — lembro-me agora de um trecho dos Cantares que já conheceis. Diz a Esposa: *Levou-me o Rei à adega dos vinhos,*[6] ou antes, creio, *introduziu-me.* Não diz que ela entrou por si mesma. Diz que andava buscando seu Amado por todos os lados. Ao que entendo, esta oração é a adega onde apraz ao Senhor introduzir-nos, quando e como quer. Não conseguimos entrar por nossos esforços, por maiores diligências que façamos. Sua Majestade é quem nos há de introduzir no centro de nossa alma, entrando ele também.

E, para melhor mostrar suas maravilhas, não quer nossa cooperação de modo algum, exceto nossa vontade inteiramente rendida à sua. Os sentidos e faculdades estão todos adormecidos. É ele quem entra no centro da alma, portas fechadas, como

apareceu no meio de seus discípulos, quando lhes disse *Pax vobis!*[7] ou quando saiu do sepulcro sem levantar a pedra. Adiante vereis como, na última das moradas, Sua Majestade quer que a alma experimente a suprema felicidade de sua presença, ainda muito mais intensamente, no centro de si mesma.

13. Ó filhas, quantas coisas grandiosas veríamos se não puséssemos os olhos somente em nossa baixeza e miséria. Entenderíamos que não somos dignas de ser servas de um Senhor tão grande, cujas maravilhas são, de fato, incompreensíveis! Seja ele para sempre louvado! Amém.

Capítulo 2

Prossegue na mesma matéria. Explica a oração de união e os efeitos que deixa na alma por meio de uma delicada comparação. É muito de notar.

1. Parecerá que já declarei todas as maravilhas desta morada, mas falta muito. Nela há mais e menos. Penso que não saberei explicar melhor a união propriamente dita. Mas resta muito a dizer acerca de tudo o que o Senhor realiza nas almas favorecidas com estas mercês, quando elas, por seu lado, se dispõem a recebê-las.

Falarei de algumas dessas graças e dos efeitos que elas produzem. Quero valer-me de uma comparação bem apropriada, para melhor o dar a entender. Ao mesmo tempo veremos como, sendo obra exclusiva do Senhor, nada podemos fazer para que Sua Majestade nos conceda esta graça. Contudo, podemos dispor-nos para recebê-
-la — e é grande coisa.

2. Já tereis ouvido falar das maravilhas de Deus, no modo como se produz a seda, invenção que só ele poderia conceber. Contaram-me, nunca o vi. Se houver engano, a culpa não será minha.

Trata-se de uns grãos pequeninos, como o grão de mostarda, que começam a cobrar vida quando se aproxima o calor da primavera e as amoreiras vão brotando. Até então pareciam mortos, por faltar-lhes as folhas de amoreira, que são seu alimento. Com esse sustento, pouco a pouco se criam e crescem. Depois de grandes, são colocados sobre os ramos das amoreiras. Aí, cada verme, com a boquinha, vai fiando a seda, que tira de si mesmo. Tece um pequeno casulo muito apertado, onde se encerra. Então acaba o verme, que é grande e feio, e sai do casulo uma borboletinha branca, muito graciosa.

Se nos contassem o fato como sucedido em outros tempos, e ninguém o presenciasse agora, quem o poderia crer? Que motivos

haveria para acreditarmos que criaturas desprovidas de razão, como um verme e também a abelha, seriam tão diligentes e industriosas em trabalhar para nosso proveito, a ponto de o pobre bichinho da seda perder a vida no seu trabalho?

Ainda que eu nada mais acrescentasse, bastaria, irmãs, para alimentar durante longo tempo a vossa meditação. Nisso podeis considerar as maravilhas e a sabedoria de nosso Deus. E que seria se conhecêssemos as propriedades de todas as coisas! É de grande proveito ocuparmo-nos em meditar nessas grandezas, alegrando-
-nos com o nosso título de esposas de Rei tão sábio e poderoso.

3. Tornemos ao que dizia. A alma — figurada pelo bicho da seda — vai cobrando vida quando, com o calor do Espírito Santo, começa a beneficiar-se do auxílio geral que Deus concede a todos, valendo-se dos meios confiados por Sua Majestade à Igreja, tais como a confissão frequente, as boas leituras e os sermões. São esses os remédios para uma alma que está morta em seus descuidos, no pecado e metida em ocasiões de reincidir no pecado. Principia a viver, sustentando-se com esses mantimentos e com proveitosas meditações, até chegar a crescer. Esse final é que vem a meu propósito. O resto importa pouco.

4. Ao principiar o que vou escrevendo, contei como este verme, ao crescer, começa a lavrar a seda e a construir a casa onde há de morrer. Para nós, esta casa é Cristo — eis o que eu quería dar-vos a entender. Parece-me ter lido em algum lugar, ou ouvido dizer, que nossa vida está escondida em Cristo ou em Deus, o que é a mesma coisa, ou que nossa vida é Cristo.[1] Para meu intento, qualquer dessas expressões vem a propósito.

5. Eis aqui, filhas, o que podemos fazer, com o auxílio de Deus. Nossa morada seja Sua Majestade, como o é verdadeiramente nesta oração de união, morada fabricada por nós! Afirmando que Deus é nossa morada e que podemos fabricá-la para nos introduzirmos nela, pareço dizer que somos capazes de tirar e

pôr em Deus. E como é certo que podemos! Não tirar de Deus ou pôr nele, mas de nós, como fazem os bichinhos da seda.

Ainda bem não acabamos de fazer tudo o que nos cabe, Deus une à sua grandeza esse nosso trabalhinho, que em si é nada, conferindo-lhe tão grande valor, que o próprio Senhor vem a ser nossa recompensa. E assim como foi ele quem mais trabalhou, assim também quer juntar nossos trabalhinhos com os grandes trabalhos e sofrimentos que Sua Majestade padeceu, e de tudo fazer uma só coisa.

6. Eia, pois, filhas minhas, demo-nos pressa em pôr mãos à obra e tecer esse casulinho, despojando-nos de nosso amor-próprio e de nossa vontade, do apego a coisinhas da terra, exercitando-nos em obras de penitência, oração, mortificação, obediência e tudo mais que sabeis. Prouvera a Deus fizéssemos o que é de nosso dever e puséssemos em prática tudo o que sabemos, fazendo como somos ensinadas a fazer.

Morra, morra esse nosso verme — como o da seda, ao acabar de realizar a obra para a qual foi criado. Vereis então como contemplaremos a Deus e nos acharemos tão envolvidas por sua grandeza como aquele bichinho por seu casulo. Mas vede: ao dizer que contemplaremos a Deus, refiro-me ao modo como Sua Majestade se faz sentir neste tipo de união.

7. Vejamos agora o fim que leva este verme. Eu disse tudo isso para chegar aqui. Dele sai uma borboletinha branca. Semelhante coisa acontece, nesta oração, à alma inteiramente morta para o mundo. Oh! maravilhas de Deus! Quão transformada sai ela daqui, depois de ter estado imersa na grandeza do Senhor e tão unida a ele, embora só durante um pouquinho de tempo. A meu parecer, nunca chega a meia hora.

Digo-vos, na verdade, a própria alma não se conhece mais. Vede a diferença entre um verme repugnante e uma borboletinha branca! A diferença é a mesma. A alma não sabe como conseguiu merecer tanto bem, nem de onde lhe veio. Sabe muito bem que não o mereceu. Sente tanto desejo de louvar ao Senhor, que

quisera desfazer-se e morrer por ele mil vezes. Começa a ter anseios de padecer grandes sofrimentos — e não está em suas mãos fazer outra coisa. Tem grandíssimos desejos de penitência, de solidão e de que todos conheçam a Deus. Daqui provém um grande pesar de o ver ofendido.

Na seguinte morada trataremos mais em particular de todos esses efeitos. Embora o que há nesta quinta morada e na que vem depois seja o mesmo, há muita diferença na intensidade dos efeitos. Repito: grandes coisas verá a alma que Deus faz chegar até aqui, se deveras se esforçar por ir adiante.

8. Que desassossego o desta borboletinha, apesar de nunca ter experimentado tanta paz e suavidade em toda sua vida! É para louvar a Deus! Não sabe onde pousar e descansar. Foi tanto o que desfrutou nessa quietude, que tudo quanto vê na terra a descontenta, especialmente quando o Senhor lhe dá com frequência a beber deste vinho.

Quase sempre lhe ficam novos proveitos. Não dá valor às obras que fazia em outros tempos, quando era verme e tecia, pouco a pouco, seu casulo. Nasceram-lhe asas. Como se contentará de ir passo a passo, se pode voar? Para ela, tudo quanto lhe é dado fazer por Deus é ninharia, tão grandes são os seus desejos. Sabendo, por experiência, quanto o Senhor ajuda e transforma uma alma, a ponto de não parecer a mesma nem por sombra, não acha muito o que os santos fizeram.

Com efeito, a fraqueza que sentia, quando se tratava de fazer penitência, tornou-se uma força. O apego aos parentes, amigos e posses era tal que nem os seus atos interiores, nem suas resoluções, nem o desejo de apartar-se deles conseguiam rompê-lo. Pelo contrário, o apego parecia enraizar-se cada vez mais. Agora, porém, está de tal modo libertada, que tem pena de ser obrigada a manter certas relações sociais, que não pode dispensar sem faltar à caridade. Tudo a cansa depois de experimentar como o verdadeiro descanso não provém das criaturas.

9. Parece que me estendo demasiadamente, ainda poderia dizer muitíssimo. Quem houver recebido de Deus esta mercê, verá que digo pouco. Não é de espantar que a nossa borboletinha, sentindo-se renovada e estranha às coisas da terra, busque repouso noutro lugar. Onde há de pousar, a pobrezinha? Não pode voltar ao casulo de onde saiu. Como eu disse, por mais que façamos, essa graça não está em nossas mãos. Temos de esperar até que Deus seja servido de favorecer-nos outra vez com tal mercê.

Ó Senhor! Que novos tormentos começam para esta alma! Quem poderia supor tal coisa, depois de tão elevada graça! Em suma, de um ou de outro modo, enquanto estivermos nesta vida terrena, há de haver cruz. E se alguém afirmasse que, depois de chegar a esse estado, tem vivido sempre com descanso e consolações, eu diria que a ele nunca chegou. Teve, porventura, no aposento anterior, alguma satisfação espiritual, para a qual contribuiu a fraqueza natural. Ou, quem sabe, o demônio lhe deu tréguas com o fito de lhe mover, em seguida, guerra muito maior.

10. Não quero dizer que não tenha paz quem chega a esta morada. Pelo contrário, tem paz — e grandíssima. Os próprios sofrimentos são de tanto valor e de tão excelente raiz que, apesar de muito intensos, deles mesmos procedem a paz e a alegria. Do desgosto que lhe inspiram as coisas do mundo, nasce na alma um penoso desejo de sair dele. Seu único alívio é o pensamento de que Deus a quer viva neste desterro. Nem isso é suficiente. É que, apesar de ter recebido tantas graças, não está tão rendida à vontade do Senhor quanto ficará adiante, segundo veremos. Embora não deixe de conformar-se, custa-lhe grande sofrimento. Ainda não lhe foi dada maior perfeição.

Cada vez que se põe em oração, sente pesar e com muitas lágrimas. Procede em parte, creio eu, da grandíssima dor que lhe causa o ver quanto Deus é ofendido e pouco honrado neste mundo. Também o considerar a multidão de almas que se perdem, tanto de hereges como de mouros. O que mais a tortura, porém, é a perda de muitos cristãos. Receia que muitos se

condenem, embora saiba que a misericórdia de Deus é infinita e que esses, mesmo os que levam pior vida, podem se emendar e salvar.

11. Que grandeza de Deus! Há poucos anos — talvez poucos dias — esta alma andava só pensando em si. Quem a meteu em tão penosas preocupações? Mediante muitos anos de meditação não conseguiríamos experimentar os sofrimentos tão veementes que padece.

Mas, valha-me Deus! Se durante muitos dias e até anos procuro refletir sobre o grande mal que é a ofensa de Deus; se penso que muitos desses que se condenam são filhos de Deus e meus irmãos; se considero os perigos em que vivemos e a vantagem que haveria em sair desta vida miserável — não basta?

Não, filhas. O pesar causado por essas reflexões não basta. É uma dor de outra espécie a que se sente aqui. Depois de muito meditar, bem poderíamos experimentar grande dor, com o favor de Deus. Contudo, não chegaria ao íntimo das entranhas, como nesta outra oração, em que a alma parece ficar triturada e moída, sem nada fazer de sua parte, às vezes até sem querer. Mas então que é isso? De onde procede? Vou explicar-vos.

12. Não ouvistes a Esposa dizer que o Senhor a *fez entrar na adega de seus vinhos e ordenou nela a caridade?*[2] Aqui mesmo já tive ocasião de lembrá-lo, embora a outro propósito. É exatamente o que acontece neste caso. O Senhor vê aquela alma totalmente entregue e rendida em suas mãos pela veemência de um grande amor. Por sua vez, ela já não sabe nem deseja outra coisa senão que o Senhor cumpra nela a sua vontade. E Deus nunca fará esta mercê, penso eu, senão à alma que tomou inteiramente para si.

O Senhor quer que a alma saia deste estado marcada com o selo divino, embora sem entender como. A cera não grava em si mesma o selo, apenas dispõe-se a recebê-lo pela sua brandura. Ainda assim, não é ela que se dispõe. Ela só faz permanecer quieta e consentir em receber a marca. Ó bondade tão grande de

Deus, tudo há de ser à vossa custa! De nossa parte, só quereis receber nossa vontade, como cera maleável, sem opor resistência.

13. Eis, irmãs, o que faz aqui nosso Deus, para que esta alma se reconheça como sua: dá-lhe o que tem de mais precioso, isto é, as mesmas disposições que comunicou a seu Filho neste mundo. Maior mercê não nos poderia fazer. Quem mais do que Sua Majestade desejou sair desta vida? Assim o demonstrou na Ceia, quando disse: *"Com ardente desejo desejei"*[3]. Mas como, Senhor meu? Não vedes a morte atroz que vos espera, tão cruel, dolorosa e terrível?

Não — dizeis vós — meu imenso amor e o desejo da salvação das almas superam incomparavelmente todas estas dores. Os grandíssimos sofrimentos que padeci e ainda padeço, desde que vim a este mundo, me parecem nada em comparação com o amor e o desejo de salvar as almas.

14. Asseguro-vos que é verdade. Tenho meditado muitas vezes nisso. Penso no tormento que padece e padeceu certa pessoa, minha conhecida,[4] vendo as ofensas feitas a Nosso Senhor. Essa ideia lhe é tão insuportável que preferiria a morte a tal sofrimento. A caridade dessa alma é pouquíssima, quase nada, comparada com a de Cristo. Se ela sente dor tão insuportável, qual não terá sido o sentimento de Nosso Senhor Jesus Cristo? Que vida não terá sido a sua, ele que via todas as coisas, e que trazia sempre diante dos olhos as grandes ofensas feitas a seu Pai? Não tenho a menor dúvida: esses sofrimentos foram piores que os de sua sacratíssima paixão. Então, já se aproximava o fim de seus padecimentos. Suas dores se moderariam, já via o fim dos seus sofrimentos. Consolava-o dar remédio a nossos males, com sua morte, bem como poder demonstrar o amor que tinha ao Pai, padecendo tanto por ele.

É o que acontece aos que, movidos pelo ímpeto do amor, se entregam a rudes penitências. Quase não as sentem. Antes quereriam fazer mais e mais. Tudo acham pouco. O que não sentiria Sua Majestade, vendo-se em tão boa ocasião de mostrar a

seu Pai que cumpria perfeitamente a obediência dele recebida e o preceito do amor ao próximo? Oh! grande satisfação! — padecer para cumprir a vontade de Deus! Mas presenciar tantas e tão contínuas ofensas contra a Majestade divina e a perda de tantas almas, que se precipitam no inferno, parece-me dor extremamente intolerável. Segundo creio, se Nosso Senhor não fosse mais que simples homem, bastaria um só dia daquele tormento para acabar com muitas vidas — quanto mais uma!

Capítulo 3

Continua o mesmo assunto. Fala de outro modo de união que a alma pode alcançar com o favor de Deus. Para isso, é muito importante o amor ao próximo. É de grande proveito.

1. Tornemos agora a nossa pombinha e vejamos algumas das graças que Deus concede nesta morada. Sempre — bem entendido — no caso de a alma ir procurando adiantar-se no serviço de Nosso Senhor e no próprio conhecimento. Se não fizer mais do que receber esta mercê; se, julgando-se já segura, for descuidada em sua vida; desviar-se do caminho do céu, que consiste na observância dos mandamentos — que lhe acontecerá? O mesmo que à borboleta do bicho da seda. Deita semente para nascerem outras borboletas, enquanto ela morre e fica morta para sempre.

Digo que deita semente, porque Deus não permite que fique estéril a alta mercê concedida. Serve de proveito para outros, se a alma não aproveita para si. Efetivamente, sempre causa proveito a outras almas. Do seu calor propaga-se calor, porque lhe ficam grandes desejos e virtudes, enquanto persevera no bem. Mesmo depois de perdido o calor, ainda lhe fica a ânsia de fazer bem ao próximo e o gosto de dar a conhecer os favores concedidos por Deus a quem o ama e serve.

2. Conheci uma pessoa[1] a quem acontecia o que digo. Apesar de andar muito perdida pelas suas faltas, gostava de que outros progredissem com as graças que o Senhor lhe havia feito. Guiava no caminho da oração a quem o ignorava. Deste modo, fez muito bem, muito. Depois, o Senhor tornou a dar-lhe sua luz. Verdade é que até então ainda não experimentara os efeitos que descrevi.

Quantos haverá que, chamados pelo Senhor ao apostolado e à comunicação divina, como Judas, ou escolhidos para o reino, como Saul, depois vêm a perder-se por sua própria culpa! Daqui tiremos, irmãs, esta conclusão: o meio mais seguro para não nos

perdermos, como esses, e irmos adquirindo sempre novos méritos é a obediência acompanhada pela retidão, no exato cumprimento da Lei de Deus. Digo isso em relação a quem já houver recebido semelhantes graças — mas serve para todos.

3. Apesar de todas as minhas explicações, parece-me que ainda fica um tanto confusa esta morada. Mas havendo tão grande lucro em entrar nela, não convém ficarem sem esta esperança as almas não favorecidas pelo Senhor de mercês sobrenaturais. Com o auxílio de Nosso Senhor, poderão muito bem alcançar a verdadeira união. De nossa parte, devemos procurá-la com todas as nossas forças, não deixando prender-se nossa vontade senão ao que for a vontade de Deus.

Quantas vezes acontece-nos falar assim parecendo-nos que não queremos outra coisa! Daríamos a vida, como já disse, para provar esta verdade. Pois eu vos digo e repetirei sempre: quando realmente for assim, tereis alcançado do Senhor esta mercê.

Quanto a essa outra espécie de união, acompanhada de consolações, a que me referi, não vos preocupeis. Seu maior merecimento está em proceder desta união a que me refiro agora. Ninguém poderá alcançá-la sem ter chegado à união estável e segura da submissão à vontade de Deus. Oh! que união esta, para ser desejada! Venturosa a alma que a ela chegou! Viverá com descanso nesta vida e também na outra! Nenhum acontecimento, dos muitos que há na terra, a perturbará — a menos que se trate de ver Deus ofendido, ou de qualquer perigo de o perder eternamente. Fora disso, nem enfermidade, nem pobreza, nem mortes — a não ser de alguma pessoa que há de fazer falta à Igreja de Deus. Esta alma vê bem que o Senhor sabe fazer melhor do que ela pode desejar.

4. Convém notar que há distinção entre sofrimento e sofrimento. Nem todos são do mesmo gênero. Há alguns produzidos de repente, pela natureza. O mesmo se observa com relação a alegrias, afetos de caridade e de compaixão para com o próximo.

Tal foi o sentimento de Nosso Senhor, na ressurreição de Lázaro. [2]

Os sofrimentos desse gênero não alteram a união com a vontade de Deus, nem tampouco perturbam a alma com ímpetos de paixão que a inquietam, desassossegam com persistência. Passam depressa, — como disse de certas alegrias experimentadas na oração — parecem mover somente os sentidos e as faculdades. Não atingem o íntimo da alma. Andam perambulando pelas moradas precedentes. Não entram na última, de que falarei depois.

Não imagineis que seja necessária a suspensão das faculdades, para chegar à perfeita união. Poderoso é o Senhor para enriquecer as almas e introduzi-las nesta morada por vários caminhos, sem passar pelo atalho de que falei acima.[3]

5. Sim, filhas, prestai muita atenção: é absolutamente necessário que morra o verme — e morra às vossas custas. Naquela outra união mais íntima, ajuda muito a fazê-lo morrer o ver-se a alma numa vida nova. Em nossa vida comum, é preciso que nós o matemos. Confesso-vos que será muito mais trabalhoso, mas tem seu valor. Será maior o galardão, se sairdes com a vitória. Quanto a ser possível, não há que duvidar. Mas é indispensável que estejais verdadeiramente unidas com a vontade de Deus. Esta é a união que toda a minha vida tenho desejado e não cesso de pedir a Nosso Senhor. É a união mais evidente, clara e segura.

6. Ai de nós! Como são raros, penso eu, os que chegam a ela. Muitos, por se guardarem de ofender a Deus e terem abraçado o estado religioso, imaginam estar tudo feito. Que engano! Ficam uns vermezinhos — como o que roeu a hera ao profeta Jonas[4] — os quais nem se dão a perceber e acabam por nos roer as virtudes. É o amor-próprio. A estima de si mesmo. O hábito de julgar os outros, embora em coisas pequenas. As faltas de caridade para com os próximos, não os amando como a nós mesmos. Com isso, vamos nos arrastando à força e cumprindo nossas obrigações somente para evitar pecados. Nunca

chegaremos à perfeição, às disposições necessárias para aderir totalmente à vontade de Deus.

7. Qual pensais, filhas, que seja a vontade divina? É que de todo nos tornemos perfeitas, a fim de sermos uma só coisa com o Filho e com o Pai, como Sua Majestade pediu.[5] Vede quanto nos falta para chegarmos a tal ponto! Asseguro-vos que estou escrevendo com bastante mágoa, ao ver-me tão longe — e tudo por minha culpa. Para chegarmos, não é necessário favorecer-nos o Senhor com grandes consolações: basta o dom imenso que nos fez, enviando seu Filho, que veio ensinar-nos o caminho.

Não penseis que a união consista em conformar--me eu com a vontade de Deus a ponto de não sentir se morre meu pai ou meu irmão. Ou então, ao sobrevirem-
-me sofrimentos e enfermidades, sofrê-los com alegria. Tudo isso é bom. Mas às vezes nasce da sensatez natural que, vendo não haver remédio, faz da necessidade virtude. Quantas coisas assim faziam os filósofos — ou outras semelhantes, que denotavam muita sabedoria!

Quanto a nós, só estas duas pede o Senhor: amor de Deus e amor do próximo. Nisso devemos trabalhar. Guardando-as com perfeição, fazemos sua vontade. Assim estaremos unidas a ele. Mas quão longe ficamos, repito, de cumprir esses dois preceitos como devemos e como convém a tão grande Deus! Praza a Sua Majestade dar-nos graça para merecermos chegar a esse estado. Está em nossas mãos, se quisermos.

8. O mais certo sinal, a meu ver, para verificar se guardamos esses dois pontos com perfeição, é a observância generosa da caridade fraterna. Com efeito, não temos certeza do nosso amor a Deus, conquanto haja grandes indícios por onde se entende que o amamos. O amor ao próximo, por outro lado, logo se conhece. E convencei-vos: quanto mais adiantadas estiverdes no amor do próximo, tanto mais o estareis no amor de Deus. Quereis saber a razão? É tão grande o amor de Deus para com os homens, que

em paga do amor que tivermos a eles, Sua Majestade fará crescer por mil maneiras o amor que temos a ele. Não posso duvidar.

9. É de suma importância estarmos sempre muito atentas, vendo como andamos em relação à caridade fraterna. Se for com muita perfeição, tudo está feito. Dada a malícia de nossa natureza, o amor ao próximo nunca desabrochará perfeitamente em nós se não brotar da raiz do amor de Deus.

Já que nos importa tanto, procuremos, irmãs, aplicar-nos à prática da caridade, mesmo em coisas miúdas. Não façamos caso de certas ideias grandiosas, que se nos apresentam em conjunto na oração e nos deixam convencidas de que faremos e aconteceremos, por amor do próximo e até pela salvação de uma só alma. Se depois não condizem nossas obras com esses pensamentos, não lhes demos crédito. O mesmo digo da humildade e de todas as demais virtudes.

A astúcia do inimigo é grande. Para nos dar a impressão de que possuímos uma virtude, sem a termos, dará mil voltas ao inferno. E tem razão, causa grave prejuízo às almas. Procedendo de tão má raiz, essas virtudes fingidas nunca deixam de vir acompanhadas de certa vanglória. Pelo contrário, as que são dadas por Deus são livres de toda vaidade e soberba.

10. Acho graça quando vejo certas almas nas horas de oração, sentirem desejos de ser abatidas e publicamente afrontadas por amor de Deus. Depois, se cometem uma faltinha, quereriam encobri-la. E Deus nos acuda, se são acusadas do que não fizeram! Quem não sabe sofrer essas ninharias — veja bem — não faça caso do que no seu íntimo determinou padecer. Não foi de fato verdadeira determinação da vontade. Quando esta é real, é muito diferente.

Terá sido algum surto da imaginação. É esse o terreno onde o demônio arma seus assaltos e emboscadas. A mulheres e pessoas pouco instruídas o inimigo poderá enganar muitíssimo, porque não sabemos distinguir entre faculdades e imaginação, bem como ignoramos mil outras coisas que ocorrem na vida interior.

Como se vê claramente, irmãs, em algumas de vós existe deveras o amor do próximo; em outras não está ele com a mesma perfeição! Se compreendêsseis quanto nos importa possuir esta virtude, não teríeis outro anseio na vida!

11. Há certas pessoas que vejo muito curiosas por saber qual o grau de sua oração, tão encapotadas,[6] ao rezar, que parece não ousam mexer-se, nem agir com o pensamento, pelo receio de perder um pouquinho do gosto e da devoção. Vejo que pouco entendem do caminho por onde se alcança a união. Pensam que o essencial está nessas exterioridades.

Não, irmãs, não é assim! O Senhor quer obras. Se vês uma enferma a quem podes dar algum alívio, não tenhas receio de perder a tua devoção e compadece-te dela. E se lhe sobrevêm alguma dor, doa-te como se a sentisses em ti. Se for preciso, faze jejum para lhe dar de comer. Não tanto com os olhos nela, quanto porque sabes que teu Senhor o quer assim.

Esta é a verdadeira união com a vontade de Deus! Se vires louvar muito a uma pessoa, alegra-te mais do que se te louvassem a ti. Verdadeiramente é fácil para quem é humilde, pois até sente confusão quando é louvado. Esta alegria de que se entendam as virtudes das irmãs é muito meritória, e ainda sentir, como se fora nossa, alguma falta sua, procurando encobri-la.

12. Tenho falado muito em outros lugares[7] sobre este assunto. Vejo, irmãs, que se houver descuido, estamos perdidas. Permita o Senhor que nunca tal coisa aconteça. Havendo caridade, asseguro-vos: não deixaremos de alcançar de Sua Majestade a divina união. Se esta virtude vos faltar, ainda que tenhais devoção e satisfações espirituais e alguma suspensãozinha na oração de quietude — de modo que logo vos pareça haver atingido o cume e estar tudo feito — crede-me: não chegastes à união. Suplicai a Nosso Senhor que vos conceda com perfeição o amor ao próximo — e deixai agir Sua Majestade.

Ele vos dará mais do que sabereis desejar, contanto que vos esforceis e façais de vossa parte tudo o que puderdes para

conseguir esta virtude. Contrariai vossa vontade, para que se faça em tudo a das irmãs, ainda com prejuízo de vossos direitos. Esquecei-vos de vossos próprios interesses, para atender ao bem delas, por mais que contradiga a vossa natureza. Procurai tirar o trabalho ao próximo e tomá-lo para vós, quando houver ocasião. Não penseis que não vos haja de custar algum esforço, nem espereis achar tudo feito. Olhai quanto custou a nosso Esposo o amor que nos teve. Com o objetivo de nos livrar da morte, sofreu a morte crudelíssima da cruz.

Capítulo 4

Prossegue no mesmo assunto, declarando mais em particular esse gênero de oração. Diz quanto importa andar com atenção, porque o demônio põe tudo em jogo para fazer a alma voltar atrás no caminho andado.

1. Parece-me que estais desejando saber o que é feito da nossa pombinha e aonde vai pousar. Não é certamente em gostos espirituais, nem em contentamentos da terra: mais alto é seu voo. Não posso satisfazer vosso desejo senão na última das moradas. Praza a Deus que me lembre e tenha tempo de escrevê-lo. Passaram-se quase cinco meses desde que comecei estas páginas até agora.[1] A cabeça não aguenta reler o que escrevo. Deve estar saindo tudo em desordem e, talvez, repita algumas coisas duas vezes. Como falo às minhas irmãs, pouco importa.

2. Quero explicar-vos mais claramente em que consiste esta oração de união. Conforme a minha capacidade, vou fazer uma comparação. Depois falaremos em nossa borboletinha. Ela não encontra seu verdadeiro pouso, contudo, não cessa de produzir, fazendo bem a si e a outros.

3. Muitas vezes tereis ouvido dizer que Deus se desposa espiritualmente com as almas. Bendita seja a sua misericórdia, que se quer humilhar tanto! A comparação é grosseira, mas outra não acho que dê tão bem a entender esta verdade, como o sacramento do matrimônio. Por certo é de modo muito diferente. Na aliança de que tratamos nada há que não seja espiritual. Tudo o que é corpóreo está completamente banido. Há mil léguas de distância entre os contentamentos e gostos espirituais, dados pelo Senhor, e os que devem ter os que se desposam. Em nosso caso, tudo é amor que se une ao amor. Suas obras são limpidíssimas, delicadíssimas e tão suaves que palavras humanas não podem explicar. Mas o Senhor as sabe dar a sentir muito bem.

4. Parece-me que a união não chega ainda ao noivado espiritual. É como se usa no mundo quando dois se hão de desposar: tratam de ver se os gênios combinam e se um e outro querem o enlace. Por fim, marcam um encontro, para maior satisfação de ambos.

Assim, neste nosso caso, pressupõe-se que já se tenha feito o contrato. A alma está bem informada das vantagens de tão nobre aliança e disposta a fazer a vontade de seu Esposo em tudo e de todos os modos que a ele aprouver. Sua Majestade então, satisfeito com ela e vendo que realmente o fará, usa de misericórdia e convida-a a conhecê-lo melhor. Concede-lhe um encontro, como se costuma dizer. Aproxima-a de si.

Podemos dizer que é apenas uma entrevista, porque dura brevíssimo tempo. Não há preliminares. É como se a alma visse de modo secretíssimo, misterioso, quem é este Esposo que a vai tomar. Mediante os sentidos e faculdades, não poderia absolutamente entender, em mil anos, o que aqui entende num relance. E é tal o Esposo, que só a sua visita a torna mais digna de sua mão, como se costuma dizer.

Com efeito, a alma fica tão enamorada, que tudo faz de sua parte para que não se desfaça noivado tão divino. Descuidando-se, porém, e pondo sua afeição em algum objeto fora dele, perderá tudo. A perda será tão imensa como são as mercês recebidas, superior a todo encarecimento, indescritível.

5. Por esse motivo, almas cristãs elevadas pelo Senhor a estas alturas, rogo-vos por seu amor: não vos descuideis. Apartai-vos das ocasiões. Mesmo neste estado a alma não se encontra tão forte que se possa expor ao perigo, como ficará depois de celebrado o noivado, no aposento de que falaremos depois deste.

Aqui, o encontro com Deus não passou de uma entrevista. O demônio andará atento em combatê-la com grande afã, procurando impedir o noivado. Depois, vendo-a totalmente consagrada ao Esposo, não ousará tanto. Terá receio dela, pela experiência de sair com grandes perdas e ela com maiores lucros, cada vez que a acomete.

6. Eu vos digo, filhas: tenho conhecido pessoas muito adiantadas que haviam atingido este estado, mas o demônio conseguiu apoderar-se delas, com sua grande astúcia e seus ardis. Nesses casos, parece que se mobiliza todo o inferno, como tenho dito muitas vezes. Não se trata de arruinar uma só alma — e sim uma grande multidão. Boa experiência do caso tem o inimigo!

Vejamos as legiões de almas que Deus. traz a si por meio de uma só alma! É muito para louvar a Deus. Os mártires alcançavam milhares de conversões. Vede o que fez uma donzela como santa Úrsula! Quantas presas arrebatadas ao demônio por são Domingos, são Francisco e outros fundadores de ordens, como ainda hoje pelo padre Inácio, que fundou a Companhia. Todos esses recebiam evidentemente de Deus semelhantes mercês, como se conta em suas vidas.

Como decaíram outras almas, só porque não se esforçaram! Por sua culpa, vieram a perder tão divinos desposorios. O filhas minhas, o Senhor está disposto a conceder-nos mercês agora como então. De certo modo, tem agora mais necessidade de quem as queira receber. Há poucos que zelam pela honra divina como se fazia outrora. Temos demasiado amor a nós mesmos! Extrema preocupação em defender nossos direitos! Que engano tão grande! O Senhor, por sua misericórdia, nos dê luz para não cairmos em tão espessas trevas!

7. Podeis perguntar-me duas coisas, para esclarecer vossas dúvidas. Primeiro: se a alma se acha tão unida com a vontade de Deus, como ficou dito, e em nada quer fazer a sua própria vontade, como pode ser iludida? Segundo: por onde o demônio consegue entrar tão perigosamente, que venhais a perder a alma, se estais tão afastadas do mundo, frequentando assiduamente os sacramentos, e viveis em companhia de anjos — que assim podeis chamar vossas irmãs? Pela bondade do Senhor, todas elas não têm outros desejos senão o de agradar e servir a Deus em tudo. Tratando-se de pessoas metidas nos perigos do mundo, não seria tanto de admirar.

Tendes razão. Foi grande misericórdia de Deus para conosco. Quando vejo, como já vos disse, que Judas vivia na companhia dos apóstolos, conversando sempre com o próprio Deus e ouvindo suas palavras divinas, entendo que não há segurança neste mundo.

8. À primeira dúvida respondo: se essa alma se mantivesse sempre apegada à vontade de Deus, claro está que não se perderia. Mas intromete-se o maligno com uns enganos muito sutis. Sob aparência de bem, a vai separando pouco a pouco do divino querer, em coisinhas miúdas, e introduzindo outras, persuadindo-a de que não são más. Deste modo, de pouquinho em pouquinho, lhe obscurece o intelecto e entibia a vontade. Faz crescer nela o amor-próprio até que, de queda em queda, a vai distanciando da vontade de Deus e apegando à sua própria.

Isso já serve de resposta à segunda pergunta. Com efeito, não há clausura tão estreita onde o inimigo não possa entrar, nem deserto tão distante onde deixe de ir. E outra coisa ainda quero dizer-vos: talvez assim o permita o Senhor, para ver como se comporta aquela alma. Sua Majestade quer servir-se dela como luzeiro para outras. Se há de ser infiel, mais vale que o seja no princípio, do que mais tarde, quando poderia prejudicar a muitos

9. A melhor precaução é pedir sempre a Deus,
quando oramos, que nos tenha em sua mão e pensar continuamente em como cairemos logo no mais profundo abismo, se ele não nos assistir, como é a pura verdade. Jamais cometamos o desatino de confiar em nós mesmos.

Onde me parece haver maior segurança é em andarmos com particular atenção e cuidado, vendo como progredimos nas virtudes. Cada uma examine se vai melhorando ou diminuindo em alguma delas, especialmente no amor de umas para com as outras, no desejo de ser tida pela menor e na perfeição das obras ordinárias. Se examinarmos bem e pedirmos luz ao Senhor, logo veremos o lucro ou a perda.

Não haveis de pensar que, depois de elevar uma alma a tão alto estado, a mão de Deus a deixe tão depressa, de tal forma que o demônio não tenha muito trabalho para a derrubar. Tão extremamente Sua Majestade sente sua perda, que lhe dá, por muitos modos, mil avisos interiores. A alma não pode deixar de perceber o prejuízo.

10. Enfim, seja esta a conclusão: procuremos ir sempre adiante. Se não houver progresso, andemos com grande temor. O demônio certamente está tramando algum assalto. Deixar de ir crescendo é muito mau sinal, porque o amor jamais está ocioso. Não é possível deixar de progredir, quem chegou a tão elevado estado. A alma que aspira a ser esposa de Deus, com o qual já está comprometida do modo que ficou dito, não pode deitar-se a dormir.

E para que vejais, filhas, como o Senhor leva as almas que já considera suas esposas, comecemos a tratar das sextas moradas. Vereis como é bem pouco tudo quanto pudermos fazer e padecer em seu serviço, para nos prepararmos a graças tão sublimes.

Talvez Sua Majestade tenha ordenado que me mandassem escrever tudo isto para que, visando o prêmio e vendo como é infinita sua misericórdia em querer manifestar-se e comunicar-se a uns vermes como nós, esqueçamos nossas mesquinhas satisfações terrenas e — com os olhos em sua grandeza — corramos inflamadas de seu amor.

11. Praza a Deus, acerte eu em declarar alguma coisa acerca de assunto tão difícil. Se Sua Majestade e o Espírito Santo não guiarem a minha pena, bem sei que será impossível fazê-lo. No caso de este escrito não servir para vosso proveito, suplico ao Senhor que eu não acerte em dizer nada. Sua Majestade sabe que meu único intento — tanto quanto posso entender de mim mesma — é que seu nome seja louvado e que nos esforcemos em servir dignamente a um Senhor que nos recompensa com tanta generosidade, desde a terra.

Por essas graças, podemos entrever um pouquinho do que nos há de dar no céu, sem as vicissitudes, os sofrimentos e perigos que existem no mar tempestuoso desta vida terrena. Se nela não houvesse risco de ofendermos o Senhor e de o perdermos pelo pecado, seria certamente um conforto viver e trabalhar, até o fim do mundo, para a glória de um Deus tão grande, nosso Esposo e Senhor. Praza a Sua Majestade mereçamos prestar-lhe algum serviço, sem tantas faltas, como sempre temos, mesmo em nossas boas obras. Amém.

SEXTAS MORADAS

Há nelas onze capítulos

Capítulo 1

Começando o Senhor a fazer maiores mercês, surgem maiores trabalhos e sofrimentos. Menciona alguns e diz como neles devem proceder as almas que estão já nesta morada. É útil para quem sofre penas interiores.

1. Com o favor do Espírito Santo, comecemos a falar das sextas moradas. A alma, já ferida pelo amor do Esposo, procura mais ocasiões de estar só. Conforme lhe permite seu estado, aparta-se o mais possível de tudo que lhe estorva a solidão.

Tão esculpida traz em si aquela visão, que todo seu desejo é tornar a sentir tão intensa felicidade. Digo visão, porque a comparei a uma entrevista. Mas repito: nesta oração nada se vê, nem se experimenta com os sentidos ou a imaginação.

A alma fica bem determinada a não tomar outro esposo. Contudo, o Esposo não atende a seus grandes desejos de que já se façam os desposórios. Quer que o deseje ainda mais e que lhe custe algo este bem, que é o maior de todos. Tudo é pouco em vista do grandíssimo proveito. Mas asseguro-vos, filhas, que os penhores e sinais com que a alma é favorecida são necessários para aguentar as provações que a esperam. E valha-me Deus! que sofrimentos interiores e exteriores padece até entrar nas sétimas moradas!

2. Algumas vezes considero e chego a recear que, se a fraqueza humana entendesse antecipadamente quanto lhe resta sofrer, seria dificílimo determinar-se a enfrentá-lo, mesmo com a esperança das maiores vantagens, a não ser que já houvesse chegado às sétimas moradas. Aí não há temor que a impeça de arrojar-se de todo o coração a padecer tudo por amor de Deus. A razão disso é estar ela quase sempre em íntima união com Sua Majestade. Dele vem a fortaleza.

Acho bom contar-vos alguns dos sofrimentos que certamente ocorrem, os quais conheço bem. Talvez nem todas as almas serão levadas por esse caminho. Mas duvido muito que, de um ou de

outro modo, vivam isentas dos sofrimentos da terra os que por vezes sentem tão intensamente as delícias do céu.

3. Não tencionava tratar disso. Todavia pensei que, para algumas almas metidas nesses tormentos, será grande consolo saber quanto sofrem os que recebem tais graças de Deus. Nessas situações parece estar tudo deveras perdido. Não os contarei por ordem, como se sucedem, senão à medida que me ocorrerem à memória.

Quero começar por um dos menores. É uma algazarra de murmurações das pessoas conhecidas e até desconhecidas, as quais não era de supor que em sua vida se lembrassem de nós. Dizem uns e outros: "Quer passar por santa"; "usa desses exageros para enganar o mundo e desacreditar os que não a imitam"; "cristãos melhores que ela vivem sem tantas cerimônias".

Entretanto — convém notar — ela nada faz de mais. Apenas procura cumprir bem as obrigações de seu estado. Os que tinha por amigos, afastam-se dela e são os que lhe dão o melhor bocado, custando-lhe grande sentimento. Apregoam que "anda perdida aquela alma e claramente enganada"; "que são artifícios do demônio"; "que vai acontecer-lhe como a fulano e sicrano que se desviaram e com isso a virtude perderá seu crédito"; "que ela traz enganados os confessores"... Vão aos confessores e procuram convencê-los, citando exemplos do que aconteceu a alguns que se perderam de modo semelhante. Não têm conta os ditos e zombarias desse gênero.

4. Sei de uma pessoa[1] que chegou a ter bastante receio de não achar quem a quisesse ouvir em confissão, a tal ponto haviam chegado as coisas. São tantas, que não vale a pena repeti-las. E o pior é que essa guerra não passa depressa — dura toda a vida. Vivem sempre avisando uns aos outros que se guardem de tratar com semelhante gente.

Direis que também há quem diga bem. Ó filhas, quão poucos dão crédito a essas graças, em comparação com os que as

abominam! Quanto mais que esse suplício de se ver estimada é maior que o provocado pelas zombarias. Com efeito, a alma vê nitidamente que, se possui algum bem, este é dom de Deus e absolutamente não lhe pertence. Ainda há pouco se via muito pobre e metida em grandes pecados. Experimenta um tormento intolerável ao ser louvada, ao menos no princípio.

Depois, não tanto, por algumas razões. A primeira, porque a experiência lhe faz ver com evidente clareza que tão depressa dizem bem como mal e assim não faz mais caso de um que de outro. A segunda, por lhe ter dado o Senhor mais luz, demonstrando-lhe que nenhuma coisa boa é nossa, mas vem de Sua Majestade. Põe-se então a louvar a Deus, sem se lembrar do que lhe diz respeito, como se tratasse de graça feita a outra pessoa. A terceira: se viu algumas almas progredirem devido aos favores que Deus lhes faz, pensa que Sua Majestade usou desse meio para que a tivessem por boa — não o sendo na realidade — a fim de fazer bem a outras pessoas. A quarta: prezando mais a honra e glória de Deus que a sua própria fama, vence uma tentação comum nos principiantes — de que esses louvores lhe possam causar dano, como viu acontecer a algumas pessoas conhecidas. Pouco se lhe dá a desonra, a troco de ser Deus louvado ao menos uma vez por sua causa. Venha depois o que vier!

5. Essas e outras razões mitigam o grande pesar que nela produzem os louvores. Contudo, quase sempre experimenta algum pesar. A não ser quando não atenta nem pouco nem muito para eles. O pior sofrimento — o maior de todos — é quando se vê elogiada em público, sem merecimento algum. Quando uma alma chega a não fazer caso dos louvores, muito menos o faz dos vitupérios. Alegra-se com as críticas, que para ela ressoam qual música suavíssima.

É a pura verdade. A experiência ensinou-lhe as grandes vantagens desse caminho. Em vez de se acovardar, se robustece. Parece-lhe que os que a perseguem não ofendem a Deus. Sua Majestade o permite para enriquecê-la. Sente-o claramente e,

toma-se de particular amor e ternura para com eles. Tem essas pessoas em conta de verdadeiros amigos, porque lhe dão a ganhar mais que os outros, com seus elogios.

6. Também costuma o Senhor mandar enfermidades gravíssimas. Este sofrimento supera os precedentes, quando se trata de dores agudas. Outras pouco importam. De certo modo, parece-me ser este o maior sofrimento exterior que há na terra, se as dores são violentas, pois decompõem o interior e exterior. De tal forma a alma se vê alterada, que não sabe o que fazer de si. De muito bom grado preferiria qualquer martírio rápido àquelas dores, se bem que não durem tanto com essa extrema violência. O Senhor não dá mais do que se pode sofrer. Dá primeiro a paciência — depois a dor. O ordinário é ter outros grandes padecimentos e toda sorte de enfermidades.

7. Conheço uma pessoa[2] a qual, desde que o Senhor lhe começou a fazer a graça referida — há quarenta anos — pode dizer com verdade que jamais passou um dia sem dores e diversos padecimentos. Refiro-me aos decorrentes da falta de saúde corporal, sem falar de outras grandes aflições. Verdade é que havia sido muito pecadora, e tudo lhe parece pouco, ao se lembrar do inferno que merecia.

Outras almas, que não tenham ofendido tanto a Nosso Senhor, serão levadas por outros caminhos. Mas se me fosse dado escolher, tomaria o de padecer. Tomaria o caminho da cruz ao menos para imitar Nosso Senhor Jesus Cristo, ainda que não houvesse outro lucro. Quanto mais havendo tantos!

E que diremos das penas interiores! Se eu acertasse em falar delas, todas as outras pareceriam pequenas! É impossível descrever o modo como se sentem.

8. Comecemos pelo tormento de encontrar um confessor tão temeroso e pouco experiente, que nada acha seguro. Se vê coisas não muito comuns, tudo receia. Tudo põe em dúvida, especialmente se vê alguma imperfeição na alma favorecida por Deus. Imagina que devem ser anjos os que recebem tais mercês, o

que é impossível enquanto se vive neste corpo. Sem mais, tudo condena e atribui ao demônio ou à melancolia.[3] Desta o mundo anda tão cheio, que não me espanto. São tantos os casos, e o inimigo espalha tantos males por esse meio, que os confessores têm muitíssima razão para temer e examinar tudo muito bem.

Entretanto, a pobre alma que vive com os mesmos temores e vai ao confessor como a um juiz, vendo-se condenada por ele, não pode deixar de sentir grande inquietação e angústia. Tão grande, que só entenderá esse gravíssimo sofrimento quem o houver experimentado.

Esta é outra das maiores provações, especialmente para os que viveram mal. Pensar que, por seus pecados, Deus permitirá algum engano ou ilusão. Quando recebem graças de Sua Majestade, sentem segurança e não podem duvidar de que provenham do Espírito de Deus. Como os favores passam e a lembrança dos pecados perdura sempre, ao perceber suas faltas — que sempre haverá alguma — logo lhe recomeça o tormento. Se o confessor a tranquiliza, aplaca-se por algum tempo, embora depois lhe volte a inquietação. Se o confessor a atemoriza mais, é quase impossível aguentar. Especialmente quando, ainda por cima, é acometida por securas. Parece-lhe então que nunca pôs o pensamento em Deus — e que jamais o porá. Nessas ocasiões, ao ouvir falar de Sua Majestade, é como se se tratasse de uma pessoa de cuja existência, faz muitos anos, ouviu dizer.

9. Tudo isso é nada, quando não lhe vem à cabeça que não sabe informar direito os confessores e os traz enganados. Por mais que reflita e verifique que não lhes oculta nem um primeiro movimento, é tudo em vão! O intelecto está de tal forma obscurecido e confuso que é incapaz de atinar com a verdade. Dá ouvidos a tudo quanto lhe sugere a imaginação, que então é a senhora. Crê nas fantasias e insinuações do demônio, a quem Nosso Senhor parece ter dado licença para prová-la e até para persuadi-la de que está reprovada por Deus. De fato, vê-se combatida por muitos sofrimentos, com uma angústia interior tão sensível e intolerável que não sei a que se possa comparar,

senão às torturas dos que padecem no inferno. Durante a tempestade nenhum consolo dá alívio. Se procura alento no confessor, parece que os demônios se valem dele para torturá-la ainda mais.

É angústia perigosa, por se tratar de tanta coisa junta. Dessa forma, um confessor, aconselhando uma alma assim aflita, dizia-lhe que o avisasse quando estivesse padecendo. Mas de cada vez era pior. Afinal, persuadiu-se de que não estava em suas mãos apaziguá-la. De tal maneira estava aquela alma atordoada que, tomando um livro, nada entendia, embora soubesse ler muito bem e estivesse escrito em sua própria língua. Era como se fosse analfabeta, o intelecto mostrava-se incapaz.

10. Em suma, nenhum remédio há nesta tempestade senão aguardar a misericórdia de Deus. Esta, de uma hora para outra, com uma só palavra ou acontecimento fortuito, a livra de tudo. E tão depressa que não resta vestígio de nuvem naquela alma, tão cheia fica de sol e de muito maior felicidade.

Como soldado que escapou de perigosa batalha e obteve a vitória, a alma fica louvando Nosso Senhor. Foi ele quem pelejou por ela e a fez vencer. Sabe com evidência que por si não lutou. Todas as armas com que se podia defender pareciam-lhe estar nas mãos de seus adversários. Deste modo, vê claramente sua miséria e o pouquíssimo que podemos de nossa parte, quando o Senhor nos desampara.

11. Já não precisa de reflexões para se compenetrar dessa verdade. A experiência de se ver tantas vezes totalmente incapaz para tudo, lhe dá a entender o nosso nada e a nossa miséria. O Senhor, todavia, não a abandona, pois com toda essa tormenta não o ofende, nem quisera ofender por coisa alguma da terra.

Mas a graça está de tal modo escondida, que a alma não vê em si uma centelha mínima de amor a Deus. Nem crê que jamais o teve. Se praticou algum bem, ou recebeu de Sua Majestade alguma graça, tudo lhe parece então sonho ou fantasia. Só tem certeza de ter cometido muitos pecados.

12. Ó Jesus! que é ver uma alma desamparada desse jeito e — como disse — incapaz de receber qualquer consolação da terra! Irmãs, se algum dia vos virdes nesse estado, não penseis que os ricos e os que gozam de sua liberdade encontram remédio nessas crises. Não, não! A meu ver, é como se pusessem à disposição dos condenados do inferno todos os deleites do mundo. Em nada encontrariam alívio. Antes se lhes aumentaria o tormento.

Aqui o sofrimento vem do alto. As coisas da terra de nada valem para mitigá-lo. Este grande Deus quer que reconheçamos a sua soberania e a nossa própria miséria. Este conhecimento é importantíssimo para o que vem depois.

13. Que fará a pobre alma quando este estado se prolonga por muitos dias? Quanto ao consolo, se reza é como se não rezasse. Nada lhe penetra no íntimo. Nem ela mesma entende o sentido das orações que recita vocalmente. Oração mental é absolutamente impossível nesses tempos, porque as faculdades não têm disposição para isso. A solidão a prejudica. Estar com alguém ou ver que desejam conversar com ela serve-lhe de novo tormento Malgrado os maiores esforços, anda com um modo desabrido e mal-humorado que se dá muito a perceber.

Para falar a verdade, saberá ela dizer o que tem? Trata-se de coisas indizíveis. São angústias e penas espirituais que ninguém sabe definir. O melhor remédio — não digo para acabar com isto, que não o acho, mas para conseguir suportá-lo — é ocupar-se em obras de caridade e outras obras exteriores. E confiar na misericórdia de Deus, que nunca falta aos que nele esperam. Seja ele para sempre bendito. Amém.

14. Outros tormentos exteriores causados pelos demônios não devem ser muito comuns. Não há para que falar neles. Estão muito longe de ser tão penosos. Por piores que sejam, não chegam a inabilitar as faculdades, nem a perturbar a alma a esse ponto. A razão permanece livre para refletir que os inimigos não podem ir além do que o Senhor lhes permite. Enquanto se pode raciocinar, tudo é pouco em comparação do que ficou dito.

15. Iremos mencionando nesta morada outras penas interiores, à medida que formos tratando dos diversos gêneros de oração e favores do Senhor. Em algumas, penso que a intensidade dos sofrimentos supera os precedentes. Isto se verá pelo estado em que deixam o corpo. Não merecem o nome de sofrimentos, nem os devemos chamar assim. São inapreciáveis graças divinas. No meio de seus tormentos, a alma reconhece que são mercês e vê como estão muito acima de seus merecimentos.

Essa purificação vem quando se está a ponto de entrar nas sétimas moradas, com vários outros padecimentos, dos quais direi alguns. Não seria possível ocupar-me de todos, nem mesmo declarar sua natureza. Procedem de origem muito mais alta que a dos já referidos. Se não pude explicar melhor os primeiros, muito menos saberei falar destes últimos. O Senhor nos assista em tudo com seu favor, pelos méritos de seu Filho. Amém.

Capítulo 2

Diversos modos pelos quais Nosso Senhor desperta a alma. Trata-se de favores muito grandes e elevados, nos quais, ao que parece, nada há que temer.

1. Aparentemente nos descuidamos muito de nossa pombinha. Não houve descuido. Os sofrimentos de que falei a fazem voar ainda mais alto. Comecemos agora a ver como o Esposo se comporta com ela.

Antes de se lhe dar totalmente como Esposo, faz com que ela deseje intensamente o noivado. O Senhor emprega meios tão delicados, que a própria alma não os entende. Nem tenho a pretensão de acertar em defini-los de forma compreensível. Só aquelas almas que passaram por eles os entenderão. São impulsos vindos do mais íntimo da alma, tão delicados e sutis, que não vejo comparação que lhes quadre.

2. É bem diferente de todos os sentimentos que podemos adquirir na terra, até mesmo dos gostos espirituais de que falamos atrás. Muitas vezes, estando a pessoa descuidada, sem se lembrar de Deus, Sua Majestade a desperta como se fosse um meteoro ou estrela cadente, que passa repentinamente, ou um trovão, sem ruído. A alma entende muito bem que Deus a chamou. Entende-o de modo tão evidente que, por vezes, sobretudo nos primeiros tempos, a faz estremecer e até queixar-se.

Embora esse toque divino não produza dor, sente-se ferida saborosissimamente, sem atinar como nem quem a feriu. Bem conhece ser preciosa dádiva. Jamais quisera sarar daquela chaga. Queixa-se a seu Esposo com palavras de amor, ainda mesmo exteriores. Não está em suas mãos agir de outra maneira. Entende que ele está presente, contudo não se quer manifestar a ponto de comunicar-lhe a intensa felicidade que produz.

É dor aguda — ao mesmo tempo que saborosa e suave. Ainda que a alma quisesse, não poderia deixar de senti-la. Está longe de

querer desfazer-se dela! Esta a satisfaz muito mais que o enlevo delicioso, destituído de padecer, sentido na oração de quietude.

3. Estou a desfazer-me, irmãs, para vos dar a entender em que consiste esta obra de amor — e não acho meio. Aparentemente há contradição. Por um lado, o Amado dá claramente a entender que está com a alma. Por outro, parece chamá-la com um sinal tão certo, que não há dúvida. Trata-se de um assovio tão penetrante, que ela ouve e não pode deixar de entender. Dir-se-ia que o Esposo — que está nas sétimas moradas, onde reside — fala por um modo sem articular palavras. Toda a gente que está pelas outras moradas — isto é, os sentidos, a imaginação e as faculdades — não ousa mexer-se.

Ó meu poderoso Deus, como são grandes vossos segredos! Como são diferentes as coisas do espírito de tudo quanto se pode ver e entender nesta terra! Aqui não há capacidade humana capaz de vislumbrar um fenômeno como este, nem comparação que sirva para explicá-lo. No entanto, ele é pequeno, diante das grandíssimas graças que realizais, Senhor, nas almas.

4. É tão poderosa essa ação divina, que a alma se desfaz em desejos e não sabe o que pedir. Parece-lhe claramente que o seu Deus está com ela. Direis: se o percebe, que deseja? Por que se aflige? Ou que maior bem quer? Eu não sei. Só sei que a dor parece traspassar-lhe as entranhas como uma flecha. E quando Aquele que a fere arranca a seta, verdadeiramente é como se levasse consigo as entranhas, tal o sentimento de amor experimentado.

Estava pensando agora comigo mesma: talvez do braseiro aceso que é o meu Deus, salte alguma fagulha e caia na alma, de modo a deixá-la sentir aquele abrasamento. Como a fagulha em si é tão deliciosa, mas insuficiente para queimá-la, causa-lhe aquela dor. O seu toque produz aquele efeito. Parece-me ter acertado desta vez com melhor comparação.

É que essa dor deliciosa — que não é dor — não fica sempre no mesmo grau. Às vezes dura muito tempo, de outras acaba

depressa, conforme apraz ao Senhor comunicá-la. Não é coisa que se possa adquirir por meios humanos. Ainda quando acontece prolongar-se, é intermitente: vai e vem. Em suma, jamais é contínua, não acaba de abrasar a alma. Quando vai abrasando, a centelha apaga-se. Fica o desejo de tornar a padecer aquele amoroso tormento, causado pela fagulha.

5. Aqui não há que duvidar. Não é efeito proveniente da natureza, nem causado por melancolia, nem tampouco ilusão do demônio ou da imaginação. É tal esse movimento, que se conhece muito bem partir do centro da alma, onde está o Senhor, o qual é imutável. Seus efeitos diferem muito dos que produzem os sentimentos de devoção. Estes podem causar dúvida, justamente por serem absorvidos pelo gosto espiritual. Aqui, todos os sentidos e faculdades estão sem embevecimento algum, considerando o que poderá ser aquilo. Não podem estorvar, nem aumentar, nem diminuir aquela dor deleitosa.

Quem receber de Nosso Senhor esta mercê — e se a recebeu, lendo isto a reconhecerá — dê-lhe muitas graças e não tenha receio de haver engano. Tema sim — e muito — vir a ser ingrato a tão alto favor. Procure esforçar-se em servir a Deus e aperfeiçoar em tudo a própria vida. Verá então aonde vai parar e como receberá sempre mais e mais graças. Sei de uma pessoa que durante vários anos foi favorecida com esta graça. Estava ela de tal modo satisfeita, que se julgaria muito bem paga, ainda que tivesse de servir o Senhor por uma multidão de anos em grandes sofrimentos. Seja ele bendito para todo o sempre. Amém.

6. Podereis fazer-me uma observação: como é que nisto há mais segurança que em outras graças? A meu parecer, pelas razões que se seguem. Primeira: jamais o demônio terá capacidade para produzir dor saborosa como esta. Poderá causar gostos e deleites que pareçam espirituais. Mas infundir dor e causar tão intenso sofrimento, com quietude e júbilo da alma — não é de sua alçada. Todos os seus recursos jogam com o exterior. Suas dores,

quando as dá, nunca trazem juntamente sabor e paz, senão inquietação e guerra.

Segundo: esta saborosa tempestade vem de outra região, não daquelas que o maligno pode conquistar. Terceira: entre os grandes proveitos que daí resultam para a alma, os mais frequentes costumam ser a resolução e o propósito de padecer por Deus e o desejo de grandes sofrimentos. Também uma firme determinação de se apartar dos contentamentos e conversações do mundo, bem como outros efeitos semelhantes.

7. Não é imaginação — está muito claro. Se alguém procurar reproduzi-lo, não conseguirá, por mais que faça. É realidade tão notória e evidente, que a ilusão é totalmente impossível. Impossível parecer que é, não sendo, ou duvidar de sua verdadeira realidade. Se alguém tiver alguma dúvida — isto é, se ficar sem saber se o experimentou realmente ou não — saiba que não se trata de verdadeiros ímpetos. Estes se fazem sentir tão fortemente como uma voz possante aos ouvidos do corpo.

Quanto a ser melancolia, não há cabimento algum. Essa doença forma e fabrica suas fantasmagorias unicamente na imaginação. A graça de que tratamos procede do interior da alma. É possível que eu me engane, mas até ouvir outras razões de pessoas competentes, sempre estarei firme nessa convicção. Sei de uma pessoa cheia de temores de ser enganada, que nunca pôde ter receio desta oração, nem a menor dúvida.[1]

8. Também costuma Nosso Senhor agir de outras maneiras para despertar a alma. Estando a qualquer hora rezando vocalmente, sem pensar no que se lhe passa no interior, parece que lhe sobrevêm um deleitoso abrasamento. É como se de súbito a invadisse um perfume tão penetrante, que se espalhasse por todos os sentidos. Não digo que seja perfume ou coisa semelhante. Emprego a comparação para explicar como se percebe estar ali o Esposo. Esse sentimento produz o desejo suavíssimo de regozijar-se com sua presença.

A alma fica disposta a fazer grandes atos e a empregar-se toda em louvores a Nosso Senhor. O manancial de onde brota esta mercê é o mesmo que produz a precedente. Aqui não há vestígio de dor, nem são pungentes os desejos de sentir a presença de Deus. Esta graça é percebida mais frequentemente pela alma. Não me parece que aqui haja o que temer, por algumas das razões acima alegadas. Basta acolher esta mercê com ação de graças.

Capítulo 3

Trata do mesmo assunto e diz os modos pelos quais Deus fala à alma, quando assim é servido. Avisa o que se há de fazer, não se guiando a alma pelo próprio parecer. Dá alguns sinais para se reconhecer quando há ou não engano. Este capítulo é muito proveitoso.

1. Deus tem outro modo de despertar as almas. Até certo ponto parece maior mercê que as precedentes, mas oferece ocasião para enganos. Por isso me deterei um pouco mais aqui.

Trata-se de diversas falas do Senhor à alma. Umas parecem vir de fora, outras do mais íntimo da alma, outras da parte superior do espírito, outras, finalmente, são do exterior e se ouvem com os ouvidos, como se uma voz as pronunciasse. Algumas vezes e até não raramente, podem ser efeito da imaginação, especialmente em pessoas de natureza fraca ou melancólicas, quando é elevado o grau de melancolia.

2. A meu ver, quando se trata dessas pessoas, não há para que fazer caso, embora digam que ouvem e entendem. Nem convém tampouco inquietá-las, dizendo-lhes que estão sendo iludidas pelo demônio. O melhor é ouvi-
-las como a enfermas — tanto a priora como o confessor a quem se dirigem — dizendo-lhes que não façam caso dessas coisas. Não é o essencial no serviço de Deus. A muitos tem enganado o demônio por esse caminho. Para não as afligir mais — pois já padecem bastante com seu gênio — acrescentem que talvez haja engano. Com efeito, se alguém lhes disser que é melancolia, será um nunca mais acabar. São capazes de jurar que veem e ouvem, porque assim lhes parece de fato.

3. Verdade é que será preciso ter cuidado com essas enfermas. Tanto quanto possível, dispensá-las do exercício da oração e persuadi-las de que não façam caso dessas falas. O demônio costuma aproveitar-se dessas melancolias para prejudicar mais

aos outros que a elas mesmas. Em todo caso, quer se trate de enfermas quer de sãs, nesta matéria sempre se deve temer, até reconhecer o espírito do qual provêm.

Sou de opinião que nos princípios sempre é melhor opor-se. Se os favores procedem de Deus, as provações ajudam para ir adiante e fazem crescer. Esta é a verdade. No entanto, não convém inquietá-las ou angustiar suas almas, porque verdadeiramente não podem agir de outro modo.

4. Voltando às falas interiores a que me referi — de qualquer modo que se efetuem — podem provir de Deus ou do demônio ou também da própria imaginação. Direi — se com o favor de Deus acertar — os sinais pelos quais se reconhece sua origem e os casos em que essas falas são perigosas.

Entre pessoas dadas à oração, muitas há que ouvem tais palavras.

Advirto-vos, irmãs, que não tenhais receio de estar agindo mal se não lhes dais crédito, nem tampouco se lhes dais atenção. Refiro-me ao caso de se dirigirem somente a vós — quer sejam de consolação, quer de repreensão de vossas faltas. Diga-as lá quem disser! Que seja fantasia, pouco importa!

Quero dar-vos um aviso: ainda que venham de Deus, não vos julgueis melhores por esse motivo. Lembrai-vos de que o Senhor falou bastante aos fariseus. O que importa é tirar proveito de tais palavras. E se acontecer alguma não estar plenamente conforme à Sagrada Escritura, não façais mais caso dela do que se a ouvísseis do próprio demônio. Ainda que proceda de vossa fraca imaginação, considerai-a como tentação contra a fé. Por conseguinte, resisti sempre, até que esses pensamentos se desvaneçam. Desaparecerão certamente, porque têm pouca força.

5. Tornando ao que ia dizendo, quer venham de dentro, ou de cima, ou de fora, não é o que importa para se julgar se estas falas procedem ou não de Deus. Os sinais mais certos, ao que me parece, são estes: o primeiro e mais garantido é uma soberania e

poder que trazem consigo, de modo que o falar é agir, a palavra é ação.

Vou explicar melhor. Está uma alma no cúmulo da tribulação e da inquietação interior de que falei, com extrema aridez e o intelecto obscurecido. Com uma única palavra dessas que ouça, como por exemplo — “Não te aflijas” — fica sossegada, sem nenhuma tribulação e com grande luz. Desaparece de súbito toda aquela aflição. Ainda há pouco lhe parecia que o mundo inteiro e todos os teólogos juntos a dar-lhe razões para acalmá-la, nada conseguiriam, por mais que trabalhassem.

Está atribulada e cheia de temores porque o confessor e outras pessoas lhe dizem que tem o espírito iludido pelo demônio. Ouve uma só palavra — “Sou eu, nada temas” — e logo tudo passa. Fica inundada de consolação e ninguém será capaz de convencê-la do contrário.

Outras vezes, trata-se de negócios graves que lhe causam suma preocupação. Sente-se apreensiva, sem saber onde irão dar. Ouve que fique tranquila, que tudo sucederá bem. Ganha confiança e já não pode ter pesar. Assim acontece em muitas outras circunstâncias.

6. O segundo sinal é uma grande serenidade que fica na alma, junto com um recolhimento cheio de devoção e de paz, que a move a dar louvores a Deus. Ó Senhor! se um recado transmitido por um vosso pajem tem tanta força, que não fareis quando a alma estiver totalmente unida a vós por amor — e vós a ela? É ensino corrente que, ao menos nesta morada, não é o Senhor quem diz as palavras, mas algum dos seus anjos.

7. O terceiro sinal é que estas palavras não se apagam da memória durante muitíssimo tempo. Algumas jamais se esquecem. Pelo contrário, as que têm origem humana se desvanecem. Ainda quando as ouvimos de pessoas graves e doutas, não nos ficam tão impressas na memória, nem lhes damos crédito se se referem a acontecimentos futuros.

As de Deus deixam uma certeza absoluta. Embora algumas vezes possa haver dúvida acerca de virem ou não a acontecer as coisas referidas. Pode surgir no intelecto alguma hesitação, em casos aparentemente impossíveis. No fundo da alma existe uma segurança que não se rende. Ainda que os anos passem e tudo aconteça ao contrário do que lhe foi dito, não desaparece a convicção de que Deus empregará outros meios, desconhecidos dos homens. Por fim, sua palavra se realizará. E, com efeito, assim acontece.

Contudo, a alma não deixa de sofrer quando vê muitos obstáculos. Passado algum tempo desde que ouviu aquelas palavras e não sentindo tão vivamente os efeitos e a certeza que vinham de Deus, surgem dúvidas e faz pensar que terá sido obra do demônio ou da imaginação. Nenhuma dessas hesitações a acomete na ocasião em que lhe falam. Seria capaz de dar a vida por aquela verdade.

Depois, como digo, assalta-a o inimigo, com todas essas imaginações. Pretende afligir e intimidar a alma, principalmente quando são negócios cuja realização importa em grande benefício das almas. Ou quando se trata de empresas sumamente árduas, para a maior glória e serviço de Deus. Que não fará o maligno? Pelo menos entibiará a fé. Já será grande mal não crer que Deus é poderoso para realizar obras que excedam o alcance de nossa compreensão.

8. Com todos esses combates — embora os confessores, quando tratam com ela dessas revelações, digam que são desatino — fica-lhe, não sei onde, uma centelha de certeza vivíssima de que tudo se há de realizar, não obstante os numerosos incidentes contrários, parecendo provar que elas não se hão de cumprir. Ainda que quisesse e todas as demais esperanças estivessem mortas, não pode deixar de sentir viva aquela centelha de segurança.

Por fim cumprem-se as palavras do Senhor. A alma fica tão alegre e contente, que não quisera senão dar contínuos louvores a

Sua Majestade, muito mais por ver provada a veracidade das palavras do que pelo fato em si, embora a interesse grandemente.

9. Não sei a razão de ter a alma tanto empenho em se constatarem como verdadeiras essas falas. Se a convencessem de ter mentido várias vezes, não creio que sentiria tanto. A este propósito, inúmeras vezes certa pessoa se lembrava do profeta Jonas, quando temia que não se realizasse a destruição de Nínive, por ele profetizada.[1]

Como se trata de Espírito vindo de Deus, é justo guardar-lhe fidelidade, desejando que não seja tido por falso quem é a suma verdade. Assim, é imensa a alegria quando vê cumpridas suas palavras, após mil peripécias, em circunstâncias dificílimas. Ainda quando daí lhe resultem grandes sofrimentos, deseja suportá-los a troco de ver cumprido o que tem absoluta certeza de lhe haver dito o Senhor. Talvez nem todas as pessoas terão essa fraqueza — se é fraqueza. Eu não posso condená-la.

10. Quando é a imaginação que age, não se observam esses sinais: não há aquela certeza, nem paz, nem alegria interior. O que poderia acontecer — e sei de certas pessoas a quem tem acontecido — é parecer que lhes falam, como num sonho, estando muito enlevadas em oração de quietude e sono espiritual. Algumas, por fraqueza de temperamento ou de imaginação, ou por não sei que causa, ficam a tal ponto fora de si nesse estado de grande recolhimento, que de fato nada percebem no exterior. Todos os sentidos parecem adormecidos. A própria pessoa está como que dormindo — e pode até ser que realmente esteja. Então, como num sonho, tem a impressão de ouvir falas e até de ver certas coisas, pensando que tudo vem de Deus. Afinal, os efeitos que lhe ficam são como os de um sonho.

Poderia também acontecer que, pedindo afetuosamente uma graça a Nosso Senhor, lhes pareça ouvir a resposta conforme aquilo que desejam. Este caso se dá algumas vezes. Quem tiver muita experiência das falas de Deus não poderá — creio eu — deixar-se iludir por esses enganos da imaginação.

11. Há mais que temer do demônio. Contudo, quando se constatam os sinais referidos, a alma pode estar muito segura de que as falas procedem de Deus. Tratando-se de assuntos graves, de alguma obra a empreender ou de negócios de outras pessoas, nada faça nem lhe passe pela ideia fazê-lo sem o conselho de um confessor douto, prudente e servo de Deus. Por convencida que esteja de ouvir, de entender e até de ver claramente que a ordem procede de Deus, deverá agir assim.

Tal sujeição, é exigida por Sua Majestade. Não é deixar de fazer o que ele manda, pois nos diz que tenhamos o confessor em seu lugar. Não podemos duvidar que essas palavras são suas, estão no Evangelho, e nos ajudam a cobrar ânimo, tratando-se de empresa difícil. Nosso Senhor, de sua parte, assistirá o confessor, dispondo-o a crer que se trata do Espírito de Deus. Quando assim não suceder, a alma não está obrigada a fazer coisa alguma. Agir de outro modo nesta matéria, guiando-se pelo próprio parecer, considero coisa muito perigosa. Assim vos admoesto, irmãs, em nome de Nosso Senhor, que jamais isso vos aconteça!

12. O Senhor fala à alma ainda de outro modo, cuja origem divina considero evidente. É por alguma visão intelectual, de que falarei adiante. Tudo se passa no mais íntimo da alma. As palavras dos lábios do Senhor ouvem-se muito claramente e muito em segredo. O próprio modo de as entender e os efeitos operados pela visão asseguram e convencem de que ali o demônio não tem parte. Deixa grandes efeitos, que confirmam esta convicção. Pelo menos fica a segurança de que não procedeu da imaginação.

Aliás, quem andar com advertência, poderá sempre ter segurança pelas seguintes razões. Primeira: não deixa de haver diferença quanto à clareza. As palavras de Deus são tão nítidas, que não se troca uma sílada sem que a memória acuda logo. Não se substitui uma expressão por outra, embora equivalente. Pelo contrário, quando a fala provém da imaginação, não há a mesma nitidez nem as palavras são tão distintas. Parece coisa meio sonhada.

13. Segunda: muitas vezes a pessoa nem estava pensando no que ouviu. Dá-se a qualquer hora, de improviso, até mesmo em conversação com outros. Pode acontecer, não raramente, que as palavras correspondem a algum pensamento que passa pela mente na ocasião, ou ao que antes se tinha pensado. Muitas vezes se referem a fatos que nunca lhe passaram pela cabeça como devendo acontecer algum dia, nem mesmo como possíveis. Por conseguinte, a imaginação não poderia ter fabricado enganos e ilusões sobre o que ela nunca desejou, nem quis, nem mesmo soube que existia.

14. Terceira: nas locuções de Deus a alma está como quem ouve. Nos devaneios da imaginação, como quem vai pouco a pouco elaborando por si mesmo aquilo que desejaria ouvir.

15. Quarta: são muito diferentes as palavras divinas. Uma só delas abrange tantos ensinamentos, que o intelecto seria incapaz de os compor tão depressa.

16. Quinta: muitas vezes, juntamente com o que se ouve, compreendem-se muitas outras coisas que nos são comunicadas sem palavras — por um modo que não sei dizer. Em outra parte, tratarei mais largamente deste modo de entender, que é muito delicado e próprio para nos fazer louvar Nosso Senhor.

Esses diversos gêneros de falas têm ocasionado várias dúvidas a algumas pessoas que, recebendo tais graças, não podem tranquilizar-se. Haverá muitas, mas sei de uma sobretudo que tem considerado o assunto com grande advertência. Muitíssimas vezes o Senhor a favorece com esta mercê. Sua maior dúvida, nos princípios, era se aquilo procedia da imaginação.

Quando vem do demônio, é mais fácil de reconhecer, embora saiba ele, com suas múltiplas sutilezas, imitar o anjo de luz. A meu ver, poderá imitar a clareza da pronúncia das palavras a ponto de sentirmos absoluta certeza de as ter ouvido, como quando o Espírito de verdade fala. Contudo não conseguirá imitar os efeitos acima descritos, nem inundar a alma de paz e de luz. Deixa-a inquieta e confusa. Pouco ou nenhum dano porém

causará, se a alma for humilde e — como atrás recomendei — não se mover levianamente a empreender coisa alguma, por mais palavras que ouça.

17. Se se trata de favores e graças do Senhor, examine com atenção se por esta causa se sente melhor. Se não ficar tanto mais confundida, quanto mais elogiosas para si forem as graças, creia que não é o Espírito de Deus. Quando é — por maior que seja a mercê — a alma sente-
-se mais pequenina. É muito certo. Lembra-se muito de seus pecados e pouco de seus interesses. Emprega toda a vontade e memória em querer só a glória de Deus e nem se lembra de seu proveito próprio. Anda com mais temor de se apartar da divina vontade até no mínimo ponto. Tem plena certeza de nunca ter merecido aquelas mercês — e sim o inferno. Se de todos os favores e graças recebidos na oração resultarem esses efeitos, a alma não se assuste. Confie na misericórdia do Senhor, que é fiel e não permitirá que o demônio a engane. Contudo, sempre é bom conservar o temor.

18. Aqueles que o Senhor não leva por este caminho cuidarão que estas almas não deveriam prestar ouvidos às palavras que lhes são ditas. Deveriam distrair-se quando as percebem interiormente, não lhes dando entrada. Deste modo, viveriam sem tantos perigos. A isso respondo que é impossível. Não me refiro às falas que são fabricadas pela imaginação. O remédio para estas é não aspirar a coisa alguma — seja o que for — nem fazer caso de tais fantasias.

Quanto às verdadeiras, não há resistência possível. O mesmo Espírito que fala impõe silêncio a todos os pensamentos e exige atenção a suas palavras. Seria mais fácil — e creio ser realmente assim — uma pessoa de ótima audição não ouvir outra que clamasse em altos brados. Em tal caso restaria o recurso de distrair-se e pôr a atenção e o intelecto em outro objeto. No caso de que tratamos não pode ser assim. Não há absolutamente

ouvidos a tapar, nem possibilidade de pôr o pensamento a não ser naquilo que se lhe diz.

Aquele que fez parar o sol — a rogos de Josué, creio eu — tem poder para fazer parar todo o interior da alma com suas faculdades. De tal modo que ela sente em si a presença de um Senhor mais poderoso, que governa aquele castelo, enchendo-a de suma devoção e humildade. Não há meio nem remédio algum para evitar as falas sobrenaturais.

A divina Majestade nos dê o remédio, para que só ponhamos a mira em contentá-lo e nos esqueçamos de nós mesmos, como vos disse. Amém. Praza a Deus tenha eu acertado em dar-vos a entender o que pretendia. Sirva isso de aviso e utilidade para quem tiver sido favorecido com essas graças.

Capítulo 4

Como o Senhor suspende a alma na oração mediante os arroubamentos, êxtases ou raptos, nomes que parecem designar a mesma coisa. Como é preciso grande coragem para receber altas mercês de Sua Majestade.

1. No meio dos trabalhos acima referidos e de muitos outros, que sossego pode ter a pobre borboletinha? Tudo serve para aumentar-lhe os desejos de rejubilar-se no Esposo. Sua Majestade, como bom conhecedor de nossa fraqueza, a vai habilitando por esses meios e por vários outros. Tudo para que se anime a unir-se com tão grande Senhor, tomando-o por esposo.

2. Certamente rireis do que digo, tendo-o por desatino. Qualquer uma de vós julgará não ser necessário que o Esposo nos infunda ânimo. Direis que não há mulher, por mais baixa que seja sua condição, à qual falte coragem para desposar-se com um rei.

Com relação aos reis da terra, concordo. Mas com o Rei do céu, asseguro-vos: é necessário mais do que pensais. Nosso natural é muito mesquinho e tímido para tão sublime dignidade. Tenho como certo que, se Deus não infundisse coragem, seria impossível tão grande ousadia, por mais evidentes e vantajosos que fossem os proveitos.

Vede, pois, o que faz Sua Majestade para concluir este noivado. Segundo me parece, é nessa ocasião que favorece a alma com arroubamentos, que a tiram dos sentidos. Se a alma conservasse o uso dos sentidos ao ver-se tão perto da imensa Majestade, talvez não pudesse conservar a vida.

Refiro-me a arroubamentos verdadeiros e não a fraquezas de mulheres, como por vezes sentimos. Tudo logo nos parece raptos e êxtases. E como julgo ter dito atrás, há naturezas tão débeis, que numa simples oração de quietude parecem morrer.

Como tenho tratado com tantas pessoas espirituais, quero consignar aqui algumas espécies de arroubamentos de que tenho notícia. Não sei se acertarei, como em outra parte em que escrevi

sobre este assunto e sobre outros aqui referidos.[1] Por certas razões, parece-me conveniente repeti-los, para juntar tudo quanto diz respeito a estas moradas.

3. Há uma espécie de arroubamento em que, mesmo fora da oração, a alma é atingida por alguma palavra de Deus que ouve ou recorda. Parece que Sua Majestade se deixa mover de piedade, vendo-a padecer tanto tempo a desejá-lo. Do íntimo da alma onde se acha, ele faz crescer a fagulha de que já falamos. Abrasando-se toda, como outra fênix,[2] a alma ressurge com vida nova. Segundo piedosamente se pode crer, são-lhe então perdoadas as culpas. Já se entende que há de estar com as disposições requeridas, usando dos meios que a Igreja instituiu.

Assim purificada, o Senhor a une consigo, sem que ninguém o entenda, senão eles dois. A própria alma não entende, de forma a poder explicá-lo depois, embora não esteja privada das faculdades interiores. Este arroubamento não é como um desmaio ou outro acidente semelhante, em que nada se percebe nem interior nem exteriormente.

4. Pelo que entendo, a alma nunca esteve tão atenta para as coisas de Deus. Jamais teve tão grande luz e conhecimento de Sua Majestade como neste caso. Se as faculdades e os sentidos estão de tal modo absortos e suspensos, que aparentemente estão mortos — como pode a alma entender esse segredo? Isso eu não sei. Nem talvez nenhuma outra criatura saiba, a não ser o próprio Criador. O mesmo se passa com relação a muitos mistérios próprios deste estado, isto é, destas duas moradas. Bem se poderiam juntar esta e a última — porque de uma para a outra não há porta fechada. Contudo, nas sétimas ainda há segredos para os que não chegaram a elas. Por isso achei bom dividi-las.

5. Nesta suspensão, quando o Senhor julga oportuno revelar à alma alguns segredos — como certas coisas do céu ou visões imaginárias — ela sabe descrevê-los depois. De tal modo lhe ficam impressos na memória, que jamais os esquece. Mas tratando-se de visões intelectuais, é incapaz de as dizer. Deve ser

porque, nessas ocasiões, há coisas muito sublimes e elevadas. Aos que vivem ainda na terra, não convém entendê-las a ponto de as poder repetir. Há outras visões intelectuais que a alma consegue expressar quando recobra o uso dos sentidos.

Talvez haja entre vós quem não entenda o que é visão, sobretudo visão intelectual. A seu tempo vos darei alguma explicação, porque assim me ordenou quem pode. Embora pareça fora de lugar, será talvez proveitoso para algumas almas.

6. Podereis objetar: se depois não fica memória distinta dessas graças tão sublimes, qual a vantagem para a alma favorecida pelo Senhor? Ó filhas, é tão grande o proveito que não se pode encarecer! Embora ninguém as saiba exprimir, ficam bem gravadas no mais íntimo da alma e jamais se apagam.

Mas — direis — se não têm imagem nem são percebidas pelas faculdades, como deixam lembrança de si? Também eu não o compreendo. Sei que algumas verdades da grandeza de Deus ficam indelevelmente gravadas na alma. A tal ponto que, mesmo se não existisse nela a fé — ensinando-lhe quem é Deus e a obrigação que tem de crer nele — desde aquele instante ela o adoraria como supremo Senhor. Assim aconteceu a Jacó, ao contemplar em sonhos a escada.[3] Juntamente com a visão, ele deve ter entendido muitos outros segredos que não soube exprimir. Só o fato de ver uma escada, por onde baixavam e subiam anjos, não o teria feito penetrar tão grandes mistérios, se não lhe fora dada maior luz interior.

7. Não sei se atino com o que vou dizendo, pois embora já tenha ouvido a explicação, não me fio muito em minha memória. Tampouco Moisés soube declarar tudo o que viu na sarça: limitou-se ao que Deus lhe ordenara que dissesse.[4] Se o Senhor não tivesse mostrado interiormente os seus segredos, infundindo-lhe certeza de ver e crer que era Deus, sem dúvida, Moisés não se teria metido em tão ingentes e numerosos trabalhos e sofrimentos. Deve ter percebido tão grandes coisas dentro dos

espinhos daquela sarça, que lhe deram ânimo para fazer tudo o que fez pelo povo de Israel.

Por conseguinte, irmãs, quando se trata dos ocultos desígnios de Deus, não havemos de buscar razões para os entender. Antes devemos crer em evidência que ele é onipotente e que uns vermezinhos de tão limitadas capacidades, como nós, não estão à altura de compreender as divinas grandezas. Louvemos muito ao Senhor, por nos dar a conhecer algumas delas.

8. Estou querendo ver se acerto com uma comparação que esclareça um pouco isto que vou dizendo, mas não acho alguma que me sirva. Contudo, usarei a seguinte: imaginemos entrar num aposento de um rei ou de um grande senhor, onde se conservam inúmeros objetos de valor, muitos jarros de cristal e de porcelana de todos os feitios. Estão arrumados com tal ordem que se veem quase todos logo ao entrar. É o que chamam de camarim, creio eu.

Levaram-me uma vez a uma dessas salas, na casa da Duquesa de Alba. É que tive de pousar lá, de volta de uma viagem, por obediência a meus superiores. Atendiam eles aos rogos insistentes dessa senhora. Ao entrar, fiquei surpreendida. Considerava comigo mesma para que poderia servir toda aquela barafunda de coisas. Pareceu-me que dessa diversidade de objetos se poderia tirar motivo para louvar o Senhor. Agora estou achando graça, ao ver como o camarim me foi útil para dar-me a entender aqui.

Estive ali algum tempo. Mas era tanto o que se me oferecia à vista, que logo esqueci tudo. A tal ponto, que nenhuma daquelas peças me ficou na memória, nem sou capaz de dizer qual o feitio delas. É como se nunca as tivesse visto. Mas em conjunto, recordo-me do que vi.

Assim acontece quando a alma, feita uma só coisa com Deus, está metida neste aposento do céu empíreo que devemos ter no interior de nossas almas. Se Deus habita em nós, claro está que alguma destas moradas há de ser um camarim celeste. Nem sempre o Senhor permite à alma ver tais segredos durante o

êxtase. Está ela de tal forma enlevada em regozijar-se de Sua Majestade, que lhe basta tão grande bem.

Algumas vezes ele gosta que a alma saia da absorção e veja de passagem o que encerra aquele aposento. Ao tornar a si, conserva uma lembrança das grandezas que viu. Contudo, não sabe referir coisa alguma. Nem seu fraco natural chega a mais do que ver o que sobrenaturalmente Deus lhe quis mostrar.

9. Dir-me-eis que estou confessando ter sido visão e, portanto, ter havido representação imaginária. Não quero dizer tal coisa. Não estou tratando senão de visão intelectual. Como não tenho letras, minha ignorância nada sabe exprimir. Se o que tenho dito até agora sobre esta oração estiver bem explicado, compreendo claramente que as palavras não foram minhas.

Tenho para mim que não se trata de verdadeiros êxtases se a alma, a quem o Senhor dá arroubamentos, não entende vez por outra esses segredos. Terá sido alguma fraqueza natural, própria de pessoas de compleição débil — como somos nós, mulheres. Basta algum ímpeto de espírito sobrepujar o natural, para deixá-las abstraídas, como julgo ter explicado na oração de quietude. Aqueles fenômenos nada têm a ver com arroubamentos. Nestes — crede-me — Deus rouba a alma inteira para si. Como quem já é sua esposa e propriedade, vai lhe mostrando alguma parcelazinha do reino que para ela conquistou.

Por mínima que seja, essa parcelazinha é imensa, como tudo o que há neste grande Deus. E o Senhor não admite obstáculo ou resistência de parte alguma — nem das faculdades, nem dos sentidos. Num instante manda que se fechem as portas de todas as moradas, ficando aberta tão somente a da sala onde ele se encontra, a fim de nos dar entrada. Bendita seja tanta misericórdia! Com justo motivo serão malditos os que não quiserem aproveitar de tão grande compaixão, vindo a perder este Senhor!

10. Ó minhas irmãs! Verdadeiramente é nada o que deixamos! É nada tudo quanto fazemos e quanto podemos fazer por um Deus

que assim se quer comunicar com uns vermezinhos como nós!

E, se ainda nesta vida temos esperança de exultar neste Bem, que fazemos nós? Em que esbarramos? Que empecilho é suficiente para deixarmos de buscar por um instante este Senhor, como fazia a Esposa que o procurava pelas praças e arrabaldes?[5] Ninharia é tudo o que existe no mundo, se não nos conduz e ajuda nesta empresa, ainda que durassem para sempre os seus deleites, riquezas e alegrias, por maiores que se possam imaginar! Tudo é cisco e esterco em comparação dos tesouros que havemos de fruir sem fim. E ainda estes nada são, comparados à glória de possuirmos o Senhor de todos os tesouros — do céu como da terra.

11. Ó cegueira humana! Até quando, até quando permaneceremos com os olhos cheios de terra? Mesmo entre nós vejo uns argueirozinhos, uns pequenos defeitos, embora não seja tanta a terra, a ponto de cegar-nos totalmente. Se os deixarmos crescer todavia, bastarão para causar-nos grande dano. Pelo amor de Deus, não seja assim, irmãs! Aproveitemo-nos das próprias faltas para conhecermos a nossa miséria. Dessa forma, elas nos darão melhor vista, como o lodo com que nosso Esposo curou o cego.[6] E vendo-nos tão imperfeitas, redobremos nossas súplicas ao Senhor, para que tire de nossas misérias sua glória, a fim de em tudo contentarmos Sua Majestade.

12. Sem reparar, apartei-me do assunto. Perdoai-me irmãs. Crede que, chegando a estas grandezas de Deus — quero dizer, a falar delas — não posso deixar de condoer-me enormemente ao ver quanto perdemos por nossa culpa. É verdade que o Senhor dá esses favores a quem lhe apraz. Contudo, os concederia a todas nós, se amássemos Sua Majestade como ele nos ama. Outra coisa não deseja senão ter com quem partilhar suas riquezas, que não diminuem por mais que as reparta.

13. Volto pois ao que dizia. Querendo arrebatar a alma, o Esposo manda cerrar as portas das moradas e mesmo as do castelo e da cerca[7]. De fato, quando começa o rapto, ela perde o fôlego. A tal

ponto que, mesmo quando conserva por um pouquinho de tempo os outros sentidos — como acontece algumas vezes — não pode absolutamente falar. De outras vezes perde todos os sentidos de repente. Esfriam-se-lhe as mãos e o corpo, de modo que parece não ter mais vida. Nem se sabe se ainda respira. Dura pouco tempo sem mudança. Diminuindo um pouco a suspensão, parece que o corpo vai tornando a si e cobrando alento. Mas logo torna a morrer, para dar mais vida à alma. Contudo, esse êxtase tão grande não dura muito.

14. Acontece porém, ainda depois de passado, ficar a vontade tão absorvida e o intelecto tão fora de si, que assim permanece durante um dia todo e até vários dias. Ao que parece, a alma não está em condições de se aplicar a outra coisa senão àquilo que lhe desperta a vontade para amar. Para isso está bem desperta, mas permanece adormecida para tratar com qualquer criatura ou apegar-se a ela.

15. Quando torna completamente a si, quanta confusão lhe fica! Que grandíssimos desejos tem de se empregar no serviço de Deus de todas as maneiras que a ele aprouver! Se as orações de que falei atrás deixam os grandes efeitos referidos, que não fará uma tão imensa graça, como é esta?

A alma quisera ter mil vidas para empregá-las todas em Deus. Quisera que tudo quanto há na terra, todas as criaturas fossem línguas para louvar a Deus em seu nome. Tem grandíssimos desejos de fazer penitência. E não lhe custa suportá-la porque, com a veemência do amor, tudo lhe parece pouco. Vê claramente que os mártires não faziam muito sofrendo todos os tormentos. Com este auxílio da parte de Nosso Senhor, tudo é fácil. Quando não encontram em que padecer, estas almas queixam-se a Sua Majestade.

16. Quando a alma recebe secretamente esta mercê, considera-a muito maior. Sendo em público, sente tal confusão e vergonha que de algum modo se lhe diminui a alegria, em virtude da preocupação e pena que sente ao imaginar o que pensarão os

circunstantes. É que, conhecendo bem a malícia do mundo, teme que talvez não reconhecerão a fonte de onde procede aquele efeito. Em vez de dar ao Senhor os devidos louvores, poderão aproveitar-se da ocasião para emitir juízos temerários.

De certo modo, parece-me que há falta de humildade nesse pesar e nessa confusão. A alma, porém, não consegue dominar-se. Com efeito, se há desejo de ser vituperada, desprezada, que se lhe dá? Assim foi que uma pessoa, em semelhante aflição, ouviu de Nosso Senhor: "Não te aflijas, porque ou me louvarão a mim ou murmurarão contra ti. Em qualquer dos casos, sairás com lucro". [8] Tive depois ocasião de saber que essa pessoa muito se animou e consolou com tais palavras. Deixo-as aqui para proveito de quem se vir na mesma aflição.

Nosso Senhor parece querer que todos entendam que aquela alma já é sua e ninguém há de tocar nela. Está bem que se atinja o corpo, a honra e os haveres. Contudo a alma — jamais. Oportunamente tudo resultará em glória para Sua Majestade. O Senhor lhe servirá de amparo contra todo o mundo e até contra o inferno inteiro — a não ser que ela, com inconcebível atrevimento, se aparte de seu Esposo.

17. Não sei se dei a entender alguma coisa do que seja o arroubamento. Como já disse, é impossível explicar tudo. Creio que nada perdi em falar do assunto. São muito diferentes os efeitos dos arroubamentos fingidos. Digo fingidos, não porque quem os tem queira enganar, senão porque está enganado. E como os sinais e efeitos não estão de acordo com a excelência da graça, tão alta mercê fica infamada. Com razão não se dá crédito depois a quem o Senhor favorece realmente. Seja ele para sempre bendito e louvado. Amém, amém.

Capítulo 5

Prosseguindo, diz como Deus levanta a alma por um voo de espírito diferente do que ficou dito. Explica várias causas pelas quais é necessário ter ânimo. Procura declarar em parte esta graça. É bastante proveitoso.

1. Há outro gênero de arroubamento a que chamo voo de espírito. Embora seja em substância a mesma coisa, é muito diferente. Algumas vezes, de repente, sente-se um movimento tão impetuoso da alma, que parece arrebatar-lhe o espírito com uma velocidade que infunde grande temor, especialmente nos primeiros tempos. Por essa causa eu vos dizia que é preciso ânimo valoroso a quem Deus concede estas graças. Também fé, confiança e inteiro abandono, para que Nosso Senhor faça da alma o que quiser.

Pensais que seja pequena perturbação, para uma pessoa inteiramente em seus sentidos, sentir que de repente lhe arrebatam a alma? E temos lido casos em que até o corpo a acompanha, sem a pessoa saber onde ou como vai, nem quem a leva. No princípio, não há tanta certeza de que este transporte momentâneo venha de Deus.

2. Haverá meio de resistir? Nenhum, absolutamente. É pior a resistência, conforme tive ocasião de saber por uma pessoa. Parece que Deus quer mostrar à alma que ela não é mais dona de si mesma, pois tantas vezes e com tanta sinceridade se entregou em suas mãos e se ofereceu inteiramente, com total resolução, a Sua Majestade. Ele então arrebata-a com ímpeto mais possante.

A própria pessoa de que falei já resolvera não resistir mais e ser como a palha atraída pelo âmbar — como talvez já tenhais visto. Decidira abandonar-se nas mãos de quem é tão poderoso, vendo que o mais acertado é fazer da necessidade virtude. Fiz essa comparação porque assim é certamente. Com a facilidade com que um homem de grande força arrebata uma palhinha, este nosso Gigante imenso e poderoso arrebata o espírito.

3. Estareis lembradas daquele reservatório de água de que falamos — creio que na quarta morada, não me recordo bem — o qual se enchia com suavidade e mansidão, sem nenhum movimento? Aqui este grande Deus — que detém as fontes das águas e não permite aos mares saírem de seus limites — parece abrir todas as represas dos mananciais de onde vem a água a esse reservatório. Com grande ímpeto, levanta-se uma onda tão possante que faz subir muito alto o batelzinho de nossa alma. Nem o piloto nem os que governam uma nave são capazes de manter-lhe o equilíbrio, quando ondas encapeladas investem com furor, muito menos pode a alma deter-se interiormente onde quer. Tampouco pode dominar seus sentidos e faculdades, subtraindo-os ao impulso que os move. Quanto ao corpo, aqui não se faz caso dele.

4. Asseguro-vos, irmãs, que só de escrever isso me sinto atemorizada, maravilhada ao ver como se revela aqui a onipotência deste nosso grande Rei e Imperador. Que não sentirá quem o experimenta! Tenho para mim que, se Sua Majestade se descobrisse assim aos que andam muito perdidos pelo mundo, eles não ousariam ofendê-lo. Se não por amor, por medo.

Quão obrigadas deverão sentir-se as almas que aprendem, por caminho tão sublime, a empregar todas as suas forças em não resistir a este Senhor! Por ele vos suplico, irmãs: não vos descuideis, contentando-vos só com receber. Olhai que muito deve dar quem muito recebeu.[1] Dirijo-me àquelas dentre vós que tiverem sido favorecidas por Sua Majestade com estas graças e outras semelhantes.

5. Também aqui é necessário grande coragem, porque na realidade costuma acovardar muito. Se Nosso Senhor não incutisse ânimo, a alma andaria com grande aflição. Com efeito, considerando o que Sua Majestade faz por ela e pondo em seguida os olhos em si, vê quão pouco e escassamente corresponde. E mesmo esse pouquinho está cheio de faltas, negligências e frouxidão.

Julga então melhor procurar esquecer as obras que faz — se faz alguma — para não se lembrar de quão imperfeitamente as realiza. Põe diante de si somente os pecados e atira-se nos braços da misericórdia de Deus. Não tendo com que pagar, deixa que a tudo supra a piedade e clemência que o Senhor sempre teve para com os pecadores.

6. Quiçá Sua Majestade lhe responderá como a uma pessoa que, pela mesma razão, estava muito aflita diante de um crucifixo. Considerava como nada tivera que dar a Deus, e nada deixara por ele. O próprio Crucificado então lhe disse, consolando-a, que lhe entregava todos os sofrimentos e dores de sua paixão. Ela os tivesse por próprios e os oferecesse ao Pai.[2] Ficou aquela alma tão consolada e enriquecida — segundo eu soube dela — que jamais o esqueceu. Cada vez que se sente tão miserável, fica animada com essa lembrança e cheia de consolação.

Alguns fatos semelhantes poderia eu relatar aqui. Sei de muitos, por ter tratado com pessoas santas e dadas à oração. Para que não penseis que se trata de mim, prefiro não ir adiante. Esse que vos contei me parece de grande proveito. Por ele entendereis como Nosso Senhor se contenta com que nos conheçamos e procuremos considerar e reconsiderar nossa pobreza e miséria, vendo que nada possuímos sem termos recebido dele.

Assim, pois, minhas irmãs, é preciso ânimo para isso e para muitas outras coisas que se oferecem à alma, quando o Senhor a eleva até este ponto. E se há humildade, é preciso ainda mais coragem para o que acabei de dizer. O Senhor nos dê ânimo por quem ele é.

7. Tornemos agora ao improvisado arrebatamento do espírito de que fiz menção. É tão veemente que, na verdade, parece que o espírito sai do corpo. Por outro lado, claro está que a pessoa não morre. Ao menos por alguns instantes, ela não pode dizer se está ou não unida ao corpo. Parece-lhe que, toda inteira, foi transportada a outra região muito diferente desta em que

vivemos. Aí se lhe mostra umâ luz diferente da luz da terra, juntamente com muitas outras coisas das quais jamais poderia fazer uma ideia, ainda que ocupasse toda sua vida em imaginá-las.

E acontece que, num instante, lhe ensinam tantas coisas juntas, como não poderia conceber nem a milésima parte, ainda que trabalhasse em ordená-las com a imaginação e o pensamento durante muitos anos. Não é visão intelectual, mas imaginária, na qual se vê com os olhos da alma muito melhor do que enxergamos com os do corpo. Sem palavras compreendem-se várias coisas. Vendo, por exemplo, alguns santos, reconhece-os como se houvesse tratado muito com eles.

8. Outras vezes, juntamente com o que avistam os olhos da alma, se lhe representam outras coisas por visão intelectual. Frequentemente são multidões de anjos que acompanham o seu Senhor. Sem nada distinguir com os olhos do corpo nem com os olhos da alma, aprende isso e muitas outras coisas verdadeiramente inefáveis. Tudo por meio de um admirável conhecimento que não sou capaz de explicar.

Quem receber estas mercês e tiver mais habilidade que eu saberá talvez explicá-las, conquanto me pareça bem difícil. Se a alma está ou não unida ao corpo, enquanto isso lhe acontece, não sei dizer. Pelo menos não posso jurar que esteja nele, nem tampouco que está o corpo sem alma.

9. Muitas vezes pensei comigo mesma: não será isto à semelhança do sol que, estando no céu, num instante nos envia seus raios com tanta força, sem, contudo, mudar de posição? Ora, a alma e o espírito são uma só coisa, como o sol e seus raios. Não poderia pois — pela força do calor que lhe vem do verdadeiro Sol de justiça — elevar-se a alma acima de si mesma, permanecendo, todavia, em seu lugar? Não poderia elevar-se mediante alguma parte superior do espírito, saindo por cima de si mesma?

Enfim não sei o que digo. A verdade é que se levanta no interior uma espécie de voo, com a mesma rapidez com que a bala é lançada pelo arcabuz, ao lhe porem fogo. Chamo-o voo, por não saber dar outro nome. Não faz ruído. Mas há um movimento tão evidente que de forma alguma pode ser simples ilusão.

Tanto quanto se pode entender, a alma está toda fora de si mesma. São-lhe então mostradas grandes coisas. Quando volta a sentir-se em si, é com tão grande lucro que tudo na terra lhe parece cisco em comparação do que viu. Daí em diante vive muito pesarosa, e todas as coisas que lhe pareciam agradáveis, não mais inspiram a menor satisfação. Dir-se-ia que o Senhor lhe quis dar algum vislumbre da terra para onde há de ir — como os mensageiros do povo de Israel trouxeram amostras da Terra da Promissão.[3]É para que suporte melhor os sofrimentos deste caminho tão penoso, sabendo onde há de achar repouso.

Não vos parecerá de muito proveito esta graça, porque passa bem depressa. Na realidade, são tantas e tão grandes as vantagens que deixa na alma, que só quem as experimenta poderá entender o seu valor.

10. Por aí se vê que é impossível proceder da imaginação. Também não pode ser obra do demônio, que não tem poder para representar coisas que produzam na alma efeitos tão sublimes, com tanta paz, sossego e aproveitamento. São especialmente três os frutos que ficam na alma, em subido grau. Primeiro: conhecimento da grandeza de Deus. É na medida das luzes que temos sobre ela, que conhecemos quanto ele é grande. Segundo: conhecimento próprio e humildade. Ao ver como criatura tão vil — comparada ao Criador de tantas maravilhas — ousou ofendê-lo, nem sabe como ainda tem coragem de pôr os olhos nele. Terceira: desprezo de todas as coisas da terra, com exceção das que lhe podem ser úteis para o serviço de tão grande Deus.

11. São estas as joias que o Esposo começa a oferecer a sua Esposa. São joias de tanto valor que ela as guarda

cuidadosamente. De tal modo essas visões ficam impressas na memória, que julgo impossível olvidá-las, até lhe ser dado rejubilar-se nelas para sempre. A menos que, para seu grandíssimo dano, venha a ser infiel. Mas o Esposo que as dá é poderoso para conceder-lhe a graça de não as perder.

12. Torno agora à necessidade de ter ânimo. Julgais ser coisa sem importância? Parece verdadeiramente que a alma se separa do corpo. Vê que perde os sentidos e não entende o motivo. É necessário que lhe dê coragem Aquele que lhe causa tudo isso. Direis que recebe boa paga por esse temor. O mesmo digo eu. Seja para sempre louvado Aquele que pode dar tanto! Praza a Sua Majestade assistir-nos com a sua graça, para que mereçamos servi-lo! Amém.

(Cf. *Relação* 51). Diz respeito a Jo 17,10-11: “Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu, e eu sou glorificado neles”.

Capítulo 6

A oração explicada no capítulo precedente produz um efeito pelo qual se entende ser graça verdadeira e não engano. Trata de outra mercê que o Senhor faz à alma com o fim de a mover a seus louvores.

1. Depois de ter recebido tão altas graças, a alma deseja regozijar-se plenamente naquele Senhor que as concede. Vive em grande tormento, conquanto saboroso. Sente grandíssimas ânsias de morrer. Com lágrimas, pede continuamente a Deus que a tire deste desterro. Tudo quanto vê no mundo a cansa. Tem algum alívio quando está na solidão. Mas logo lhe volta aquela saudade. Se não a sente, não se reconhece a si mesma.

Em suma, esta borboletinha não consegue achar pouso nem descanso. Vive com a alma tão cheia da ternura do divino amor, que qualquer ocasião capaz de incender mais esse fogo a faz voar. Assim é que, nesta morada, são muito frequentes os arroubamentos. Não há meio de os evitar, mesmo em público. Logo se desencadeiam as perseguições e os ditos mordazes. Embora a alma queira andar sem temores, não lhe é possível. São muitas as pessoas que lhe metem medo, especialmente os confessores.

2. Por uma parte tem impressão de grande segurança no seu íntimo, sobretudo estando a sós com Deus. Por outra parte, sofre grandes aflições. Receia ser enganada pelo demônio e vir a ofender a seu Deus, a quem tanto ama. Quanto às murmurações, não sente muito, exceto quando é o próprio confessor que a repreende. Como se ela pudesse resistir àquelas mercês!

Pede orações a todos. Também suplica a Sua Majestade que a leve por outro caminho. Aconselham-lhe isso, afirmando ser este caminho muito perigoso. Não pode, entretanto, deixar de notar em si grande aproveitamento. Pelo que lê, ouve e sabe dos mandamentos da lei de Deus, reconhece que esta estrada leva ao

céu. Por mais que se esforce, não consegue desejar outra coisa. Abandona-se nas mãos de Deus.

Essa incapacidade de desejar outro caminho causa-lhe mágoa, pelo receio de não obedecer ao confessor. Sabe que todo o seu remédio para não ser enganada está em obedecê-lo e não ofender a Nosso Senhor. Com efeito, não faria advertidamente um pecado venial — ao que lhe parece — ainda que a despedaçassem. Toda sua aflição é ver que não pode deixar de cometer muitos, sem dar por isso.

3. Deus comunica a essa alma um imenso desejo de jamais o descontentar em coisa alguma, por mínima que seja. Se fosse possível, não desejaria fazer nem mesmo uma pequenina imperfeição. Tão grande é esse desejo, que só por esse motivo, ainda que não houvera outros, quisera fugir de todos. Sente grande inveja dos que vivem ou em outros tempos viveram nos desertos.

Por outro lado, desejaria meter-se pelo mundo adentro a fim de contribuir para que ao menos uma só alma louvasse mais a Deus. Se é mulher, sofre por não o poder fazer, em consequência de seu sexo. Tem grande inveja dos que são livres para alçar a voz, anunciando a todos quem é este grande Deus das milícias angélicas — o grande Deus das Cavalarias.

4. Ó pobre borboletinha atada por tantas cadeias, por que não te deixam voar como quiseras?! Compadecei-vos dela, Deus meu! Ordenai os acontecimentos de modo que ela possa satisfazer em parte seus desejos, para vossa honra e glória. Não vos recordeis de seus poucos merecimentos, nem de sua escassa capacidade. Poderoso sois vós, Senhor, para fazer recuar o vasto oceano e o grande Jordão, a fim de que os filhos de Israel passem a pé enxuto.[1]

Não a poupeis porque, robustecida com a vossa fortaleza, é capaz de afrontar muitos sofrimentos. Está determinada e cheia de desejos de os padecer. Estendei, Senhor, vosso poderoso braço: não consintais que se lhe passe a vida em coisas tão baixas.

Ostentai vossa grandeza em criatura tão feminil e mesquinha, para que entenda o mundo que nada vem dela e todos vos louvem a vós. Custe-lhe isso o que custar, pois quer padecer. Seu único desejo é que, por sua causa, ainda uma só alma vos louve um pouquinho mais. Para o conseguir, sacrificaria mil vidas, se tantas tivera. E as daria por muito bem empregadas, reconhecendo com toda a verdade que não merece padecer por vós nem um mínimo sofrimento, quanto mais morrer!

5. Não sei a que propósito veio isso, irmãs, nem para quê. Não tinha intenção de dizê-lo. Entendamos que são esses os efeitos produzidos nas suspensões ou êxtases, sem dúvida alguma. Não são desejos que passam — são permanentes e firmes. E quando se oferece ocasião de os pôr em prática, vê-se que não eram fingidos. Mas por que digo que são permanentes? Acontece por vezes à alma sentir-se covarde, mesmo em coisas insignificantes, intimidada e com pouco ânimo. Não lhe parece ter coragem para praticar bem algum.

Tenho para mim que, nessas ocasiões, o Senhor a deixa entregue a sua natureza, para seu maior proveito. Ela então reconhece que, se teve coragem para algum empreendimento, tudo foi dom de Sua Majestade. Vê isso com uma evidência tal que a deixa aniquilada e com mais alto conhecimento da grandeza e misericórdia de Deus, que se quis manifestar em criatura tão vil. O mais ordinário, porém, é o estado de que falamos anteriormente.

6. Notai uma coisa, irmãs, nesses grandes desejos de ver Nosso Senhor. Algumas vezes são tão prementes, que é preciso não os deixar ganhar força. Pelo contrário, distraí-vos — isto é, se conseguirdes. Há outras ânsias — das quais falarei adiante — que de nenhum modo se podem moderar, como vereis. Nestes princípios, alguma vez se consegue, porque a razão se conserva eficiente e é capaz de conformar-se com a vontade de Deus, repetindo o que dizia são Martinho.[2] Ainda se pode desviar a atenção, quando esses desejos apertam muito. Convém agir assim

porque, sendo próprios de pessoas muito adiantadas, o demônio pode infundi-los para fazer-nos supor que o estamos de fato.

Sempre é bom andar com temor. Contudo, tenho para mim que o maligno não poderá infundir a quietude e a paz que esta saudade produz na alma. Apenas conseguirá excitar alguma paixão, como acontece quando coisas do século nos provocam tristeza. Quem não tiver experiência de um e outro, não saberá distinguir a diferença entre os dois pesares. Julgando ser grande mercê de Deus, fará o que puder para aumentar a tristeza, prejudicando a própria saúde. Essa mágoa é contínua ou pelo menos muito frequente.

7. Notai também que a fraqueza natural costuma causar essas tristezas. Especialmente em pessoas sensíveis, que choram por qualquer coisinha. Mil vezes imaginarão que choram por Deus — e não é assim. Em certos períodos pode também acontecer que, a cada palavrinha que ouvem ou pensam acerca de Deus, prorrompam em multidões de lágrimas, que não pode conter.

Será devido, porventura, a algum humor que atacou o coração e atua mais que o amor que se tem a Sua Majestade, fazendo chorar tanto que é um não acabar. Como essas pessoas ouviram dizer que as lágrimas são boas, não cuidam de reprimi-las, nem querem fazê-lo. Entregam-se totalmente ao choro. Assim pretende o demônio enfraquecê-las, a ponto de não poderem depois ter oração nem guardar a regra.

8. Parece-me que vos estou vendo a perguntar o que fareis, se em tudo vejo perigo. É possível haver engano até num dom tão precioso como o das lágrimas? Não serei eu a enganada? Bem pode ser, mas crede-me: não falo sem ter visto que existem esses erros em algumas pessoas. Não em mim, certamente, porque não sou emotiva. Tenho o coração tão duro, que às vezes até me aflijo.

Contudo, quando é grande o fogo que arde no interior, por duro que seja o coração, põe-se a destilar como um alambique. Bem entendereis então que as lágrimas vêm de Deus. Confortam muito mais e pacificam. Não causam desassossego e raramente

fazem mal. Uma coisa boa tem esse tipo de engano, quando existe: prejudica só o corpo, não a alma, se esta é humilde. Faltando humildade, é sempre bom suspeitar.

9. Não pensemos que tudo consista em chorar muito. Consiste antes em pôr mãos à obra e fazer muito, praticando as virtudes, que é o que importa. Quanto às lágrimas, não façamos esforço em provocá-las — venham quando Deus as der. Estas deixarão regada a terra seca de nossas almas e ajudarão eficazmente para que dê fruto. Quanto menos caso fizermos delas, mais ajudarão. São águas caídas do céu.

Muito diferente é a água que extraímos a custa de esforços, cansando-nos em cavar para tirá-la. Muitas vezes acontecerá ficarmos cansadas à força de cavar e não acharmos nem uma poça, quanto mais um profundo manancial. Por essa razão, irmãs, tenho por melhor colocarmo-nos diante do Senhor, considerando sua misericórdia e grandeza e a nossa pequenez. Deixemos que ele nos dê o que lhe aprouver: quer seja água, quer secura. Ele sabe melhor o que nos convém. Com isso andaremos descansadas e o demônio não terá tanta ocasião para nos enredar em seus enganos.

10. Por entre estas coisas, ao mesmo tempo penosas e saborosas, algumas vezes Nosso Senhor dá à alma uns júbilos e uma oração tão estranha que ela mesma não sabe o que é. Se receberdes esta graça, louvai muito a Deus e sabei em que consiste. Para isso o explico aqui. Trata-se, a meu parecer, de uma união grande das faculdades e também dos sentidos. Deixa-lhes Nosso Senhor plena liberdade para se regozijarem neste deleite, sem entender que felicidade é esta, nem como a experimentam.

Parece incompreensível o que digo. Mas é certo que assim acontece. É uma felicidade tão excessiva da alma, que não quisera saboreá-la sozinha. Quisera dizê-lo a todos, para que a ajudem a louvar Nosso Senhor. São essas as suas ânsias. Quantas festas faria e, se pudesse, quantas demonstrações para manifestar a todos o seu júbilo! É como se

tivesse achado a si mesma. Como o pai do filho pródigo,[3] quisera ela convidar a todos e fazer grandes festejos, por ver que sem dúvida alguma sua alma está em segurança, ao menos por então. E tenho para mim que é com razão. Porque tanta felicidade interior não pode proceder de forma alguma do demônio. Felicidade vinda do mais íntimo da alma, com tanta paz e contentamento que só a movem e provocam a dar louvores a Deus.

11. Estando com tão grande ímpeto de alegria, é muito penoso calar. Não lhe custa pouco a dissimulação. São Francisco devia senti-lo quando andava pelos campos a dar brados. Encontrando com ladrões, disse-lhes que era arauto do grande Rei. Também outros santos que se retiraram para o deserto, a fim de apregoarem, como são Francisco, os louvores de seu Deus. A um eu conheci, chamado frei Pedro de Alcântara, a quem tenho nesta conta por sua santa vida. Fazia ele o mesmo e era tido por louco pelos que às vezes o ouviam.

Que boa loucura, irmãs! Oh! se fora Deus servido de concedê-la a todas nós! E que graça vos fez em trazer-
-vos para esta casa! Aqui, se o Senhor vos fizer tal mercê e derdes demonstração dela, achareis quem vos ajude, e ninguém murmurará. Se estivésseis no mundo, onde se usa tão pouco esse pregão, não é muito que provoque recriminações.

12. Oh! desventurados tempos e miserável vida em que hoje vivemos! Ditosas as almas às quais coube a bela sorte de viverem fora deles! Algumas vezes sinto júbilo particular quando, estando juntas, vejo estas irmãs com tão grande alegria íntima. Cada qual dá mais louvores a Nosso Senhor por se ver no mosteiro. Transparece muito claramente que aqueles louvores brotam do mais íntimo do coração. Quisera eu, irmãs, que frequentemente assim fizésseis. Quando uma começa, estimula as outras. Que melhor modo de empregar vossa língua, quando estais reunidas, que em louvores a Deus, havendo tantos motivos para o louvar?

13. Praza a Sua Majestade dar-nos muitas vezes esta oração, tão segura e proveitosa. Não podemos adquiri-la, por ser realidade muito sobrenatural. Acontece às vezes durar um dia inteiro. A alma anda como quem bebeu muito. Não a ponto de ficar fora de si ou como uma pessoa atacada de melancolia, que não perdeu de todo o juízo, porém, não se distrai de uma ideia fixa que se lhe meteu na imaginação, não havendo quem a tire de sua cabeça. Bem grosseiras são essas comparações, contudo, meu engenho não alcança outras. É justamente assim que acontece.

Esse regozijo põe a alma tão esquecida de si e de tudo, que não pensa nem acerta em falar senão nesse assunto. Prorrompe unicamente em louvores a Deus. Ajudemos todas a essa alma, filhas minhas, todas. Para que havemos de ter mais juízo que ela? Onde podemos achar maior felicidade? E ajudem-nos todas as criaturas, por todos os séculos dos séculos! Amém, amém, amém.

Capítulo 7

Trata da intensidade da dor que as almas sentem pelos pecados, quando Deus lhes concede as mercês sobreditas. Por muito espirituais que sejam, é grave erro não se exercitarem em trazer presente a humanidade de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e sua sacratíssima vida e paixão, assim como sua gloriosa Mãe e os santos. É de muito proveito.

1. Parecerá a vós, irmãs, que as almas favorecidas pelo Senhor com tão íntimas comunicações estarão seguras de se regozijarem para sempre, não tendo mais que temer nem que chorar seus pecados. Grandíssimo engano!

Especialmente aquelas que não tiverem chegado às altas mercês poderão pensar assim. As que as tiverem recebido verdadeiramente de Deus verão como é certo o que afirmo. Trata-se de grandíssimo engano porque a dor dos pecados cresce na proporção dos favores que recebemos de nosso Deus. Tenho para mim que jamais nos deixará, até chegarmos aonde nenhuma coisa pode causar dor.

2. Verdade é que algumas vezes a dor é maior e se faz sentir de modo diferente. A alma não se lembra da penalidade que há de sofrer para expiar seus pecados. Só pensa na sua ingratidão para com Aquele a quem tanto deve e que tanto merece ser servido por ela. Com efeito, por estas maravilhas que lhe são comunicadas, entende muito mais a grandeza de Deus. Espanta-se de seu atrevimento. Chora sua pouca reverência. Parece-lhe tão louco seu desatino, que jamais deixa de lamentar-se à lembrança das coisas extremamente baixas pelas quais deixava tão grande Majestade.

Lembra-se muito mais disso que das mercês recebidas, embora tão elevadas como as sobreditas e outras que restam por dizer. Parece-lhe que estes favores passam levados por um rio caudaloso — vão-se e depois, a seu tempo, tornam a passar. Ao

contrário, a lembrança dos pecados é como um lodaçal — fica sempre viva no fundo da memória. Aí está sua cruz mais pesada.

3. Sei de uma pessoa que desejava morrer não só para ver a Deus, mas também para não sentir tão continuamente a dor de ter sido tão ingrata para com Aquele a quem tanto devia — e sempre havia de dever. Parecia-lhe que suas grandes iniquidades não podiam comparar-se com as de criatura alguma. De ninguém Deus tinha sofrido tanto — e a ninguém tinha feito tantas graças.

Desaparece aqui totalmente tudo o que se refere ao medo do inferno. Às vezes essas almas se sentem muito aflitas com o temor de perder a Deus. Acontece-lhes poucas vezes. Todo seu receio é que Deus retire sua mão, consentindo em que o ofendam e voltem ao estado miserável em que se viram em outros tempos. Não se preocupam com a pena ou com a glória futura. Se desejam não permanecer muito tempo no purgatório, é mais para não ficarem ausentes de Deus, enquanto aí estiverem, do que pelos sofrimentos que terão de passar.

4. Por mais favorecida de Deus que seja uma alma, não a julgo segura se esquece o miserável estado em que se viu outrora. Essa lembrança, conquanto penosa, ajuda muito. Talvez eu tenha essa impressão por ter sido tão ruim. Será também a causa de o trazer sempre na memória. As que foram virtuosas, embora nunca deixe de haver faltas enquanto vivemos neste corpo mortal, não terão tanto que lamentar como eu.

Pensar que Nosso Senhor tenha perdoado e esquecido nossos pecados não é alívio para esta dor. Antes aumenta o pesar à vista de tanta bondade e de tão grandes mercês a quem só merecia o inferno. Para são Pedro e para Madalena, esse pensamento era grande martírio. Favorecidos com tantas graças, tal lembrança deve ter sido muito penosa de sofrer. Devia provocar-lhes ternissimo sentimento, em vista de seu imenso amor e compreensão da grandeza e majestade de Deus.

5. Imaginareis que a alma favorecida com tão altas graças não poderá meditar os mistérios da sacratíssima humanidade de

Nosso Senhor Jesus Cristo. Exercita-se somente em amor. É este um argumento sobre o qual já escrevi longamente em outra parte.[1] Embora me tenham contestado, dizendo que não o entendo, a mim não farão confessar que seja uma boa opinião.

Dizem que são caminhos por onde Nosso Senhor leva as almas e que, passados os princípios, é melhor fugir das coisas corpóreas para só tratar da Divindade. Bem pode ser engano meu. Talvez estejamos todos dizendo a mesma coisa com palavras diferentes. Sei que o demônio me quis enganar por esse meio. Fiquei tão escarmentada, que tenciono repetir o mesmo aqui, embora já o tenha dito várias vezes, a fim de procederdes a esse respeito com muita advertência.

Ouso dizer-vos que não acrediteis em quem vos ensinar outra coisa. Procurarei dar-me a entender melhor do que fiz em outra parte. Se alguém, porventura, escreveu sobre este assunto, faria bem se o explicasse mais extensamente. Falar assim por alto, numa exposição sumária, a nós que não temos ciência, pode causar muito mal.

6. Algumas almas julgam-se incapazes de pensar na paixão. Se assim fosse, ainda menos poderiam lembrar-se da sacratíssima Virgem e dos exemplos dos santos, cuja memória nos infunde tão grande proveito e alento. Não sei em que tais pessoas ocupam o pensamento. Apartar-se continuamente de tudo o que é corpóreo é viver sempre abrasado em amor, o que é próprio dos espíritos angélicos, não dos que vivemos neste corpo mortal.

Temos necessidade de pensar nos que, tendo sido como nós, fizeram grandes façanhas por Deus. Com eles há de ser o nosso trato e companhia. E que erro seria apartar-se propositadamente do que é todo nosso bem e remédio: a sacratíssima humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo! Não posso crer que essas pessoas realmente o façam. Penso que não se entendem a si mesmas. Dessa forma causam muito mal a si e aos outros.

Ao menos, asseguro-lhes que jamais entrarão nestas duas últimas moradas. Se perdem o guia, que é o bom Jesus, como acertarão com o caminho? Será muito se ficarem seguras nos

demais aposentos. O próprio Senhor diz que é caminho[2] e também luz[3] e que ninguém vai ao Pai senão por ele.[4] E ainda: “Quem me vê a mim, vê meu Pai”.[5] Dirão que estas palavras têm outro sentido. Não conheço esses outros sentidos. Com este, em que minha alma achou a verdade, tenho ido muito bem.

7. Certas pessoas — e são muitas as que têm tratado comigo sobre este assunto — ao receber de Nosso Senhor a contemplação perfeita, desejariam estar sempre no mesmo estado. É impossível. Mas depois desta mercê do Senhor, não conseguem discorrer como antes sobre os mistérios da vida e paixão de Cristo. Não sei a causa. Contudo, é muito comum. Fica o intelecto um pouco inabilitado para a meditação.

Deve ser, creio eu, porque todo o intento da meditação consiste em buscar a Deus. Uma vez que a alma o acha e se acostuma a buscá-lo por meio da vontade, já não quer cansar-se com o trabalho do intelecto. Parece-me também que, estando já a vontade incendida, quisera esta generosa faculdade dispensar o concurso do intelecto, se fosse possível. Não procede mal. Contudo, não o conseguirá, especialmente quando ainda não chegou a estas últimas moradas. Perderá tempo, precisando muitas vezes do auxílio do intelecto para abrasar a vontade.

8. E notai, irmãs, este ponto que é importante — e assim o quero declarar mais longamente. A alma deseja empregar-se toda em amor e quisera não fazer outra coisa. Contudo, não conseguirá por mais que o queira. É que, embora a vontade não esteja morta, está amortecido o fogo que costuma fazê-la arder. É preciso quem o sopre para atear novo calor.

Seria, porventura, bom ficar nessa aridez, esperando fogo do céu que venha consumir o sacrifício que a alma está fazendo de si mesma a Deus, como aconteceu a Elias, nosso Pai?[6] Não, por certo. Nem é bom esperar milagres. O Senhor os faz por esta alma quando é servido, como fica dito e se dirá adiante. Sua Majestade quer que nos tenhamos por ruins e indignos, sem merecimento algum para os alcançarmos. Pelo contrário, quer

ele que nos estimulemos em tudo quanto depender de nós. E tenho para mim que, até a morte, é preciso agir assim, por sublime que seja nossa oração.

9. Verdade é que a alma, introduzida pelo Senhor nas sétimas moradas, poucas vezes ou quase nunca tem de recorrer a essas diligências, pela razão que direi ao chegar lá, se me lembrar. Essa alma não deixa de manter-se continuamente e de um modo admirável unida com Cristo, Nosso Senhor. Na sua divindade e humanidade, divino e humano juntos, ele está sempre a fazer-lhe companhia.

Quando não está aceso na vontade o fogo de que falei e a presença de Deus não se faz sentir, é preciso que a procuremos. É o que Sua Majestade quer. É o que fazia a Esposa dos Cantares.[7] Perguntemos às criaturas quem as fez, como diz santo Agostinho em suas Meditações ou Confissões,[8] creio eu. Não fiquemos como bobos, perdendo tempo à espera de que venha de novo o que alguma vez recebemos. Com efeito, no início poderá ser que o Senhor não repita a mesma graça durante um ano ou mesmo muitos. Sua Majestade sabe o porquê.

Quanto a nós, não o queiramos saber. Não há motivo para isso. Conhecemos o caminho para contentar a Deus, que é o dos mandamentos e dos conselhos. Por ele andemos com suma diligência, pensando na vida e morte de Cristo e no muito que fez por nós. Tudo mais venha quando o Senhor quiser.

10. Essas pessoas logo responderão que não podem deter-se em tais assuntos. E, como ficou dito, talvez de certa forma, tenham razão. Já sabeis que discorrer com o intelecto é uma coisa. Considerar verdades apresentadas ao intelecto pela memória é outra. Direis, porventura, que não me entendeis — e verdadeiramente poderá ser que não o entenda eu a ponto de saber explicar. Vou, todavia, expor como está a meu alcance.

Chamo eu de meditação discorrer muito com o intelecto, desta maneira: começamos a pensar na graça que Deus nos fez em nos dar seu único Filho. Sem nos determos, vamos adiante,

percorrendo os mistérios de sua gloriosa vida. Ou, meditando na oração do Horto, o intelecto não para até ver o Senhor pregado na cruz. Ou escolhemos um passo da paixão, como por exemplo a prisão do Senhor, e vamos pensando nesse mistério, considerando detalhadamente as circunstâncias que se nos oferecem nele para refletir e para sentir, como a traição de Judas, a fuga dos apóstolos e tudo mais. Admirável é essa oração e muito meritória!

11. Esta é a oração que afirmam não poder praticar aqueles que o Senhor elevou a favores sobrenaturais e à contemplação perfeita. E eu digo que têm razão. Repito: não sei a causa, mas é frequente não conseguirem. Não terá, porém, razão quem disser que não se detêm nesses mistérios nem os traz presentes muitas vezes, especialmente quando a Igreja Católica os celebra. Não é possível que uma alma se esqueça de que recebeu tantas graças de Deus e perca a lembrança das inúmeras provas de amor, tão preciosas, vivas centelhas capazes de abrasá-la mais no amor que tem a Nosso Senhor.

É que essas pessoas não se entendem a si mesmas. Não compreendem que a alma penetra esses mistérios de modo mais perfeito. Tanto é assim que, se o intelecto os representa ao vivo, estampam-se na memória de tal maneira que só ver o Senhor prostrado no Horto a verter aquele assombroso suor de sangue[9] basta-lhes para ocupar não só uma hora, senão muitos dias.

Contemplam com um singelo olhar quem ele é e quão enorme é a nossa ingratidão para com tão grande tormento suportado por amor de nós. Acode logo a vontade e, mesmo se não houver afetos, põe-se a querer retribuir de algum modo tão insigne benefício, padecendo por quem tanto padeceu. Nesses e em outros desejos semelhantes ocupam-se a memória e o intelecto. Penso que é esse o motivo de não passarem adiante, discorrendo longamente sobre a paixão. Isso lhes dá a impressão de não poderem meditar sobre ela.

12. Se a alma não faz assim, é bom que se esforce por fazê-lo. Sei que não lhe servirá de impedimento à mais alta oração. Não aprovo que se abstenha de exercitar-se nisso muitas vezes. Se daí o Senhor a enleva, será em muito boa hora. Ainda que não queira, o Senhor a fará permanecer no que está meditando. Tal maneira de proceder não servirá de estorvo. Ao contrário, é grande auxílio para todo bem. O que lhe faria mal seria trabalhar de contínuo com o raciocínio, da maneira como descrevi acima. Tenho para mim que não o conseguirá quem chegou a um estado mais elevado.

Bem poderá ser que sim, porque o Senhor leva as almas por muitos caminhos. Ninguém condene as que não puderem discorrer com o intelecto. Também não as julgue inabilitadas para regozijarem-se com tão grandes tesouros como os que estão encerrados nos mistérios de Jesus Cristo, nosso Bem. Ninguém me fará crer que seja bom não pensar nele, por mais espiritual que se considere quem o disser.

13. Algumas almas quando principiam — e mesmo quando já se vão adiantando — mal começam a ter oração de quietude e a sentir as felicidades e gostos do Senhor, julgam fazer muito bem em ficar sempre ali saboreando-os. Creiam em mim, não se deixem ficar tão embevecidas, como já disse em outra parte.[10] A vida é longa e há nela muitos sofrimentos. Temos necessidade de pôr os olhos em Cristo, nosso modelo, considerando como suportou suas penas e também em seus apóstolos e santos, para sabermos sofrer com perfeição.

A companhia do bom Jesus é excelente. Não havemos de apartar-nos dele e de sua Mãe sacratíssima. Sua Majestade gosta extremamente de que nos compadeçamos de suas penas, ainda quando alguma vez nos seja preciso deixar para isso nosso gosto e contentamento. Quanto mais, filhas, que o regalo na oração não é tão contínuo de modo a não deixar tempo para tudo.

Se alguém disser que não experimenta vicissitudes, isto é, que está sempre nas mesmas condições e não pode fazer o que ficou dito, eu teria tal estado por suspeito. Por conseguinte, desconfiai

dele. Procurai sair desse engano e desembeber-vos com todas as vossas forças, distraindo-vos. Se não bastar, dizei-o à priora, para que vos dê um ofício tão cheio de preocupações que vos livre desse perigo — bem grave se durar muito tempo, ao menos para a cabeça e o juízo.

14. Creio ter dado a entender quanto é conveniente, por espirituais que sejam as almas, não recear tanto as coisas corpóreas a ponto de lhes parecer que haja prejuízo até na humanidade sacratíssima de Jesus Cristo. Alegam que o Senhor disse a seus discípulos ser-lhes conveniente que ele se ausentasse. [11] Não o posso tolerar! Certamente não o disse a sua Mãe sacratíssima. Ela estava firme na fé e sabia que ele era Deus e homem. Amava-o muito mais que eles e com tanta perfeição, porque a presença do Senhor mais a ajudava. Os apóstolos não estavam então firmes na fé como estiveram depois — e como nós temos razão de estar agora. Digo-vos, filhas, que tenho esse caminho por perigoso. O demônio poderia chegar ao ponto de fazer-nos perder a devoção ao Santíssimo Sacramento.

15. O engano em que andei não chegou a tanto. Já não gostava de pensar em Nosso Senhor Jesus Cristo como antes, preferindo ficar absorta naquele enlevo, à espera daqueles regalos. Vi claramente que ia mal. Não podendo experimentar continuamente os regalos, andava o pensamento daqui para ali. A alma parecia um passarinho esvoaçando, sem achar onde pousar.

Com isso perdi bastante tempo, não progredindo nas virtudes nem crescendo na oração. Não entendia a causa. Parecia-me seguro aquele modo de proceder e jamais teria entendido meu engano. Até que, finalmente, tratando de minha oração com um servo de Deus, esclareceu-me ele sobre a verdade. Depois compreendi claramente como andava errada. Até hoje não cesso de ter pesar por aquele tempo em que julgava enriquecer-me com tão grande perda. Ainda no caso de ser possível, não quero bem algum que não seja adquirido por meio daquele

Senhor de quem nos vieram todos os bens. Seja ele louvado para sempre. Amém.

Capítulo 8

De como Deus se comunica à alma por visão intelectual. Dá alguns avisos e expõe os efeitos causados por essa visão, quando é verdadeira. Aconselha a guardar segredo sobre essas mercês.

1. Quanto mais uma alma progride, mais inseparável se torna deste bom Jesus. Para que vejais mais claramente, irmãs, como é verdade o que vos digo, será bom saberdes que, quando apraz a Sua Majestade, não podemos deixar de andar sempre junto dele. Isso se vê nitidamente pelos diversos modos e maneiras como Deus se comunica conosco e testemunha o amor que nos tem — por meio de algumas visões e aparições em extremo admiráveis.

Quero falar-vos sumariamente sobre elas, se o Senhor for servido de me fazer acertar, para que não fiqueis assustadas se ele vos conceder alguma dessas mercês. Ainda quando não nos concede tais graças pessoalmente, muito o louvaremos só em saber que se comunica desse modo a uma criatura, sendo ele a infinita majestade e poder.

2. Acontece que — estando a alma descuidada de que há de receber tal favor, não imaginando sequer merecê-lo — sente Jesus Cristo, Nosso Senhor, junto de si. Não o vê com os olhos do corpo nem com os olhos da alma. É o que chamam visão intelectual, não sei por que motivo.

Vi uma pessoa muito aflita, a quem Deus fez esta graça com outras de que falarei adiante. A princípio, não podia entender o que era aquilo. Nada enxergava. Mas tinha tanta certeza de ser Jesus Cristo, Nosso Senhor, quem se lhe manifestava daquele modo, que não podia duvidar da realidade da visão.

Pelos grandes efeitos que em si experimentava, entendia que era de origem divina aquele fenômeno. Contudo, andava com medo. Jamais ouvira falar de visão intelectual, nem imaginava tal coisa. Mas compreendia com muita clareza estar presente aquele Senhor, que lhe havia falado da forma acima relatada. Até

receber esta mercê de que estou tratando, ela não sabia quem lhe falava; apenas entendia as palavras.

3. Esta visão não é rápida e de passagem como as imaginárias. Dura muitos dias e até, por vezes, mais de um ano. Estando temerosa acerca da visão, essa pessoa foi muito aflita consultar seu confessor. Perguntou-lhe este: “Se não vês coisa alguma, como sabes que é Nosso Senhor? Dize-me como é o seu rosto”. Ela respondeu que o ignorava. Não lhe via as feições, nem era capaz de dar qualquer outra informação. Só sabia que era ele quem lhe falava e que não era ilusão.

Procuravam incutir-lhe graves temores. Mas geralmente não podia duvidar, sobretudo quando ouvia o Senhor dizer: “Não tenhas medo — sou eu”. Essas palavras eram tão poderosas, que por uns tempos não tinha dúvida alguma, ficando muito confortada e alegre com tão boa companhia. Via com clareza que esta presença lhe era de grande auxílio para pensar constantemente em Deus e ter sumo cuidado de nada fazer que lhe desagradasse, porque tinha a impressão de que ele sempre a estava olhando.

Cada vez que se punha a tratar com Sua Majestade na oração — e mesmo fora dela — o Senhor lhe parecia tão perto que não podia deixar de ouvi-la. Quanto a entender palavras, não era quando queria. Acontecia a qualquer hora, de improviso, conforme a necessidade.

Sentia o Senhor caminhar à sua direita. Não, porém, através dos sentidos, como quando percebemos a presença de uma pessoa junto de nós. É por outro modo mais delicado, impossível de ser descrito. A certeza, contudo, é a mesma — e infunde tanta segurança que se torna muito maior. Em relação às criaturas podemos enganar-nos, aqui é impossível.

Se fosse efeito de melancolia, não traria consigo os grandes lucros interiores com que a alma se sente enriquecida. Tampouco o demônio causaria tanto bem, a ponto de andar ela com tanta paz e tão contínuos desejos de contentar a Deus. Nem lhe infundiria o inimigo tanto desprezo de tudo que não a aproxime

do Senhor. Com o tempo, se viu claramente que aquela visão não procedia do demônio. A alma o foi entendendo cada vez com maior evidência.

4. Sei, contudo, que algumas vezes ela andava muito temerosa. Outras, com grandíssima confusão, não sabendo de onde lhe vinha tanto bem. Ela e eu éramos a tal ponto uma só coisa, que nada se passava em sua alma que eu não soubesse. Assim, podeis dar crédito a tudo o que vos digo, porque sou boa testemunha.[1]

Esta graça do Senhor infunde grandíssima confusão e humildade. Se fosse embuste diabólico, seria o contrário. É favor que claramente se entende vir de Deus. Nenhuma indústria humana seria capaz de provocar tal sentimento. Quem se regozija com este bem jamais poderá imaginar que é propriedade sua, senão dádiva da mão do Senhor. E conquanto, a meu parecer, algumas das mercês acima referidas sejam maiores, esta tem a vantagem de trazer consigo particular conhecimento de Deus.

Desta companhia tão contínua nasce um amor terníssimo para com Sua Majestade. Também uns desejos — ainda mais intensos que os sobreditos — de total entrega e consagração ao divino serviço, com grande pureza de consciência.

É que essa presença constante faz prestar atenção às mínimas coisas. Com efeito, embora saibamos que Deus está presente a todos os nossos atos, é tal nossa natureza que vivemos descuidados e esquecidos, o que não pode acontecer aqui, porque o Senhor está junto da alma e a desperta. Andando ela quase sempre em contínuo exercício de amor para com Aquele que vê ou sente estar junto de si, recebe com mais frequência as outras graças de que falei.

5. Em suma — pelos lucros que experimenta, vê que é grandíssima aquela graça e sumamente digna de apreço. Agradece ao Senhor que a dá tão sem merecimento de sua parte, e não a trocaria por nenhum tesouro nem deleite deste mundo.

Quando o Senhor é servido de tirar-lhe tal graça, sente imensa saudade. Todas as diligências de nada servem para recobrar aquela companhia. O Senhor a dá quando quer, não sendo possível adquiri-la. Algumas vezes é algum santo que a acompanha, causando também grande proveito.

6. Perguntareis: se nada vê, como entende quando é Cristo, ou um santo, ou sua Mãe gloriosíssima? A alma não sabe dizer. Nem sabe explicar como o entende. Mas tem grandíssima certeza. Se ao menos o Senhor lhe fala, parece mais fácil conhecê-lo. Mas um santo que nada diz e apenas está ali como auxílio e companhia que o Senhor lhe dá — é mais de maravilhar que o reconheça.

Assim acontece com outros favores espirituais, impossíveis de exprimir. Daí se entende quão inapta é nossa natureza para penetrar as infinitas grandezas de Deus. Não somos capazes de compreender nem mesmo uma dessas pequeninas parcelas.

Quem as recebe admire e louve Sua Majestade, dando-lhe particulares graças. Não se trata de favor concedido a todos. Estime muito esse dom, procurando prestar maiores serviços ao Senhor, pois de tantas maneiras experimenta o auxílio divino. Daqui lhe vem não se julgar melhor que os outros. Pelo contrário, acredita ser — entre todas as criaturas da terra — a que menos serve a Deus. Parece-lhe estar mais obrigada do que ninguém. Qualquer falta que comete lhe traspassa as entranhas, não sem grandíssima razão.

7. Qualquer uma de vós que o Senhor leve por esse caminho poderá reconhecer em si como a alma vai progredindo. Pelos efeitos referidos, irá vendo que não é vítima de engano, tampouco de ilusão. Quanto ao demônio, repito: não é possível que prolongue tanto essa visão, nem produza tão notável proveito e tão contínua paz interior. Não é esse seu costume. Tão perversa criatura não pode agir assim, causando tanto bem, ainda que quisesse. Logo se levantariam fumaças de estima própria e pensamentos de que é melhor que os outros.

Aliás, esse andar a alma tão unida a Deus e sempre com a mente ocupada nele faz muita raiva no inimigo. À vista de tal resultado, mesmo que tentasse enganar, não voltaria à carga muitas vezes. Fidelíssimo também é o Senhor. Não daria ao maligno tanta licença para enganar uma alma cuja única intenção é agradar a Sua Majestade, sacrificar e expor a vida por sua honra e glória. Logo ele faria cessar o engano.

8. Meu tema é e será sempre que Sua Majestade fará a alma sair ganhando se ela conservar presentes os efeitos decorrentes destas mercês, andando em conformidade com eles. Se permitir alguma vez que o demônio se atreva a tentá-la, ele ficará vencido e confuso. Portanto, filhas, se alguma de vós seguir por este caminho, torno a dizer: não ande assombrada, apavorada.

Convém, entretanto, viver com temor e maior advertência. Não presuma que pode descuidar-se por ser tão favorecida. O contrário seria sinal de não virem de Deus as graças, visto não produzirem os efeitos assinalados.

No princípio é bom comunicar estas mercês a algum teólogo competente, sob sigilo de confissão. Dos homens doutos nos há de vir a luz. Ou talvez de alguma pessoa muito espiritual, se a encontrardes. Se a espiritualidade deste não for grande, dai preferência ao bom teólogo. Melhor ainda se achardes quem tiver doutrina e espírito.

Se vos disserem que é fantasia, imaginação, não vos importeis. Tal fantasia não pode fazer mal nem bem a vossa alma. Encomendai-vos à divina Majestade, pedindo que não consinta em tais enganos. Se o atribuírem ao demônio, será ocasião de maiores sofrimentos. Quem for bom teólogo — observando em vós os efeitos de que falei — não vos dirá isso. Contudo, se o disser, eu sei que o mesmo Senhor que anda convosco vos consolará e infundirá segurança. Ele irá iluminando o confessor para que vos comunique a verdadeira luz.

9. Logo se espantará e condenará tudo, se for pessoa que, tendo prática de oração, não seja levada pelo mesmo caminho. Por essa razão vos aconselho que escolhais quem seja grande teólogo. Também espiritual, se conseguirdes.

A priora dê licença para tais consultas. Mesmo estando segura da vida virtuosa da irmã, é obrigada a favorecer esses aconselhamentos. Assim andarão ambas com segurança. Depois de tratar com pessoas competentes, a alma fique tranquila, em paz.

Não se ponha a dar parte dessas coisas, multiplicando as consultas. Algumas vezes, sem haver motivo de temer, o demônio infunde umas inquietações tão exageradas que forçam a alma a não se contentar com uma única aprovação. Acontece quando se percebe que o confessor tem pouca experiência e é temeroso. Ele mesmo a induz a tomar outros pareceres.

Divulga-se assim aquilo que deveria manter-se muito em segredo — e com razão. O resultado é ver-se a ajma perseguida e atormentada. Quando pensa que tudo é segredo, verifica que é público. Daí lhe provêm muitos dissabores, que até podem estender-se à Ordem, tão maus andam os tempos. É, portanto, necessária grande prudência e circunspecção nesse ponto. Recomendo-o muito às prioras.

10. Não pensem que por receber semelhantes graças uma irmã seja melhor que as outras. A cada uma o Senhor leva como vê que lhe convém. Esses favores, quando correspondidos, ajudam a alma a se tornar grande serva de Deus. Mas às vezes o Senhor leva por esse caminho as que são mais fracas.

Não há motivo para aprovar nem condenar. Considerem as virtudes e tenham por mais santa a que servir a Nosso Senhor com maior mortificação, humildade e limpeza de consciência. Contudo, não pode haver nesta vida grande certeza, apenas uma segurança relativa, até que o verdadeiro Juiz dê a cada um o prêmio que merece. Lá ficaremos surpreendidos, vendo quão diferentes são seus juízos daquilo que podemos avaliar aqui na terra. Seja ele para sempre louvado. Amém.

Capítulo 9

Como o Senhor se comunica à alma por visão imaginária. Recomenda muito não desejar tal caminho e dá razões para isso. É de muito proveito.

1. Passemos agora às visões imaginárias. Dizem que é onde o demônio acha entrada, mais que nas precedentes — e assim deve ser. Quando são de Nosso Senhor, de algum modo me parecem mais proveitosas, por estarem mais de acordo com a nossa natureza. Excetuo as que o Senhor concede na última das moradas, pois àquelas nenhuma se compara.

2. Consideremos antes a maneira como Nosso Senhor se apresenta na visão descrita no capítulo precedente, por meio de uma comparação. Suponhamos um estojo de ouro, contendo uma pedra preciosa de enorme valor e admiráveis qualidades. Temos certeza absoluta de que a pedra está ali, embora nunca a tenhamos visto. Se a trazemos conosco, não deixamos de sentir seus efeitos benéficos.[1] Mesmo não a vendo, lhe damos muito valor. É que conhecemos, por experiência, suas propriedades medicinais. Ela nos curou de algumas doenças, para as quais é apropriada.

Contudo não ousamos olhá-la, nem abrir o relicário. Não podemos fazê-lo, só o dono da joia conhece o segredo de como o abrir. Emprestou-nos a pedra — a fim de nos aproveitarmos dela — sem entregar a chave. Como se trata de propriedade sua, abrirá o estojo quando nos quiser mostrar a pedra. Chegará mesmo a tomá-la, quando lhe aprouver — como faz às vezes.

3. Imaginemos agora que lhe apraz abrir o relicário de repente, para dar prazer à pessoa a quem o emprestou. Claro está que, depois, ela terá um contentamento muito maior, ao recordar o admirável resplendor daquela pedra, que lhe fica mais vivamente esculpida na memória. É o que acontece na visão de que tratamos agora.

Quando Nosso Senhor é servido de favorecer com maior ternura a esta alma, mostra-lhe claramente sua sacratíssima humanidade, sob a aparência que julga melhor: ou como no tempo em que andava no mundo, ou depois de ressuscitado. E conquanto seja com a rapidez de um relâmpago, essa imagem gloriosíssima fica-lhe profundamente impressa na imaginação. De tal forma, que tenho por impossível apagar-se, até o dia em que a veja no lugar onde poderá regozijar-se eternamente com ela.

4. Embora eu diga imagem, entenda-se que não é como uma pintura. Para quem a vê, é verdadeiramente viva. Às vezes fala com a alma. Às vezes lhe revela segredos sublimes. Ainda quando dura algum tempo, esta visão é sempre rapidíssima. É impossível fixar nela a vista mais tempo do que se pode fixar no sol. Não que seu esplendor magoe os olhos interiores da alma, como faz o sol à visão corporal.

Falo em olhos da alma porque só eles percebem a imagem. Quanto ao que se vê com os olhos do corpo, nada sei dizer. A pessoa, minha conhecida, de quem tão particularmente posso falar, nunca teve dessas visoes. E não se pode dar razões exatas daquilo que não se conhece por experiência.

Como dizia, seu esplendor não magoa os olhos interiores. O brilho dessa imagem é como o de uma luz infusa. É semelhante a um sol coberto por alguma transparência diáfana como um diamante, se fosse possível lapidá-lo assim. As vestes parecem de pano finíssimo da Holanda. Quase todas as vezes que Deus faz esta graça, a alma fica em arroubamento. Sua fraqueza não suporta espetáculo tão espantoso.

5. Digo espantoso, porque é uma presença de tão grande majestade, que infunde grande temor e espanto. Excede muitíssimo tudo quanto uma pessoa poderia imaginar de mais belo e deleitável, ainda que vivesse mil anos ocupada em pensá-lo. Trata-se de coisa infinitamente maior que a capacidade de nossa inteligência e imaginação.

Por certo não será preciso perguntar a esta pessoa como sabe quem lhe apareceu, se nada lhe foi dito. O Senhor do céu e da terra se dá muito bem a conhecer. O mesmo não se passa com os reis deste mundo que, por si mesmos, são tidos em pouco apreço. É o que aconteceria, se estivessem desacompanhados de sua corte ou não houvesse quem os anunciasse.

6. Ó Senhor, como vos desconhecemos, nós que somos cristãos! Que será contemplar-vos naquele dia, quando nos vierdes julgar! Se só a vossa vista infunde tanto temor, agora que vos aproximais com tanta afabilidade para tratar com vossa esposa — como será então?! Ó filhas, que será quando ele pronunciar com voz rigorosa: "Ide malditos de meu Pai"![2]

7. A lembrança desta graça, que Deus faz às almas, fique-nos agora gravada na memória. Não será para nós de pouco valor. São Jerônimo, apesar de tão santo, não a apartava de sua mente. Tudo quanto sofrermos, em consequência do rigor da vida religiosa que abraçamos, dessa forma nos parecerá nada. Ainda quando suas austeridades durassem muito tempo, não seria mais que um momento comparado com aquela eternidade.

Quanto a mim, asseguro-vos: sendo tão ruim, nunca tive medo dos tormentos do inferno. Pareciam-me nada, comparados ao sentimento causado pela lembrança de que os réprobos hão de ver irados estes olhos tão formosos, mansos e benignos do Senhor. Meu coração parece não poder suportá-lo. Assim tem sido durante toda a minha vida.

Quanto mais o temerá a pessoa a quem o Senhor favoreceu com esta visão! Sente tal emoção, que a deixa sem sentidos! Esta deve ser a causa da suspensão que experimenta. É que o Senhor ajuda a fraqueza humana, para que se una com sua grandeza, nesta divina e tão sublime comunicação com Deus.

8. Quando a alma puder ficar olhando durante muito tempo este Senhor, não creio que se trate de visão sobrenatural. Será antes alguma veemente consideração, que forma e imagina alguma figura. Será como coisa morta, em comparação com a verdadeira.

9. Assim acontece a algumas pessoas. Sei que é verdade, porque não são três ou quatro as que trataram deste assunto comigo, mas muitas. Possuindo uma imaginação muito fraca ou um intelecto muito arguto — ou não sei a que atribuí-lo — embebem-se de tal maneira na imaginação, que julgam ver claramente tudo quanto pensam.

Se já tivessem experimentado a visão verdadeira, entenderiam sem dúvida o engano. Compreenderiam como elas mesmas vão compondo o que lhes vem à cabeça. O resultado é que não experimentam efeito algum. Ficam frias e com menos lucro do que se vissem uma imagem devota. Logo se entende que não se deve fazer caso. Esquece-se muito mais depressa que um sonho.

10. Na visão de que tratamos não é assim. Estando a pessoa muito longe de supor que há de ver alguma coisa, se lhe apresenta de súbito a visão inteira, que lhe transtorna todas as faculdades e sentidos. Causa grande temor e perturbação, para logo deixar a alma na mais ditosa paz.

Como veio do céu aquela tempestade e abalo, ao ser são Paulo lançado por terra,[3] assim neste nosso mundo interior produz-se grande comoção. No mesmo instante aquieta-se tudo — como disse — e a alma compreende tão grandes verdades, que não necessita de outro mestre. Sem trabalho, sem esforço, a verdadeira Sabedoria liberta-a da ignorância.

Fica-lhe por muito tempo a certeza de que foi mercê de Deus. Por mais que lhe digam o contrário, não conseguem infundir-lhe o temor de ter sido enganada. Mais tarde, assustando-a o confessor, Deus permite que ande vacilante, receosa de ser possível o engano, como castigo por seus pecados. Contudo, não se convence totalmente. Acontece-lhe como nas tentações contra a fé — conforme escrevi em outro lugar[4] — quando o demônio pode produzir desassossego e inquietação. A alma, porém, nunca deixa de continuar firme na fé. Quanto mais a combatem com dúvidas, mais ela se convence de que o espírito infernal não a poderia cumular de tantos bens. E realmente é assim. O demônio não tem tanto poder no interior da alma. Consegue apresentar

alguma visão, não com a verdade e majestade e poderosos efeitos das que são reais.

11. Como os confessores não veem tais coisas, ficam receosos — e com muita razão. É que nem mesmo a própria alma favorecida talvez saiba descrevê-las. É preciso ir com cautela e aguardar até que o tempo mostre os frutos dessas aparições. Verificar pouco a pouco se deixam humildade e fortaleza na virtude. Se vierem do demônio, logo se verá pelos sinais e serão percebidas mil mentiras.

Se o confessor tiver experiência, por haver recebido tais favores, não precisará de muito tempo para entendê-los. Só pelo modo como a pessoa lhe descreve as visões, saberá se procedem de Deus, ou da imaginação, ou do demônio. Especialmente se foi gratificado por Sua Majestade com o dom de discernir espíritos. Se possuir este dom e for instruído, conhecerá muito bem a verdade, ainda que lhe falte experiência.

12. O essencial, irmãs, é que useis de grande sinceridade e retidão para com o confessor. Não digo a respeito da confissão dos pecados. Está claro que deveis ser sinceras. Refiro-me às ocasiões em que dais conta de vossa oração. Se assim não fizerdes, não vos asseguro que andais bem, nem que seja Deus quem vos ensina. Agrada-lhe muito que tratemos seu representante como ao próprio Senhor, com verdade, clareza e desejo de dar a conhecer todos os nossos pensamentos. Quanto mais as nossas obras, por pequenas que sejam!

Feito isso, não andeis perturbadas nem inquietas. Se tiverdes humildade e pureza de consciência, essas visões não poderão prejudicar-vos, ainda que não provenham de Deus. Sua Majestade sabe tirar o bem do mal. Ficareis mais ricas, no mesmo caminho pelo qual o demônio vos quisera prejudicar. Julgando receber de Deus tão grandes mercês, vos esforçareis para melhor contentá-lo, mantendo a memória sempre ocupada com a lembrança de sua imagem.

Um grande teólogo dizia que o demônio é notável pintor. Se lhe representasse uma expressiva imagem do Senhor, não se enfadaria. Pelo contrário, procuraria avivar por este meio a devoção, fazendo guerra ao inimigo com suas próprias maldades. Com efeito, por ser muito perverso um artista, não deixaremos de reverenciar a imagem por ele pintada, se representa Aquele que é todo nosso bem.

13. Esse teólogo julgava muito errados os que aconselham a fazer figas[5] em presença de alguma visão. Dizia que sempre havemos de reverenciar nosso Rei, onde quer que vejamos sua imagem. E vejo que tinha razão. Entre nós não é assim? Não gostaríamos de saber que fazem semelhantes injúrias ao retrato de uma pessoa de quem gostamos. Com quanto maior razão devemos respeitar sempre um crucifixo ou qualquer outra imagem de nosso Imperador, onde quer que a vejamos!

Já havia escrito o mesmo em outra parte,[6] mas alegrei-me em repeti-lo aqui. É que tive ocasião de ver uma pessoa muito aflita, por lhe mandarem usar desses esconjuros. Não sei de onde saiu tal invenção! Só serve para atormentar quem não pode deixar de obedecer o confessor, que o aconselha, pois a alma se julga perdida se não o cumprir à risca.

Minha opinião é esta: em semelhantes casos, ainda que mandem, apresentai humildemente essas razões e não obedeçais. São muito boas tais razões. Com elas, o teólogo de que falei me convenceu plenamente.

14. A alma tira grande lucro desta graça do Senhor. Quando pensa nele ou na sua vida e paixão, lembra-se daquele seu mansíssimo e formoso rosto, o que lhe serve de imenso consolo. Como teríamos muito gosto vendo uma pessoa de quem recebemos grandes benefícios — principalmente se não a conhecêssemos — assim se passa aqui. Asseguro-vos que essa lembrança tão saborosa produz grande consolação e proveito.

Ainda traz consigo outros bens. Como já vos falei tanto dos efeitos produzidos por estas graças e ainda tornarei ao assunto,

não me quero cansar nem cansar-
-vos. Só vos quero dar um aviso: quando souberdes ou ouvirdes dizer que Deus concede tais favores a uma alma, não peçais ao Senhor que vos leve pelo mesmo caminho, nem o desejeis. Embora excelente e digno de toda a nossa estima e reverência, não convém agir assim por algumas razões.

15. Primeira: é falta de humildade querer receber o que nunca merecestes. A meu ver, quem deseja essas graças não tem muita humildade. Assim como um pobre lavrador está longe da pretensão de ser rei — julgando ser isso impossível, por não o merecer — da mesma forma o humilde não espera tais favores. Quem os quiser, creio que nunca os receberá. Antes de fazer estas mercês, o Senhor dá um grande conhecimento próprio. E quem alimenta tais ambições, como entenderá com sinceridade que é grande misericórdia não estar no inferno?

Segunda: seria certíssimo haver engano ou, pelo menos, existiria grande risco. Ao demônio basta ver qualquer portinha aberta, para acometer com mil embustes. Terceira: por muito desejar tais graças, a própria pessoa, com sua imaginação, se põe a ver e ouvir o que gostaria de perceber. É como os que desejam uma coisa e pensam muito nela durante o dia, vindo a sonhá-la de noite.

Quarta: é atrevimento muito grande querer eu escolher caminho para mim, não sabendo qual o que mais me convém. Melhor é entregar-me ao Senhor, a fim de se cumprir em mim toda a sua vontade. Ele me conhece e me levará do modo mais conveniente. Quinta: julgais pequenos os sofrimentos que padecem as almas favorecidas por Deus com tais graças? Não, são grandíssimos e de muitos gêneros. Como sabeis que sois capazes de sofrê-los? Sexta: por onde pensais ganhar, perdereis — como aconteceu a Saul por ter sido rei.

16. Enfim, irmãs, há outras razões além dessas. Crede-
-me — o mais seguro é não querer senão o que Deus quer. Ele nos conhece melhor que nós mesmos e nos ama. Ponhamo-nos em

suas mãos, para que se faça em nós a sua vontade. Se com ânimo resoluto e determinação sincera da vontade permanecermos sempre nessa entrega, não poderemos errar.

Notai bem: por receber muitas dessas graças, não se merece maior glória. Pelo contrário — por ter recebido mais, temos obrigação de servir melhor a Sua Majestade. Quanto a adquirir merecimentos, o Senhor não o impede. Está em nossas mãos. Há muitas pessoas santas que nunca souberam o que é receber um só desses favores, enquanto há outras que os recebem e não são santas.

Também não imagineis que estas graças sejam contínuas. Por uma vez que o Senhor as faça, são muitíssimos os sofrimentos que as acompanham. Longe de preocupar-se em receber mais favores, a alma só pensa em retribuí-los com novos serviços.

17. Verdade é que essas graças devem ajudar grandemente a praticar as virtudes com maior perfeição. Mas as virtudes adquiridas à custa do próprio trabalho merecerão prêmios destas mercês — aliás, sei até de duas pessoas: uma delas um homem, outra uma mulher.[7] Andavam eles muito desejosos de servir a Sua Majestade à própria custa, sem tantos favores. Ansiosos por padecer, se queixavam a Nosso Senhor por favorecê-los com muitas graças. Se possível, resistiriam e as recusariam. Refiro-me aos regalos que o Senhor dá na contemplação. Não aos provenientes destas visões, porque se vê o grande lucro e são muito de estimar.

18. Verdade é que, a meu ver, esses desejos são sobrenaturais. São próprios de almas muito enamoradas, desejosas de mostrar ao Senhor que não o servem por salário. Na verdade, repito, nunca se lembram que hão de receber glória em recompensa de algum sacrifício. Não é este o motivo que as leva a maiores serviços. Seguem simplesmente os impulsos do amor, cujo natural consiste em agir sempre e de mil modos. Se pudessem, buscariam invenções para consumirem-se em amor. Se fosse necessário ficarem eternamente aniquiladas para maior honra de

Deus, de muito boa vontade o aceitariam. Seja para sempre louvado — amém! — o Senhor que quer mostrar sua grandeza, abaixando-se para comunicar-se com tão miseráveis criaturas!

Capítulo 10

Outras graças que Deus faz à alma de diversas maneiras. O grande proveito que nela deixam.

1. Com estas aparições o Senhor se comunica à alma de várias maneiras em diversas circunstâncias: ora estando ela aflita, ora quando lhe há de vir algum grande sofrimento, ou quando Sua Majestade quer deliciar-se com ela e, por sua vez, enchê-la de delícias. Não há para que particularizar cada uma dessas graças. Minha intenção é apenas dar a conhecer — até onde posso alcançar — as diversas graças que se recebem neste caminho, a fim de compreenderdes, irmãs, em que consistem e que efeitos produzem. Assim não tomareis as extravagâncias da imaginação por visões. E se fordes verdadeiramente favorecidas, sabendo que se trata de coisa possível, não andareis desassossegadas nem angustiadas.

O demônio ganha muito aqui. Gosta extremamente de ver uma alma desolada e inquieta. Sabe quanto esse estado a impede de empregar-se toda em amor e bendizer a Deus.

Sua Majestade se comunica também de outras maneiras muito mais sublimes e menos sujeitas a perigo. A estas o maligno não poderá contrafazer — creio eu. Por serem graças muito ocultas, dificilmente se podem exprimir, ao passo que as visões imaginárias são fáceis de explicar.

2. Quando apraz ao Senhor, acontece sentir-se a alma suspensa de repente, estando em oração e em seus sentidos. O Senhor lhe dá a entender então grandes segredos, de tal forma que ela tem a impressão de os ver no próprio Deus. Não se trata de uma visão da sacratíssima humanidade. Embora eu diga que vê, nada vê. Não é visão imaginária — mas sim muito intelectual. Nela é revelado como se veem todas as coisas em Deus e como ele as contém em si.

É favor de grande proveito. Embora passe num instante, fica muito bem gravado na memória. Causa grandíssima confusão.

Compreende-se mais claramente a maldade que é ofendermos a Deus, cometendo tão enormes iniquidades estando no próprio Deus, digo: estando dentro dele.

Embora saibamos que é assim e tenhamos ouvido isso muitas vezes, ou não reparamos nessa verdade ou não a queremos compreender. Se a compreendêssemos como realmente é, creio que seria impossível sermos tão atrevidos. Para que entendais melhor, quero ver se acerto com uma comparação.

3. Façamos de conta que Deus é como uma residência ou um palácio muito grande e formoso. Esse palácio — como digo — é o próprio Deus. Porventura podem os pecadores sair dele para cometer suas iniquidades? Não, por certo. Todas as abominações, desonestidades e malvadezas que nós, pecadores, praticamos são feitas dentro desse palácio — quer dizer: dentro do próprio Deus.

Oh! verdade tremenda e digna de grande reflexão! Muito proveitosa para nós, ignorantes, que jamais acabamos de nos convencer de sua realidade! Se a compreendêssemos bem, não seria possível termos tanto atrevimento nem sermos tão insensatos! Consideremos, irmãs, a grande misericórdia e paciência de Deus em não nos aniquilar instantaneamente. Rendamos-lhe grandíssimas ações de graça. É a maior maldade do mundo ver que Deus, nosso Criador, sofre tantos crimes de suas criaturas dentro de si mesmo. E pensar que ficamos muitas vezes ressentidos por uma palavra dita em nossa ausência e, talvez, sem má intenção! Envergonhemo-nos de ser tão sensíveis às ofensas que se fazem ou se dizem contra nós.

4. Oh! miséria humana! Até quando, filhas, estaremos sem imitar de algum modo este grande Deus? Não imaginemos fazer alguma coisa quando suportamos injúrias. De muito boa vontade soframos tudo e amemos a quem nos ofende. Este grande Deus não nos deixou de amar, a nós que o temos ofendido com nossos pecados. Ele tem grandíssima razão em querer que todos perdoemos os agravos cometidos contra nós, por muitos que sejam. Asseguro-vos, filhas, que esta visão, embora rápida, é

insigne graça de Nosso Senhor. Quem a receber tire dela todo proveito, trazendo-a continuamente presente na memória.

5. Também acontece — muito de improviso e de maneira inexprimível — Deus mostrar em si mesmo uma verdade, que parece eclipsar todas as realidades existentes nas criaturas. Com muita clareza dá a conhecer que só ele é a verdade que não pode mentir. Torna evidente o que Davi diz num salmo — que todo homem é mentiroso.[1] Jamais a alma compreenderia essas palavras tão nitidamente, ainda que as ouvisse muitas vezes. Ele é a verdade que não pode faltar. Lembro-me de Pilatos, quando na paixão perguntou a Nosso Senhor que coisa era a verdade.[2] Penso que era demasiado o que pedia. Quão pouco nós conhecemos aqui na terra desta suprema verdade!

6. Quisera eu explicar melhor esta graça, mas é assunto que não se pode expressar. Tiremos daqui, irmãs, este ensinamento: para nos assemelharmos um pouco mais a nosso Deus e nosso Esposo, é preciso esforçarmo-
-nos muito por andar sempre à luz desta verdade. Não me refiro somente a não dizer mentira. Nesse ponto — Deus seja louvado! — vejo que tendes o máximo escrúpulo nestas casas.[3] Sei que por coisa alguma seríeis capazes de mentir.

Entretanto, não basta andarmos na verdade diante de Deus e dos homens, de todos os modos, em todas as circunstâncias possíveis, especialmente não querendo passar por melhores do que somos. Em todas as nossas obras demos a Deus o que é de Deus e a nós o que é nosso. Procurando sempre e em toda parte a verdade, teremos pouca estima deste mundo, que é todo falsidade e mentira e, como tal, não é duradouro.

7. Certa vez, estava eu considerando por que razão Nosso Senhor é tão amigo da virtude da humildade. Veio-
-me logo de improviso, sem trabalho do raciocínio, esta resposta: é porque Deus é a suma verdade — e ser humilde é andar na verdade. Grande verdade é que nada de bom procede de nós, a não ser a miséria de ser nada. Quem não entende isso, anda na

mentira. Quem melhor o entender, mais agradará à suma Verdade, porque anda em sua presença. Praza a Deus, irmãs, conceder-nos a graça de jamais sairmos desse conhecimento próprio. Amém.

8. Nosso Senhor concede estas mercês à alma, considerando-a como verdadeira esposa sua, determinada a fazer em tudo a vontade de Deus. Ele quer dar-lhe alguma luz sobre as suas grandezas e mostrar-lhe como cumprir em tudo a vontade divina. Não há para que tratar de outros favores divinos. Falei desses dois por me parecerem de grande proveito. Neles não há motivo para temer. Pelo contrário, há muito que louvar o Senhor, por se dignar concedê-los. O demônio — a meu parecer — tem aqui pouca entrada, bem como a imaginação própria. Dessa forma, a alma fica cheia de consolação.

Capítulo 11

Trata de uns desejos grandes e impetuosos de ir regozijar-se com Deus, que põem a alma em perigo de perder a vida. Refere-se ao proveito que resulta dessa mercê do Senhor.

1. Será que não bastam todas essas graças feitas pelo Esposo à alma, para que a pombinha ou borboletinha fique satisfeita e ache o pouso onde há de morrer? Não penseis que me tenha esquecido dela. Não, por certo, seu estado piorou muito. Ainda que por longos anos esteja recebendo esses favores, sempre geme e anda chorosa. Cada uma das mercês faz crescer mais o seu tormento. A causa é que vai conhecendo mais e mais as grandezas de seu Deus. Vendo-se tão ausente e longe de possuí-lo, sente crescerem seus desejos em proporção do amor. Este, por sua vez, aumenta na medida em que se lhe descobre quanto este grande Deus e Senhor nosso merece ser amado.

Nesses anos, seus desejos foram crescendo pouco a pouco, até chegar à grande pena de que falarei agora. Disse anos, porque assim aconteceu à pessoa a quem me tenho referido. Bem entendo que, para Deus, não se fixam limites. Num instante poderá fazer uma alma chegar às graças mais sublimes, as quais descreveremos em seguida. Sua Majestade é poderoso para tudo o que quiser fazer. E deseja muito fazer grandes coisas por nós.

2. Veementes são as ânsias, lágrimas, suspiros e os fortes ímpetos de que falei. Tudo isso parece proceder de nosso amor, junto com vivos sentimentos. Mas tudo é nada em comparação com o que vou dizer. É como fogo produzindo fumaça, que se pode suportar, embora com dificuldade.

Vai andando assim a alma, abrasando-se em si mesma. Por um mínimo pensamento ou por uma simples palavra sobre a morte que tarda, acontece-lhe vir então — não se sabe de onde nem como — um golpe, semelhante a uma seta de fogo. Não digo propriamente seta mas — seja o que for — vê-se claramente ser

impossível proceder de nossa natureza. Também não é golpe, embora eu o tenha chamado assim, porque fere mais agudamente. E não é — a meu ver — onde se sentem as dores deste mundo, senão no mais íntimo e profundo da alma.

Aí, esse raio tão repentino e fugaz deixa reduzido a pó tudo quanto encontra de terreno em nossa natureza. Enquanto dura, é impossível lembrarmo-nos de nós mesmos. Num instante ata as faculdades, sem lhes deixar liberdade para coisa alguma, senão para o que possa aumentar aquela dor.

3. Não quisera que parecesse exagero. Na verdade, vejo que ainda digo muito pouco. São coisas que não se podem expressar. Trata-se de um arroubamento dos sentidos e das faculdades para tudo o que não ajuda a sentir aquela aflição. Com efeito, o intelecto está muito ativo para compreender com quanta razão a alma se sente angustiada, por estar ausente de Deus. Sua Majestade auxilia, dando de si mesmo uma notícia tão viva, um conhecimento íntimo que faz crescer a intensidade da pena. Vai ao ponto de fazer prorromper em grandes clamores aquele que a experimenta.

Apesar de ser pessoa mortificada, paciente e acostumada a padecer fortes dores, não se contém. Este sentimento — como ficou dito — não é no corpo, é nas profundezas da alma. Através dele, a pessoa de quem falamos compreendeu quanto mais intensos são os tormentos do espírito que os do corpo. Entendeu também que os sofrimentos do purgatório devem ser semelhantes aos primeiros. A ausência do corpo não impede a alma de padecer muito mais do que estando unida a ele neste mundo.

4. Vi uma pessoa neste estado e pensei que de fato ia morrer. Não seria de admirar, porque certamente constitui grande perigo de morte. Ainda que este fenômeno dure pouco, deixa o corpo desconjuntado. Os pulsos ficam tão fracos, como se fosse render a alma a Deus. E não está longe disso. Falta-lhe o calor natural, estando a alma de tal forma abrasada que, com um pouquinho mais, Deus teria satisfeito seus desejos. Não experimenta dores

no corpo, nem pouco nem muito. Mas, torno a dizer, sente-o desconjuntado. De tal forma que, depois, fica dois ou três dias com grandes dores, sem ter forças para escrever.

Tenho a impressão de que o organismo sempre fica mais fraco do que antes. Se na ocasião não o sente, deve ser porque a intensidade do sentimento interior da alma é muito maior. Assim, não faz caso do corpo. Como acontece quando temos uma dor muito aguda num lugar: ainda que tenhamos outras dores, não lhes prestamos atenção. Disso tenho boa experiência. No caso de que vou tratando, a pessoa não sente dor, nem pouca nem muita. Creio que não sentiria nem mesmo se a fizessem em pedaços.

5. Direis que é imperfeição. Por que não se rende aquela alma à vontade de Deus, se está tão conformada com ela? Até aqui podia fazê-lo e ia aguentando a vida. Agora não pode mais. Sua razão está de tal sorte que já não é senhora de si, nem pode fixar-se em outra coisa senão no que é a causa de seu penar. Separada de seu Bem, para que há de querer vida? Sente uma estranha solidão. Nenhuma criatura da terra lhe faz companhia, nem mesmo fariam as do céu — creio eu.

A não ser Aquele a quem ama, tudo a atormenta. Sente-se como uma pessoa suspensa no ar, que não encontra apoio na terra, nem pode subir ao céu. Abrasada nesta sede, não pode atingir a água. E não é sede que se possa sofrer. É em tal extremo, que nada a pode saciar. Nem ela deseja ser saciada se não for com a água de que falou Nosso Senhor à Samaritana.[1] E essa ninguém lhe dá.

6. Valha-me Deus, Senhor! como angustiais os que vos amam! Tudo é pouco em comparação com o que lhes reservais. Justo é que muito custe o que muito vale. Serve para purificar a alma antes de entrar nas sétimas moradas — assim como se purificam no purgatório os que hão de entrar no céu. É tão pequenino este padecer como seria uma gota de água em relação ao mar.

A pessoa de quem falo tinha passado muitas dores, tanto corporais como espirituais. Tudo lhe parecia nada em

comparação com esta angústia. Entre todos os sofrimentos da terra — segundo creio — não pode haver maior. No entanto, sentindo que esta pena é de tanto valor, a alma reconhece muito bem que absolutamente não a mereceu. Não é sentimento que ache alívio em coisa alguma. Com esse pensamento sofre de muito boa vontade. Se fosse do agrado de Deus, sofreria toda a vida — ainda que não seria morrer de uma vez, mas estar sempre morrendo. Verdadeiramente não é menos que isso.

7. Consideremos agora, irmãs, aqueles que estão no inferno. Não têm eles conformidade com a vontade divina, nem esta alegria, este gosto que Deus comunica à alma, inundando-a de felicidade. Não esperam, como ela, tirar lucro dos tormentos. Pelo contrário, vão sempre padecendo mais e mais. Digo mais e mais com referência às penas acidentais. Se os suplícios da alma são tão mais rigorosos que os do corpo, e os do inferno incomparavelmente maiores do que este de que falamos, quanto não sofrerão os desventurados réprobos, sabendo que seus males hão de durar para sempre e são sem fim?

E nós, nesta vida tão curta, em que tudo é nada, que podemos fazer ou padecer para nos livrarmos de tão terríveis e eternos tormentos? Asseguro-vos que é impossível dar uma noção de como são sensíveis os padecimentos da alma e quão diferentes daquilo que o corpo sofre. Só quem o experimentou pode fazer uma ideia. Se o Senhor quer que o compreendamos, é para conhecermos um pouco mais o muitíssimo que lhe devemos. Trouxe-
-nos a um estado no qual, por sua misericórdia, temos esperança de que nos há de livrar do inferno e perdoar nossos pecados.

8. Tornemos agora ao nosso assunto, isto é, àquela alma que deixamos no seu grandíssimo penar. Esse grau de intensidade não dura muito: três ou quatro horas no máximo, ao que me parece. Se durasse mais tempo, a fraqueza natural não poderia suportá-lo, a não ser por milagre. À pessoa de quem falo,

aconteceu certa vez não se prolongar mais de um quarto de hora, deixando-a em pedaços.

Era o último dia das festas da Páscoa da Ressurreição. Ela as tinha passado em grande secura. Quase não se apercebia de que era Páscoa. Estando a conversar na recreação, só de ouvir uma palavra sobre a duração demasiada da vida,[2] sobreveio-lhe aquela angústia com tal violência, que desta vez perdeu completamente os sentidos. E ninguém julgue que se possa resistir! Seria como alguém, metido numa fogueira, querer tirar o calor do fogo para impedir a chama de o queimar.

Não são sentimentos que se possam calar e dissimular. Os que assistem, embora não saibam o que se passa no íntimo da pessoa, entendem o grande risco de vida em que está. Na verdade, ela não deixa de achar neles alguma companhia. É como se fossem sombras. O mesmo lhe parecem todas as coisas da terra.

9. Se algum dia vos encontrardes neste estado, sabei que é possível intrometer-se em nós a fraqueza natural. Dá-se o seguinte caso: está a alma, como vistes, morrendo do desejo de morrer. É de tal forma que, quando aperta muito a pena, lhe parece faltar quase nada para sair do corpo. Põe-se então a temer verdadeiramente. Desejaria que se afrouxasse o tormento, pelo receio de acabar de morrer.

Bem se entende que esse temor provém da fraqueza natural. Por outra parte, não a deixam suas ânsias, nem se acha remédio que lhe mitigue a pena, até que o próprio Senhor a tira. Ordinariamente, termina com um grande arroubamento ou alguma visão, na qual o verdadeiro Consolador a consola e fortalece, para que consinta em viver todo o tempo que for de sua divina vontade.

10. Este martírio é penoso, mas a alma conserva grandíssimos efeitos. Perde o medo de qualquer sofrimento que lhe possa sobrevir. Estes parecem nada, comparando-se ao sentimento tão doloroso que experimentou em seu interior. Ficam-lhe tantos proveitos, que gostaria de padecê-lo muitas vezes. Também isso

não lhe é possível de modo algum. Nem há meio de o conseguir, até que o Senhor o queira. Não há possibilidade de resistir-lhe ou de interrompê-lo quando vem.

Tendo visto que nenhuma coisa do mundo lhe pôde valer naquele transe, a alma sente maior desprezo dele. Fica mais desapegada das criaturas, pela experiência de que só o Criador é capaz de consolar e fartar sua alma. Tem maior temor e cuidado de não o ofender. Vê que, assim como consola, também pode fazer sofrer.

11. A meu parecer, há neste caminho espiritual duas ocasiões que são perigo de morte. Uma é essa angústia, que é verdadeiramente perigosa — e não pouco. Outra, a felicidade e deleite excessivo, em tão grande extremo, que realmente a alma parece desfalecer. Falta-lhe só um pouquinho para sair do corpo. E na verdade não seria pequena a sua dita!

Por aqui vereis, irmãs, se tive motivo para vos dizer que é preciso ânimo e coragem. Quando pedirdes ao Senhor estas graças, ele terá muita razão de vos perguntar, como aos filhos de Zebedeu, se podeis beber o seu cálice.[3]

12. Creio, irmãs, que todas nós responderemos que sim — e com muita razão. Sua Majestade dá força aos que vê necessitados. Em tudo defende essas almas. Responde por elas nas perseguições e maledicências, como fazia pela Madalena. Se não por palavras, certamente por obras. Por fim, antes que morram paga-lhes tudo junto, como agora vereis. Seja ele para sempre bendito e louvem-no todas as criaturas. Amém.

SÉTIMAS MORADAS

Contém quatro capítulos

Capítulo 1

Grandes mercês feitas por Deus às almas que entram nas sétimas moradas. Diz como, a seu parecer, há alguma diferença entre a alma e o espírito, embora sejam uma só coisa. Há pontos notáveis.

1. Parecerá a vós, irmãs, que depois de tanto falar sobre este caminho espiritual, nada mais resta a dizer. Seria desatino pensá-lo! A grandeza de Deus não tem limites. Tampouco têm suas obras. Quem poderá avaliar suas misericórdias e maravilhas? É impossível. Não vos espanteis do que está dito, nem do que se vai dizer. É apenas uma cifra, um traço em comparação do que se poderia falar de Deus.

Ele nos faz grande misericórdia, quando nos comunica tais segredos por meio de alguma pessoa. Quanto mais conhecermos essas comunicações com as criaturas, mais louvaremos sua grandeza. Tenhamos sempre em muita consideração as almas — com as quais o Senhor tanto se deleita. Embora cada uma de nós tenha sua alma, não entendemos os grandes segredos que nela existem. É que não a estimamos como criatura feita à imagem de Deus.

Praza a Sua Majestade — se for servido — dirigir a minha pena. Faça-me ele compreender como vos hei de explicar alguma coisa do inefável que Deus revela a quem introduz nesta morada. Muito o tenho suplicado a Sua Majestade. Ele sabe como a minha intenção é que suas misericórdias não fiquem ocultas, a fim de que seu nome seja mais louvado e glorificado.

2. Tenho esperança de que o Senhor me fará essa mercê. Não por mim, mas por vós, irmãs. É preciso que entendais quanto importa não haver impedimento de vossa parte, a fim de que o Esposo celebre com vossas almas o matrimônio espiritual. Esse matrimônio traz consigo imensos benefícios, como vereis.

Ó grande Deus! Justo é que uma criatura tão miserável — como eu — hesite ao tratar de assunto tão superior a todo meu

merecimento e compreensão! Na verdade, tenho andado em grande confusão. Por um lado, pensei que talvez fosse melhor resumir esta morada em poucas palavras. Poderão imaginar que a conheço por experiência, o que me causa grandíssimo vexame, sabendo eu quem sou. É um sentimento terrível.

Por outra parte, pareceu-me tentação e fraqueza essa ideia. Seja Deus louvado e conhecido um pouquinho mais! Que grite contra mim o mundo inteiro! Aliás, talvez eu já esteja morta quando vierem à luz estas linhas. Bendito seja Aquele que vive e viverá para sempre! Amém.

3. Quando Nosso Senhor é servido, apieda-se de tudo o que esta alma padece e já padeceu, ansiando por sua presença e amor. Ele já a tomou sobrenaturalmente por sua esposa. Antes de consumar o matrimônio espiritual, a introduz em sua morada, que é a sétima.

Assim como num outro céu, Sua Majestade deve ter em nós um lugar de descanso, onde só ele reside. Podemos chamá-lo de outro céu. Importa muito, irmãs, não pensarmos que a alma seja obscura. Como não a vemos, achamos geralmente que não há outra luz interior, além da luz material visível. Ficamos supondo que dentro de nós reine uma espécie de escuridão.

Quanto à alma que não está em graça — por ter cometido pecado mortal — reconheço que realmente é assim. Não por falta do Sol de Justiça — que está nela, dando-lhe o ser — senão por sua incapacidade para receber a luz. Julgo ter dito isso na primeira morada. Referi-me a uma pessoa[1] à qual foi dado a entender que estas desventuradas almas estão como em obscuro cárcere. Permanecem cegas e mudas, atadas de pés e mãos. São incapazes de fazer qualquer boa ação que lhes seja de proveito para merecerem o favor divino. Com razão devemos compadecer-nos delas e lastimá-las, considerando que durante certo tempo estivemos nas mesmas condições. Também com elas o Senhor pode usar de misericórdia.

4. Tomemos, irmãs, particular cuidado nesse ponto, não nos descuidando de suplicar a Sua Majestade pelos que estão em pecado mortal. É grandíssima esmola. Devemos ter muita piedade deles.

Suponhamos encontrar um cristão amarrado a um poste, com as mãos atadas para trás por fortíssima cadeia. Está ele morrendo de fome. Não que lhe falte alimento. Tendo junto de si as mais delicadas iguarias, não as pode pegar e levar à boca. Além do mais, sente-se completamente enfastiado.

Não seria grande crueldade se o ficássemos olhando sem lhe chegar o alimento à boca? E que seria se, por vossa oração, lhe caíssem das mãos as cadeias? Bem vedes o que deveríeis fazer. Por amor de Deus vos rogo: em vossas orações, lembrai-vos sempre dos que estão em semelhante estado.

5. Não tratemos deles agora. Falemos das almas que — pela misericórdia de Deus — fizeram penitência de seus pecados e se acham em estado de graça. Não as consideremos estreitas e limitadas. São um mundo interior, onde cabem tantos e tão lindos aposentos, conforme tendes visto. E é razoável que seja assim. Dentro delas há um aposento para o próprio Deus.

Quando Sua Majestade concede a graça do divino matrimônio, primeiro introduz a alma nesta morada onde ele habita. Sua Majestade quer que seja diferente dos outros arroubamentos. Bem creio que o Senhor une a alma consigo nos arroubamentos, assim como na oração chamada de união. Contudo, a alma não entra em seu centro, como aqui nesta morada.

Antes, tudo se passava somente na parte superior. Não importa muito: de um ou de outro modo, o Senhor a unia a si. Foi o que aconteceu a são Paulo em sua conversão.[2] O Senhor o impediu de conhecer a graça que lhe fazia. A alma fica cega e muda. Perde o sentido de como se realiza a mercê na qual se regozija. Com efeito, o grande deleite que a alma experimenta é o de sentir-se perto de Deus. Nessa primeira união ela nada entende, porque as faculdades se perdem.

6. Aqui, na última das moradas, passa-se de outra maneira. Nosso bom Deus quer tirar-lhe as escamas dos olhos. Quer que veja e entenda ao menos parte da graça que lhe faz, o que se efetua de modo um tanto estranho.

Introduzida nesta morada, por visão intelectual, se lhe descobre a Santíssima Trindade — Deus em três Pessoas, mediante certa maneira de representação da verdade. Primeiro lhe vem uma inflamação do espírito, como uma nuvem de grandíssima claridade. Vê então nitidamente a distinção das divinas Pessoas. Por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta que as três são uma substância, um poder, um saber, um só Deus.

Dessa maneira, podemos dizer que a alma entende ali — por ter visto — o que cremos pela fé; embora não o tenha contemplado com os olhos do corpo nem com os da alma, porque não é visão imaginária. Aqui as três Pessoas se lhe comunicam e falam. Fazem-na compreender aquelas palavras do Senhor no Evangelho, dizendo que viria ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que o ama e guarda seus mandamentos.[3]

7. Valha-me Deus! Como são verdadeiras essas palavras! E como é diferente ouvi-las e crer, entendendo-lhe a verdade por via sobrenatural! Cada dia esta alma se admira mais, porque lhe parece que as três divinas Pessoas nunca mais se apartaram dela. Percebe nitidamente, do modo sobredito, que elas estão em seu interior — no mais, mais íntimo. Num abismo profundo — que ela não sabe definir, por lhe faltar ciência — sente em si esta divina companhia.

8. Imaginareis que não andará em seus sentidos. Estará tão absorta que não poderá prestar atenção em coisa alguma. Pois eu vos digo que em tudo o que é serviço de Deus ela pode fazê-lo — e muito mais que antes. Terminadas as ocupações, permanece naquela agradável companhia.

Se esta alma não faltar a Deus, ele jamais lhe faltará, dando-lhe sempre a perceber claramente sua divina presença. De sua

parte, ela tem grande confiança de que Deus — tendo-lhe feito tal mercê — não deixará de concedê-la, nem permitirá que a perca. É justo pensar assim. Contudo, ela não deixa de andar com maior cuidado, a fim de não desagradar o Senhor de maneira alguma.

9. Entenda-se que o trazer em si esta presença não é de modo tão perfeito, isto é, tão claro como lhe foi manifestado na primeira vez ou em algumas outras, nas quais apraz a Deus fazer-lhe este favor. Se não fosse assim, seria impossível cuidar de qualquer outra coisa e até mesmo viver com os demais homens.

Embora a visão não seja com luz tão clara, a alma não deixa de perceber que está na companhia do Senhor. Digamos ser como alguém que está com outras pessoas num aposento inundado de luz, cujas janelas se fechassem de repente, deixando-os na escuridão. Até voltar a luz, deixaria de ver as outras pessoas. Nem por isso deixaria de ter certeza de estarem ali.

Seria razoável perguntar: se a alma quiser, pode tornar a ver as Pessoas divinas ao voltar a luz? Absolutamente não está em suas mãos. Depende de Nosso Senhor querer abrir-lhe as janelas do intelecto. Já é grande misericórdia nunca se apartar dela e consentir que o compreenda com tanta evidência.

10. Por meio desta admirável companhia, parece que a divina Majestade quer dispor a alma para coisas mais sublimes. Está claro que é grande auxílio, para se adiantar na perfeição em tudo. Também para perder o temor, sentido algumas vezes ao receber outras mercês, conforme ficou dito. Com efeito, aquela pessoa em tudo tinha progredido. Parecia-lhe que o essencial de seu espírito jamais se apartava daquele aposento, por maiores que fossem os sofrimentos e negócios.

Assim, de certo modo, tinha a impressão de andar dividida. Pouco depois de lhe fazer Deus esta mercê, sobrevieram-lhe grandes sofrimentos. Ela se queixava então de sua própria alma, à semelhança de Marta, quando se queixou de Maria.[4] Perguntava-lhe, por vezes, como podia estar sempre se deleitando

naquela quietude a seu prazer, deixando-a em tantos sofrimentos e ocupações, sem lhe fazer companhia.

11. Isso vos parecerá desatino, filhas, mas verdadeiramente assim acontece. Sabemos que a alma é una, forma um todo. Contudo, o que afirmo não é fantasia, é fato muito comum. Por isso eu dizia que, em vista de certas coisas experimentadas em nosso interior, se percebe claramente haver uma diferença — e bem sensível — entre a alma e o espírito. Por mais que sejam uma só realidade, nota-se algumas vezes uma distinção muito sutil entre eles. Parece que uma e outro atuam de modos diversos, conforme o sabor que o Senhor lhes confere.

Também me parece que a alma difere das faculdades : não se trata de uma só coisa. São tantos os mistérios que existem em nosso íntimo — e tão delicados — que seria atrevimento meu ousar explicá-los. No céu os veremos — se o Senhor, por sua misericórdia, conceder a graça de nos levar a seu Reino, onde esses segredos nos serão revelados.

Capítulo 2

Prossegue no mesmo assunto. Diferença que existe entre união e matrimônio espiritual. Explica-o por meio de delicadas comparações.

1. Vamos tratar agora do divino e espiritual matrimônio. Creio que este grande favor não se efetua em toda sua plenitude e perfeição enquanto estamos nesta vida. Basta que a alma se aparte de Deus para logo se perder tão imenso bem.

Na primeira vez em que Deus faz esta mercê, apraz a Sua Majestade mostrar-se à alma em sua humanidade sacratíssima, por meio de uma visão imaginária. Faz isso a fim de que a alma entenda bem e não ignore que recebe dom tão soberano.

A outras pessoas poderá ocorrer de modo diverso. A esta de quem falamos, o Senhor se apresentou quando ela acabava de comungar. Mostrou-se cercado de grande resplendor, beleza e majestade, como depois de sua ressurreição. Disse-lhe que já era tempo de tomar como seus os interesses divinos. Por sua vez, ele cuidaria dos interesses dela. Acrescentou outras palavras mais fáceis de sentir que de expressar.

2. Parecerá não haver aqui novidade. De outras vezes o Senhor já se havia manifestado à mesma pessoa. Entretanto, desta vez foi tão diferente, que a deixou desatinada e cheia de temor. De um parte, pela grande violência com que ele se manifestara nesta visão. De outra, pelas palavras que lhe foram ditas. No interior de sua alma — onde o Senhor lhe apareceu — jamais tivera outras visões, a não ser a passada.[1]

Entendei bem: há enorme diferença entre todas as graças precedentes e as deste aposento íntimo. Há tão grande distância entre o noivado e o matrimônio espiritual, como entre os que são meramente noivos e os que já não se podem separar.

3. Uso essas comparações por não achar outras mais adequadas. Não obstante, entendei bem — a pessoa aqui nem se lembra do

corpo. É como se a alma estivesse separada dele e fosse unicamente espírito.

No matrimônio espiritual então, muito menos. Esta misteriosa união se realiza no centro mais íntimo da alma. Deve ser onde está o próprio Deus. Não necessita de porta para entrar aí, porque, em todas as graças até aqui referidas, os sentidos e faculdades parecem servir de intermediários. Assim deve ocorrer, mesmo na aparição do Senhor em sua humanidade.

Mas o que se passa na união do matrimônio espiritual é muito diferente! O Senhor aparece no centro mesmo da alma — não em visão imaginária, mas intelectual, de forma ainda mais delicada que nas outras. Como apareceu aos apóstolos — fechadas as portas — e lhes disse: "Pax vobis!"[2]

É um mistério tão grande, uma graça tão sublime que, num instante, Deus comunica à alma! Não sei a que compará-la. É intensa a felicidade de que se sente inundada! Parece querer, o Senhor, naquele momento, manifestar à alma a glória do céu, de um modo mais elevado que em nenhuma outra visão ou gosto espiritual.

Tanto quanto se entende, só se pode dizer que a alma — isto é, o espírito desta alma — faz uma só coisa com Deus. Sendo também espírito, Sua Majestade deseja mostrar o seu amor para conosco. Dá a conhecer a algumas pessoas até onde chega esse amor, para lhe louvarmos a grandeza. A tal ponto quis se unir com uma criatura, que não quer mais apartar-se dela — como os esposos que, pelo matrimônio, já não se podem separar.

4. O noivado espiritual é diferente, ainda se separam muitas vezes. O mesmo acontece na união. Embora unir seja tomar duas coisas e juntá-las de modo a serem só uma, depois podem apartar-se e subsistir cada um por si. Com efeito, as outras graças do Senhor passam em geral rapidamente, deixando a alma sem aquela companhia — isto é, sem ter consciência dela. Nesta última graça — no matrimônio espiritual — não é assim. A alma permanece sempre com seu Deus, no centro de si mesma.

Comparemos a união a duas velas de cera perfeitamente unidas, produzindo uma só chama. Ou ao pavio, à chama e à cera formando um único círio.
É possível separar uma vela da outra, ficando duas
velas distintas. Como se pode também separar a cera do pavio.

Aqui, porém, é como água do céu caindo sobre um rio ou uma fonte. Confundem-se totalmente, a ponto de não se distinguir a água do rio e a caída do céu. Ou como um pequenino arroio que se lança no mar, não há meio de separá-lo. Ou ainda uma grande luz entrando por duas janelas: penetra dividida no aposento e torna-se uma só luz.

5. É o que, porventura, diz são Paulo: “O que se eleva e se une a Deus, faz-se um só espírito com ele”.[3] Refere-se a este soberano matrimônio, onde se pressupõe que Sua Majestade já aproximou a alma de si, por meio da união espiritual. Também diz o Apóstolo: “Mihi vivere Christus est mori lucrum” — “para mim viver é Cristo, morrer é lucro”.[4] Parece-me que a alma pode dizer o mesmo aqui. É então que morre a borboletinha de que falamos. Morre com imensa felicidade, porque sua vida já é Cristo.

6. Isso se entende melhor com o andar do tempo, pelos efeitos. Por umas secretas aspirações se conhece claramente ser Deus quem dá vida à nossa alma. Muitíssimas vezes são elas tão vivas, que de nenhum modo se pode duvidar. Embora não as saiba expressar, a alma sente-as muito bem. É tão grande esse sentimento que, em certas horas, a faz prorromper em palavras de ternura. São exclamações impossíveis de reprimir, como: “oh! vida de minha vida!”; “oh! sustento que me sustentas!” — e outras semelhantes.

É que brotam uns veios de leite daqueles peitos divinos[5] — nos quais Deus parece estar sempre sustentando a alma. Esse leite conforta toda a guarnição do castelo. Parece que o Senhor quer que toda a gente do castelo participe de algum modo do muito que a alma está fruindo. O Senhor determina que daquele

rio caudaloso — onde se lançou esta fontezinha tão pequenina — corra algumas vezes um regato, a fim de sustentar aqueles que servem materialmente os dois noivos.

Estas atividades íntimas a que me refiro são percebidas com grande certeza. Como uma pessoa que estivesse descuidada sentiria de repente a água, ao ser nela mergulhada — e não poderia deixar de sentir. Do mesmo modo acontece aqui, e ainda com maior certeza.

Com efeito, um grande jato de água não poderia jorrar perto de nós sem provir de algum manancial. Do mesmo modo, a alma entende claramente que dentro de si há Alguém que lhe arroja as setas que a traspassam. Alguém que dá vida a sua vida. Um Sol de onde procede essa luz fulgurante que do interior lhe dardeja sobre as faculdades.

Conforme vos disse, a alma não sai daquele centro nem perde sua paz. Aquele mesmo que deu a paz aos apóstolos, quando estavam reunidos,[6] é poderoso para comunicá-la também a ela.

7. Tem-me vindo ao pensamento que essa saudação do Senhor devia ser muito mais poderosa do que soa aos ouvidos. Do mesmo modo, as palavras ditas à gloriosa Madalena — que se fosse em paz.[7] As palavras do Senhor atuam em nós como obras. De tal maneira agiam naquelas pessoas — já tão bem dispostas — que as despojariam de tudo quanto havia de corpóreo em suas almas. Deixariam a alma no estado de puro espírito, apta a se juntar com o Espírito incriado, nesta união celestial.

Com efeito, se nos esvaziarmos de todo o criado e nos desapegarmos das criaturas, por amor de Deus, é certíssimo que o mesmo Senhor nos encherá de si. Foi o que Jesus Cristo, Nosso Senhor, pediu a seus apóstolos, orando certa vez por eles — não sei onde. Disse-lhes que fossem uma só coisa com o Pai e com ele — como ele, Jesus Cristo, Nosso Senhor, está no Pai e o Pai nele.[8] Não sei que maior amor pode haver! Nessa súplica estamos todos incluídos. Sua Majestade disse: “Não rogo só por eles, mas

por todos aqueles que também hão de crer em mim”[9] E ainda acrescentou: “Eu estou neles”.[10]

8. Valha-me Deus! Como essas palavras são verdadeiras! Como as compreende bem a alma que, estando nessa oração, sente-as realizadas em si mesma! Também nós a entenderíamos, se não lhes puséssemos obstáculo por nossa culpa. As palavras de Jesus Cristo, nosso Rei e Senhor, não podem deixar de se cumprir. Nós, porém, somos infiéis, não nos dispondo como é preciso nem desviando de tudo que pode interceptar essa luz. Não conseguimos ver-nos neste espelho que contemplamos, onde está esculpida a nossa imagem.

9. Tornemos ao que dizíamos. O Senhor introduz a alma nessa sua morada, que é o centro mais profundo dela própria. Como dizem que o céu empíreo — onde está Nosso Senhor — não se move, assim parece que também não há movimentos nessa alma. Ao entrar neste céu íntimo, cessam os movimentos ordinários das faculdades e da imaginação. Estas não a prejudicam nem lhe tiram a paz.

Não quero dizer — como pode parecer — que a alma está segura de sua salvação e não tornará a cair, se recebe de Deus esta graça. Não digo tal. Sempre que me referir — em qualquer lugar — a esse gênero de segurança que a alma parece ter, fique bem entendido: é enquanto a divina Majestade a mantém em sua mão e ela não o ofende. Pelo menos sei disso com certeza, através daquela pessoa a quem me tenho referido. Ela não se considera segura, embora se veja neste estado e permaneça nele há vários anos.

Pelo contrário, anda com muito maior temor que antes, preocupada em guardar-se de qualquer pequena ofensa a Deus. Tem grandes desejos de servi-lo, como se dirá adiante. Sente continuamente pena e confusão, vendo o pouco que lhe pode fazer e o muito a que está obrigada. Não é pequena cruz, mas grandíssima penitência.

Acerca de penitências, causam-lhe mais deleite quanto maiores forem. A verdadeira penitência para ela são as ocasiões em que Deus lhe tira a saúde e as forças necessárias para fazê-la. Embora em outra parte já me tenha referido ao grande sofrimento que isso provoca, aqui é muito maior. Tudo lhe vem do lugar onde lançou suas raízes. Assim como a árvore junto à corrente das águas tem mais frescor e dá frutos mais abundantes, que há para se maravilhar nos desejos desta alma? Seu verdadeiro espírito está feito uma só coisa com a água celestial de que falamos.

10. Tornando ao que vos dizia, não se entenda que as faculdades, sentidos e paixões estejam sempre nessa paz. A alma, sim, é que está. Nas outras moradas não deixa de haver períodos de guerra, fadigas e sofrimentos. São, todavia, de maneira a não arredá-la de sua quietude e lugar. Assim acontece ordinariamente.

O centro de nossa alma — ou seu espírito — é coisa muito difícil de descrever e até mesmo de crer. Assim, irmãs, por não saber expressar-me, receio causar-vos alguma tentação de não acreditar em minhas palavras. Afirmar que há sofrimentos e preocupações e que, ao mesmo tempo, a alma está em paz — é realidade que não se impõe facilmente. Quero apresentar-vos uma ou duas comparações para melhor me dar a entender. Praza a Deus que o consiga. Mesmo se não forem adequadas as figuras, sei que é verdade o que disse.

11. Um rei está em seu palácio e há muitas guerras no seu reino, muitas ocorrências penosas. Nem por isso ele deixa de se manter em seu posto. Assim é aqui. Ainda que os répteis peçonhentos invadam as outras moradas, ninguém entra na última nem consegue tirar a alma dali. O mesmo, se surgem complicações e barafundas. Apenas de longe se ouve o tumulto. Os rumores ouvidos dão-lhe alguma pena, contudo, não a inquietam nem lhe tiram a paz. As suas paixões já estão vencidas e não ousam entrar ali, sabendo que sairão ainda mais submissas e humilhadas.

Da mesma forma podemos ter dor em todo o corpo, estando a cabeça sã. Se é assim, nem por nos doer o corpo nos doerá a cabeça. Estou rindo comigo mesma dessas comparações. Elas não me satisfazem, mas não me ocorrem outras. Pensai como quiserdes. É verdade o que disse.

Capítulo 3

Trata dos grandes efeitos causados pela oração sobredita. Cumpre considerar atenta e cuidadosamente esses efeitos. É admirável a diferença entre eles e os que são produzidos pelas graças anteriores.

1. Como dissemos, a nossa borboletinha já morreu, com grandíssima alegria por ter achado seu repouso. Cristo vive nela. Vejamos que vida tem. Qual a diferença de quando era ela quem vivia. Pelos efeitos, veremos se é verdadeiro o que afirmei. Tanto quanto posso entender, estes efeitos são os que seguem.

2. O primeiro é um esquecimento de si, a ponto de parecer que não tem existência própria, como ficou dito. Está toda ela de tal modo transformada, que não se reconhece mais. Não se lembra de que haverá céu para ela, nem vida, nem honra, porque se emprega inteiramente em promover a glória de Deus.

Bem se deixa ver como as palavras que ouviu de Sua Majestade tiveram o efeito de verdadeiras obras. Com efeito, o Senhor lhe disse que zelasse por sua honra, que ele zelaria pela dela.[1] Assim é que não se preocupa com o que lhe pode suceder. Está num estranho olvido de si. Parece que nem existe — como eu disse. Não pretende ser coisa alguma. Quer ser tida em nada, exceto quando entende que de algum modo contribui para aumentar um pouquinho a honra e glória de Deus. Para esse fim, de muito boa vontade sacrificaria a vida.

3. Nem imagineis, filhas, que se descuide de comer e dormir — o que para ela não é pequeno tormento. Também não deixa de cumprir todas as obrigações de seu estado. Refiro-me apenas às disposições interiores. Quanto a obras exteriores, há pouco que dizer. Este é justamente o seu pesar: verificar que nada consegue com suas minguadas forças. Não deixaria de fazer, por coisa alguma deste mundo, tudo o que pode e entende ser do serviço de Nosso Senhor.

4. O segundo efeito é um grande desejo de padecer, que, entretanto, não a inquieta, como em outros tempos. Uma alma chegada a este ponto tem ânsias tão extremas de que nela se cumpra a vontade de Deus, que acha bom tudo quanto Sua Majestade faz. Se lhe quiser enviar padecimentos — sejam bem-vindos! Se não quiser, não fica desconsolada como antes.

5. Quando perseguidas, estas almas sentem uma intensa felicidade íntima. Experimentam uma paz mais profunda do que nos estados precedentes. Não têm o menor ressentimento contra os que lhes fazem ou desejam fazer mal. Pelo contrário, passam a ter um amor todo particular para com eles. Sentem ternamente se os veem em algum sofrimento. A fim de livrá-los dele, aceitariam de muito boa vontade qualquer pena para si. Sempre os encomendam a Deus, de coração. Gostariam de se privar em parte das graças divinas, para que Sua Majestade as comunicasse a eles, a fim de não ofenderem mais a Nosso Senhor.

6. O que mais me surpreende é o seguinte. Já vistes os sofrimentos e desolações por que passaram estas almas, em virtude das ânsias de morrer para se regozijarem em Nosso Senhor. Agora, têm grande desejo de o servir. Desejam contribuir para a sua glória. Se lhes fosse possível, se fatigariam para fazer lucrar uma só alma. Não só não desejam morrer, mas querem viver muitos anos, padecendo gravíssimos sofrimentos, se tivessem esperança de que o Senhor seria louvado por seu meio, ainda que na mínima circunstância.

Mesmo se soubessem com certeza que, saindo a alma do corpo, logo iria rejubilar em Deus, não se moveriam a querê-lo. Não lhes importa. Não pensam na glória dos santos, nem desejam por enquanto ver-se nela. A glória que cobiçam é a de ajudar de algum modo o Crucificado. Sobretudo quando veem que é tão ofendido e há tão poucos deveras ocupados em zelar pela honra de Deus, desapegados de tudo mais.

7. Verdade é que, algumas vezes, a alma se esquece disso. Voltam com ternura os desejos de sentir a felicidade da glória de Deus e

de sair deste desterro. Especialmente quando considera quão pouco serve a este Senhor.

Mas logo torna às primeiras disposições. Compreendendo que possui seu Deus continuamente, contenta-se com isso. Oferece a Sua Majestade a aceitação da vida, como a oferenda mais custosa que lhe poderia fazer.

Nenhum temor sente da morte. Tem menos medo dela do que teria de um suave arroubamento. O que se passa é que o próprio Senhor — que lhe dava aqueles desejos com tormentos tão excessivos — dá agora estes sentimentos. Seja para sempre bendito e louvado!

8. Enfim, estas almas já não desejam nem alegrias nem gostos espirituais. Trazem consigo o próprio Senhor. Deus agora vive nelas. Claro está que a vida de Sua Majestade na terra foi um contínuo martírio. Assim ele faz que seja também a nossa — se não na prática, ao menos pelos desejos. No mais, o Senhor leva em conta a nossa fraqueza. Comunica-nos muito de sua força divina, quando vê que é necessário.

Estas pessoas vivem em grande desapego de todas as coisas. Sua vontade constante é de estar sempre a sós ou ocupadas no proveito espiritual de alguma alma. Não há securas nem sofrimentos interiores. Há, pelo contrário, uma contínua lembrança de Nosso Senhor e tal afeto por ele, que desejariam ocupar todo o tempo em seus louvores. Quando se distraem, o mesmo Senhor as desperta do modo acima dito. Vê-se claríssimamente que o impulso com que as desperta — ou não sei como chamá-
-lo — procede do mais íntimo da alma, como se disse a respeito dos ímpetos.

Aqui, porém, tudo se passa com extrema suavidade. Não procede do intelecto nem da memória — nem de qualquer outra coisa. Percebe-se que a alma não contribui de modo algum. Este fenômeno é tão ordinário e tão frequente, que se pode observar com bastante atenção. Como um fogo lança a labareda sempre para cima — e nunca para baixo, por mais aceso que o

imaginemos — assim também se entende que este movimento interior procede do centro da alma e desperta as faculdades.

9. Por certo não seriam necessários outros proveitos neste caminho da oração. Bastaria entender o particular cuidado que Deus tem em comunicar-se conosco e andar como que suplicando que permaneçamos com ele. Não parece outra coisa senão que suplica por nossa companhia.

Tenho por bem empregados todos os sofrimentos possíveis, a troco de sentirmos a intensa felicidade desses toques de seu amor, tão suaves e penetrantes. Já o tereis experimentado, irmãs. Penso que, chegando a ter oração de união, o Senhor anda com este cuidado, se não nos descuidarmos de guardar seus mandamentos.

Quando receberdes estas graças, recordai-vos de que provêm desta morada interior, onde Deus está em nossa alma. Louvai-o muito então. Não há dúvida de que é seu aquele recado ou bilhete escrito com tanto amor, em letras que só a vós é dado entender o que vos pede por esse meio. De vossa parte, nunca deixeis de responder a Sua Majestade, ainda que estejais ocupadas exteriormente ou em conversação com várias pessoas.

Acontecerá muitas vezes fazer-nos Nosso Senhor este secreto favor em público. Como deverá ser então a resposta interior? É muito fácil fazer o que digo. Expressai um ato de amor ou perguntai, a exemplo de são Paulo: “Senhor, que quereis que eu faça?”.[2]

Vosso Mestre então vos ensinará de muitas maneiras como haveis de agradá-lo. Será um tempo aceitável. Ele parece dar a entender que nos ouve. Quase sempre o Senhor dispõe a alma por meio desse toque tão delicado, e ela faz o que é agradável a Sua Majestade com ânimo resoluto, vontade determinada.

10. A diferença que distingue esta morada das demais é a seguinte: quase nunca há securas ou perturbações interiores como havia, de tempos em tempos, em todas as outras. A alma está em quietude quase contínua. Tem certeza firme de que tão

elevada mercê lhe vem de Deus. Não receia engano diabólico, porque os sentidos e faculdades não têm entrada aqui. Sua Majestade descobriu-se à alma e a fez entrar consigo onde — a meu parecer — os demônios não ousarão penetrar, nem o Senhor permitirá que o façam. Todas as mercês que lhe faz aqui são sem contribuição alguma de sua parte, a não ser a entrega radical, a consagração absoluta de si a Deus.

11. Tudo quanto o Senhor ensina e comunica à alma nesta oração é com tanta quietude e silêncio, que me faz pensar na construção do templo de Salomão,[3] durante a qual não se devia ouvir o mínimo ruído. Assim, neste templo de Deus, nesta sua morada, só ele e a alma se rejubilam em altíssimo silêncio.

O intelecto nada indaga ou procura. O Senhor que o criou deseja que sossegue. Admite apenas que espreite, por uma frestinha, alguma coisa do que se passa. Por vezes nem isso lhe é permitido. Mas o intervalo é sempre breve. A meu parecer, aqui as faculdades não se perdem. Todavia não agem, estão como que atônitas.

12. Também eu estou atônita ao ver que, chegando a este ponto, a alma não está mais sujeita a arroubamentos — quero dizer, no que se refere à perda dos sentidos. A não ser vez por outra, sem aqueles transportes e voos de espírito, que lhe sobrevêm mui raramente. Quase sempre não se dá em público, como frequentemente lhe acontecia.

Não a tiram mais de si as grandes ocasiões próprias para excitar-lhe a devoção. Provocava-lhe grandes sentimentos olhar uma imagem impressionante, ouvir um sermão — que quase não ouvia — ou escutar música. Como a pobre borboletinha andava muito ansiosa, tudo a assustava e fazia voar. Agora, ao contrário, nada mais a espanta. Ou é que achou seu repouso, ou viu grandes maravilhas nesta morada ou, ainda, porque já não se acha naquela solidão em que costumava andar, regozijando-se em tão divina companhia.

Enfim, irmãs, ignoro qual seja a causa. Começando o Senhor a mostrar o que há nesta morada e a introduzir ali a alma, esta se sente livre daquela extrema debilidade que tantos vexames lhe causava e da qual jamais conseguira libertar-se. O Senhor, talvez, a tenha fortalecido e dilatado, comunicando-lhe maior habilidade e capacidade. Pode ser também que ele tenha querido manifestar anteriormente em público as graças que secretamente lhe fazia, em vista de certos fins conhecidos somente de Sua Majestade. Seus juízos superam tudo quanto aqui podemos imaginar.

13. Estes efeitos — e todos os demais que descrevemos nos graus precedentes de oração como sendo bons — Deus os concede quando aproxima a alma de si. Finalmente, dá-lhe o ósculo que a esposa tanto suplicava.[4] Aqui, a meu ver, se cumpre o pedido. Aqui se dão, em abundância, as águas a esta corça ferida.[5] Aqui ela se deleita no tabernáculo de Deus.[6] Aqui a pomba enviada por Noé — para ver se o dilúvio era findo — colhe o ramo de oliveira,[7] como sinal de que achou terra firme por entre as ondas e procelas deste mundo.

Ó Jesus! E quem sabe as muitas passagens que deve haver na Sagrada Escritura descrevendo esta paz da alma! Deus meu, vendo quanto nos importa a paz, infundi nos cristãos desejos de buscá-la. Àqueles aos quais já a concedestes, não a tireis, por vossa misericórdia. Até lhes dar a paz verdadeira e os levar ao reino onde ela não terá fim, sempre se há de viver com temor. Refiro-me à verdadeira paz. Não porque ache que esta paz terrena não é verdadeira. Mas porque, se nos apartarmos de Deus, voltará a guerra como no princípio.

14. Mas, que sentirão estas almas ao ver que poderiam vir a perder tão grande bem? Tal lembrança as faz caminhar mais cautelosas. Procuram tirar forças da fraqueza, para não perderem por própria culpa, uma só ocasião de agradar mais a Deus.

Sentem maior receio e temor de si mesmas quanto mais favorecidas de Sua Majestade. Nessas grandezas divinas

conheceram melhor suas misérias. Têm consciência de serem mais graves os seus pecados. Assim é que, muitas vezes, nem ousam levantar os olhos, como o publicano.[8] Outras vezes, consomem-se em desejos de se lhes acabar a vida, a fim de se verem em segurança. Mas, pelo amor que têm a Deus, logo tornam a querer viver para servi-lo, como ficou dito. Confiam à misericórdia do Senhor tudo quanto lhes diz respeito.

Em certos tempos andam mais aniquiladas à vista de tantas mercês. Temem que lhes aconteça como a uma embarcação que vai ao fundo, por excesso de carga.

15. Asseguro-vos, irmãs, que a estas almas não falta cruz! Contudo, nada consegue inquietá-las nem lhes faz perder a paz. As provações passam depressa. São como uma onda ou como certos aguaceiros em dia de tempestade. Logo torna a bonança. A presença do Senhor que essas pessoas trazem sempre consigo lhes faz esquecer tudo o mais. Seja ele para sempre bendito e louvado por todas as suas criaturas. Amém.

Capítulo 4

Termina dizendo qual é — segundo lhe parece — o fim que Nosso Senhor tem em vista ao favorecer a alma com tão grandes mercês. Como é necessário andarem sempre juntas Marta e Maria. É muito proveitoso.

1. Não haveis de pensar, irmãs, que estas almas experimentam os efeitos referidos sempre com a mesma intensidade. Não é assim. Emprego a palavra *ordinariamente,* sempre que me lembro. De fato, algumas vezes Nosso Senhor as deixa entregues a seu natural. Então parece que todos os répteis venenosos dos arredores e moradas do castelo se juntam contra elas, para tirar desforra do tempo em que não as podiam molestar.

2. Verdade é que dura pouco: um dia, quando muito, ou pouco mais. Esse grande motim geralmente procede de alguma ocasião exterior. Vê-se assim quanto é vantajosa para a alma a boa companhia em que vive. Com efeito, o Senhor lhe comunica inteireza de ânimo para em nada se apartar do divino serviço e das boas determinações, que até parecem crescer. Nem por um mínimo primeiro movimento ela vacila em suas boas disposições. Esses distúrbios poucas vezes acontecem, repito. Nosso Senhor quer que ela não perca a lembrança de sua miséria, daquilo que vale por si mesma. Permanece sempre humilde. Por outro lado, entende melhor a grandeza dos favores recebidos, sabendo quanto deve a Sua Majestade, para empregar-se em louvá-lo.

3. Estas almas têm vivos desejos e firmes resoluções de não cometer uma imperfeição por coisa alguma deste mundo. Contudo, não vos passe pelo pensamento que deixam de cair em muitas faltas e até mesmo em pecados, não com advertência, o Senhor as preserva com particular auxílio. Quando falo em pecados, refiro-me aos veniais. Dos mortais estão livres tanto quanto se pode entender. Todavia não se têm por seguras.

Receiam ter cometido alguns pecados sem perceber. Para elas não é pequeno tormento.

Outro suplício é ver as almas que se perdem. Até certo ponto, têm esperança de não estar nesse número. Contudo, não podem deixar de atemorizar-se, quando se lembram de algumas pessoas citadas na Sagrada Escritura, que pareciam favorecidas pelo Senhor. Recordam o caso de um Salomão[1] — por exemplo — que tanto privou com Sua Majestade.

Aquela dentre vós que sentir maior segurança — ande mais temerosa. "Bem-aventurado o homem que teme o Senhor" — diz Davi.[2] Sua Majestade nos ampare sempre. A maior segurança que podemos ter é suplicar ao Senhor que nos assista a fim de jamais o ofendermos. Seja ele para sempre louvado. Amém.

4. Será bom, irmãs, dizer-vos o motivo pelo qual o Senhor concede tantas graças neste mundo. Se prestastes atenção, já tereis compreendido, em vista dos efeitos que produzem. Contudo, quero tornar a dizer, para que algumas dentre vós não pensem que é só com o intuito de acariciar essas almas. Seria grave erro. Sua Majestade não nos pode fazer maior favor neste mundo que nos dar uma vida como a vida de seu Filho tão amado. Tenho por certo que a finalidade destas mercês é precisamente fortalecer nossa fraqueza, a fim de o imitarmos no muito padecer.

5. Vimos sempre que os mais chegados a Cristo, Nosso Senhor, foram os que passaram pelos maiores sofrimentos. Consideremos quanto sofreu sua gloriosa Mãe. Também os gloriosos apóstolos. Como pensais que são Paulo teve força para aguentar tão grandes tribulações? Por ele podemos avaliar quais os efeitos da contemplação divina e das visões. Visões que verdadeiramente procedem de Nosso Senhor, não sendo produtos da imaginação ou dos enganos do demônio. Depois de receber as graças, porventura, o apóstolo se escondeu com elas, para fruir em segredo aquelas delícias, sem se ocupar em outra coisa? Como sabeis, são Paulo não teve dia de descanso, ao que podemos

entender. Tampouco devia descansar de noite, era então que ganhava o que havia de comer.[3]

Gosto muito daquela passagem onde Nosso Senhor apareceu a são Pedro, quando este fugia do cárcere, e lhe disse: “Vou a Roma para ser de novo crucificado”. Nunca rezamos o ofício[4] da festa em que se recordam essas palavras, sem que eu sinta particular consolo. Como ficou são Pedro com esta graça do Senhor? Que fez ele? Foi logo ao encontro da morte. Quando ocorrem tais mercês, não é pouca misericórdia do Senhor enviar algoz que nos martirize.

6. Ó minhas irmãs, como a alma onde o Senhor está tão particularmente presente deve estar esquecida de seu descanso, indiferente a toda honra, alheia a qualquer desejo de ser tida em boa conta. Estando muito com ele — como deve ser — pouco se lembra de si. Só pensa em como há de contentá-lo mais — em que circunstâncias e por que meios mostrará o amor que tem. A oração serve para chegar aqui, filhas minhas. Eis a finalidade deste matrimônio espiritual: que dele nasçam obras, sempre obras!

7. É a verdadeira prova de ser graça e mercê feita por Deus, como já vos disse. Com efeito, pouco adianta estar profundamente recolhida, na solidão, fazendo atos de virtude e afetos a Nosso Senhor, propondo e prometendo executar maravilhas em seu serviço. Tudo isso pouco adianta se, ao sair dali, apresentando-se uma ocasião, faço justamente o contrário.

Digo mal ao afirmar que pouco adianta. Todo tempo que se passa com Deus é de muito proveito. Embora sejamos fracos em cumprir depois as nossas determinações, algumas vezes Sua Majestade nos dará graça para realizá-las, até mesmo a contragosto o que acontece frequentemente. O Senhor, vendo uma alma pusilânime, covarde, envia-lhe um grandíssimo sofrimento que ela não desejaria receber. E a faz sair vitoriosa. Daí em diante, tendo experimentado o auxílio da graça, a alma vai perdendo o medo e se oferece com maior coragem.

Quis dizer que é pouco o proveito em comparação do muito mais que se ganha quando as obras estão de acordo com os atos e palavras. Quem não conseguir fazer tudo de uma vez, faça pouco a pouco. Se quer tirar proveito da oração, vá dominando sua vontade. Nos recantos de nossos pequenos conventos não faltarão muitas ocasiões em que vos possais exercitar.

8. Vede bem — isto tem muito mais importância do que vos sei dizer, por mais que encareça. Ponde os olhos no Crucificado — e tudo vos parecerá pouco. Se Sua Majestade nos mostrou seu amor com obras tão grandiosas e tormentos tão estupendos — como quereis contentá-lo só com palavras? Sabeis o que é ser verdadeiramente espiritual? É fazer-se escravo de Deus, marcado com seu selo — o da cruz. Assim nos poderá vender como escravos de todo mundo, como ele foi. Com isso não nos faz agravo, mas imensa graça. Já lhe entregamos toda a nossa liberdade.

Se a isso não vos determinardes, não espereis progredir muito. A humildade é o fundamento de todo este edifício, como tenho insistido. O Senhor não quererá levantá-lo muito alto se a humildade não for muito verdadeira. Será para vosso próprio bem, a fim de que não venhais a dar com tudo no chão.

Por conseguinte, irmãs, para cavar sólidos alicerces, procure cada uma ser a menor de todas, a escrava da casa. Buscai meios e modos de causar prazer e prestar serviço a todas. O que neste campo fizerdes, redundará mais no vosso proveito que no delas. Assentareis pedras tão firmes, que o vosso castelo não virá a cair.

9. Torno a dizer: para isso é necessário que não ponhais vosso fundamento só em rezar vocalmente e em contemplar. Se não buscardes as virtudes e não vos exercitardes nelas, ficareis sempre anãs. E praza a Deus que vosso mal seja só não crescer. Como já sabeis — quem não cresce, míngua. Tenho por impossível que o amor se resigne a ficar estacionário, se verdadeiramente existe.

10. Parecerá que me refiro aos principiantes — e que depois, com o andar do tempo, já podem descansar. Já vos disse e repito: o sossego interior em que se regozijam essas almas é a troco de muito menos sossego no exterior. Aliás, elas mesmas não querem tê-lo. Dizei-me para que são aquelas inspirações de que vos falei. Ou, melhor, aquelas aspirações e mensagens que — do centro íntimo em que reside — a alma envia a toda a gente que guarnece a parte superior do castelo, e às moradas que rodeiam o aposento onde ela se encontra. Será para que se deitem a dormir?

Não, não, não! Aos sentidos, às faculdades e a tudo quanto é corporal ela faz agora mais guerra, a fim de que não fiquem ociosos. É guerra maior a que faz deste seu íntimo do que em outros tempos, quando padecia com eles. Então não entendia o grande lucro encerrado nos sofrimentos. Agora já vê terem sido esses os meios pelos quais Deus a elevou a tão alto estado.

A companhia que traz em si lhe dá forças maiores que nunca. Na realidade, aqui na terra é fora de dúvida o que diz Davi — "com os santos seremos santos".[5] Feita uma só coisa com o Forte por excelência, pela união tão soberana de espírito com espírito, a alma participa da fortaleza divina. Assim compreendemos como os santos foram fortes nos padecimentos e na morte.

11. Com o vigor adquirido nesta união, é muito certo que a alma acode a toda guarnição do castelo. Também ao próprio corpo, que muitas vezes parece não lhe servir mais de obstáculo. As energias acumuladas pela alma ao beber o vinho nessa adega — onde o Esposo a introduziu para não a deixar mais sair — influem sobre a fraqueza humana. Fortalecem o corpo. Como acontece com o alimento que, recebido só no estômago, robustece a cabeça e todos os membros. O corpo tem triste sorte enquanto vive. Por muito que trabalhe, tudo lhe parece nada diante da força interior muito maior com que a alma lhe faz guerra.

Deve ter sido essa a origem das grandes penitências que fizeram muitos santos, em especial a gloriosa Madalena, criada

sempre com todo conforto. Igualmente daquela fome que nosso Pai Elias teve da honra de seu Deus.[6] Essa também a origem do zelo de são Domingos e são Francisco, desejando ganhar almas, a fim de que o Senhor fosse louvado. E asseguro-vos que não devem ter sofrido pouco, esquecidos — como estavam — de si mesmos.

12. Minhas irmãs, quero que procuremos alcançar este alvo. Desejemos e pratiquemos a oração não a fim de nos satisfazer, mas para termos essa força no serviço de Deus. Não sigamos caminho não trilhado, pois nos perderemos no melhor do tempo. E seria estranha novidade pretendermos alcançar graças de Deus por estrada diferente da que ele e todos os seus santos seguiram. Nem nos passe tal ideia pela cabeça.

Crede-me: Marta e Maria sempre hão de andar juntas, a fim de hospedar o Senhor. É preciso trazê-lo a todo instante consigo e não o receber mal, deixando-o sem alimento. Como Maria lhe daria a refeição, sempre assentada a seus pés, se sua irmã não a ajudasse? O alimento para o Senhor é que, por todos os modos a nosso alcance, ganhemos almas que se salvem e eternamente louvem a Deus.

13. Direis duas coisas. Uma é que — segundo o mesmo Senhor afirmou — Maria escolheu a melhor parte.[7] Tinha feito o ofício de Marta, quando serviu o Senhor, lavando-lhe os pés e enxugando-os com seus cabelos.[8] E pensais que terá sido pouca mortificação para uma senhora de sua condição? Ir pelas ruas afora — talvez sozinha, pois seu fervor não comportava reflexão — e entrar onde nunca tinha pisado, além de sofrer em seguida as murmurações do fariseu, assim como muitíssimos outros vexames que deve ter suportado — terá sido pouco?

O fato de uma mulher como ela mudar de repente terá dado muito que falar ao povo. Ainda mais sendo gente tão má, como sabemos. Bastava a amizade que ela tinha ao Senhor — tão desprezado por todos eles — para que apregoassem a sua vida

passada, dizendo que estava pretendendo agora passar por santa. Está claro que ela logo mudaria de vestido e tudo o mais. Se ainda hoje se fala assim de pessoas menos conhecidas, que seria então?

Eu vos digo, minhas irmãs, que Maria recebeu a melhor parte a preço de muitos sofrimentos e mortificações. Só o fato de ver seu Mestre tão odiado já seria para ela intolerável padecimento. E que dizer da enorme angústia que sentiu na morte do Senhor? Tenho para mim que a razão de não ter recebido o martírio foi porque já o tinha passado ao ver morrer o Senhor. E os anos que ainda viveu devem ter sido de terrível tormento, lembrando-se dele na sua ausência. Por isso veremos que não viveu sempre aos pés do Senhor, na felicidade da contemplação.

14. A outra objeção é a de que não podeis nem tendes meios de ganhar almas para Deus. De boa vontade o faríeis. Contudo, não vos cabendo ensinar nem pregar a exemplo dos apóstolos, não sabeis como agir. A isso já respondi por escrito mais de uma vez — talvez mesmo neste *Castelo,* não sei.[9] Como, porém, creio que a dúvida vos passe pela mente, junto com os grandes desejos que o Senhor vos dá, não deixarei de repeti-lo aqui.

Já vos disse em outra parte que algumas vezes o demônio nos inspira desejos magnânimos, para deixarmos de lado ocasiões atuais de servir a Nosso Senhor em obras positivas e realizáveis. Ficamos desejando coisas impossíveis. Muito fareis com a vossa oração, não há dúvida. Contudo, já não falo nisso. Só vos digo uma coisa: não queirais ajudar a todo o mundo. Contentai-vos em ajudar aqueles que estão em vossa companhia. A vossa obrigação para com eles é maior. Desse modo, a vossa obra será tanto mais meritória.

Julgais pequeno lucro abrasá-los todos com o fogo de vossa grande humildade, mortificação, diligência em servir às irmãs, caridade sincera para com elas e amor de Deus? Ou se, com as demais virtudes, os encheis de estímulo? Não é pequeno, mas grandíssimo proveito — e muito agradável serviço prestado ao Senhor. Vendo que realizais as obras a vosso alcance, Sua

Majestade entenderá que faríeis muito mais se pudésseis. Assim vos dará o prêmio como se lhe tivésseis ganho muitas almas.

15. Direis que não é converter almas, porque todas aqui são boas e virtuosas. Que tendes vós com isso? Que vos importa? Quanto melhores e mais perfeitas, tanto mais os seus louvores serão agradáveis ao Senhor. Na mesma proporção, tanto mais as suas orações serão de proveito para os próximos.

Enfim, minhas irmãs, concluo com este pensamento: não construamos torres sem alicerces firmes. O Senhor não olha tanto a magnificência das obras. Olha mais o amor com que são feitas. Se realizarmos o que está a nosso alcance, o que depende de nós, Sua Majestade fará com que o continuemos realizando cada dia mais e melhor. Não nos cansemos logo. No breve tempo desta vida — que talvez dure menos do que pensamos — ofereçamos interior e exteriormente ao Senhor o sacrifício que estiver em nossas mãos. Sua Majestade o juntará com a oblação que de si mesmo fez ao Pai na cruz, por todos nós. Assim lhe conferirá o valor merecido por nosso amor, nossa boa vontade, ainda que as obras sejam pequeninas.

16. Praza a Sua Majestade, irmãs e filhas minhas, que nos vejamos todas em seu reino, onde para sempre o louvaremos. Dê-me a graça de fazer também eu um pouco do que vos ensino. Isso lhe suplico pelos méritos de seu Filho, que vive e reina para sempre, sem fim. Amém.

Asseguro-vos de que escrevo com bastante confusão. Assim vos rogo, pelo mesmo Senhor — não vos esqueçais desta pobre miserável em vossas orações.

JHS

1. Comecei a escrever estas páginas com muita repugnância, como disse no princípio. Mas agora, depois de acabado, sinto-me contente e dou por bem empregado o trabalho, o qual — confesso — foi bem pouco.

Considerando o muito encerramento e poucas ocasiões de distração que tendes em vossos mosteiros — alguns deles com terreno insuficiente — parece-me que achareis consolo em deleitar-vos neste *Castelo Interior.* Sem licença das superioras, podeis entrar e passear nele a qualquer hora.

2. É verdade que com vossas próprias forças — por grandes que as imagineis — não conseguireis entrar em todas as moradas, se o próprio Senhor do castelo não vos introduzir nelas. Se achardes de sua parte alguma resistência, segui meu conselho: não insistais. Senão o desgostareis de tal maneira, que vos fechará para sempre a entrada.

Ele é muito amigo da humildade. Se vos considerardes indignas de merecer o ingresso mesmo nas terceiras moradas, mais depressa lhe movereis a vontade para vos admitir na quinta. Então, continuando a frequentar essas quintas moradas, entrando nelas muitas vezes, podeis servi-lo de tal modo que vos acabe introduzindo no aposento que reservou para si.

Depois de aí admitidas, não o abandoneis mais. A não ser a chamado da priora, cuja vontade este grande Senhor tanto quer que cumprais, como a sua própria. E se por obediência vos demorais fora muito tempo, ao voltar sempre achareis a porta aberta. Uma vez acostumadas a alegrar-vos neste castelo, em todas as coisas achareis descanso, embora sejam muito penosas. É que vos move a esperança de entrar novamente nele, o que ninguém vos pode impedir.

3. Embora não se fale aqui senão de sete moradas, em cada uma delas há muitas outras. Por baixo, no alto, dos lados, com lindos jardins, fontes e outras belezas tão deleitosas que desejareis desfazer-vos em louvores ao grande Deus que o criou à sua imagem e semelhança. Se na ordem que segui para vos dar uma ideia achardes algum bem, crede verdadeiramente que foi dito por Sua Majestade, a fim de vos consolar. Quanto ao defeituoso, é todo meu.

4. Pelo imenso desejo de vos ajudar de algum modo a servir este meu Deus e Senhor, rogo-vos que louveis muito a Sua Majestade em meu nome, cada vez que lerdes isto. Pedi também o aumento de sua Igreja e que ele conceda luz aos luteranos.

Para mim, suplicai ao Senhor que perdoe meus pecados e me tire do purgatório. Lá talvez estarei, pela misericórdia de Deus, quando vos derem este escrito para ler. Isto é, se os teólogos que o examinarem julgarem que pode ser lido.

Se houver algum erro, será por falta de ciência de minha parte. Em tudo me sujeito ao que professa a santa Igreja Católica Romana, em cuja fé vivo, afirmo viver e prometo viver e morrer. Seja Deus, Nosso Senhor, para sempre louvado e bendito. Amém, amém.

5. Acabou-se de escrever no mosteiro de são José de Ávila, na vigília de santo André, do ano de 1577, para glória de Deus, que vive e reina para sempre sem fim. Amém.

Série ESPIRITUALIDADE

• Caminho de perfeição, Santa Teresa de Jesus *• Castelo interior ou moradas,* Santa Teresa de Jesus *• Conselhos e lembranças,* Santa Teresinha *• História de uma alma,* Santa Teresinha *• Livro da vida,* Santa Teresa de Jesus *• Não morro... entro na vida - últimos colóquios,* Santa Teresinha *• Confissões,* Santo Agostinho *• O diálogo,* Santa Catarina de Sena *• O espírito de Santa Teresa do Menino Jesus,* Carmelo de Lisieux *• Santa Teresa de Jesus, mestra de vida espiritual,* Fr. Gabriel *• Retiro com Santa Teresinha do Menino Jesus,* Pe. Liagre *• São João da Cruz - doutor do Tudo e Nada,* Frei Pedro Paulo Di Berardino, OCD *• São João da Cruz - noite escura lida hoje,* Jesús. M. Ballester *• Itinerário espiritual de São João da Cruz,* Frei Pedro Paulo Di Berardino, OCD *• Vida de Santa Catarina de Sena,* Fr. João Alves Basílio, op *• O amor não cansa nem se cansa,* São João da Cruz *• Teu amor cresceu comigo - Teresa de Lisieux: Gênio espiritual,* Pe. M. Eugênio, OCD *• A Virgem Maria,* Santo Agostinho *• As orações,* Santa Catarina Sena *• O dom de si,* Frei Pedro Paulo Di Berardino, OCD *• As cartas,* Santa Catarina de Sena *• Itinerário espiritual de S. Teresa de Ávila - mestra de oração e doutora da Igreja,* Frei Pedro Paulo Di Berardino, OCD *• As ideias fundamentais da espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus,* Frei Pedro Paulo Di Berardino, OCD *• A espiritualidade do eneagrama: Da compulsão à contemplação,* Suzanne Zuercher, OSB *• Elisabete da Trindade: Viver a partir do interior da alma,* Frei Pedro Paulo Di Berardino *• O livro do Mestre,* Rulman Merswin *• Quando você for orar... - Guia e ajuda para iniciar-se na oração,* Maria Dolores López Guzmán *• Uma Espiritualidade para o nosso tempo à luz do apóstolo Paulo,* Valdir José de Castro *• A direção espiritual: Pastoral do acompanhamento espiritual,* Tomás Rodriguez Miranda *• Surpresas pelo caminho: 50 caminhantes entusiastas,* Richard A. Hasler *• Ao sopro do espírito: oração e ação,* Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus *• Evangelizar,* José Comblin *• Tratado sobre o amor de Deus em Viktor Frankl,* Nei Ricardo de Souza *• Diário da alma,* Joao XXIII

Coordenação de desenvolvimento digital
Guilherme César da Silva

Tradução
Carmelitas Descalças do Convento Santa Teresa, Rio de Janeiro, segundo a edição crítica de Frei Silvério de Santa Teresa, OCD

Capa
L. Cassoli & M. Dagher

Desenvolvimento digital
Daniela Kovacs

Conversão EPUB
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Castelo interior ou moradas [livro eletrônico]; / Santa Teresa de Jesus [organizadora]; — São Paulo: Paulus, 2016. — Coleção Teologia hoje.
1,7Mb; ePUB

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
[Facebook] • [Twitter] • [Youtube]
eISBN [inserir]

NOTAS

PRÓLOGO

[1] Refere-se a Santa a sua autobiografia, que estava na Inquisição.

PRIMEIRAS MORADAS

Capítulo 1

[1] Jo 14,2; Cf. Ap 21,10-23.

[2] Pr 8,31.

[3] Gn 1,26.

[4] No original: *gran bestialidad.*

[5] Jo 9,2,

[6] No original: *"mas habéis de entender, que va mucho de estar a estar".*

[7] No original: *sabandijas y bestias.*

[8] Cf. Gn 19,26.

[9] No original: *bestialidad.*

[10] No texto sagrado se lê trinta e oito anos (Jo 5,5).

[11] Mt 6,21.

Capítulo 2

[1] A própria Santa, conforme as *Contas de Consciência,* nº 21.

[2] Sl 126,2.

[3] *Livro da Vida*, cap. 13; *Caminho de Perfeição,* caps. 12 e 13.

[4] *Lima surda:* lima coberta de chumbo. A Santa refere-se ao *Caminho de Perfeição,* caps. 38 e 39.

[5] *Vida,* cap. 13.

SEGUNDAS MORADAS

Capítulo Único

[1] *Vida,* cap. 11-12; *Caminho de Perfeição,* cap. 20-29.

[2] Cf. Lc 15,16.

[3] Os soldados de Gedeão, quando marchavam contra os madianitas (Jz 7,5).

[4] *Vida,* cap. 11.

[5] Mt 20,22.

[6] *Triaga:* remédio contra qualquer gênero de envenenamento.

[7] Jo 20,21.

[8] *Vida,* caps. 11 e 19.
[9] Eclo 3,27.
[10] Jo 14,6.
[11] Jo 14,9.
[12] Mt 10,24.
[13] Mt 26,41.

TERCEIRAS MORADAS

Capítulo 1

[1] Sl 111,1
[2] Jo 11,16.
[3] *"Feliz o homem que teme o Senhor"*.
[4] Cf. Mt 19,16-22.
[5] Lc 17,10.

Capítulo 2

[1] Is 30,15.

QUARTAS MORADAS

Capítulo 1

[1] N. da T.: Para maior clareza, traduzimos por *intelecto* o que a Santa chama de *entendimento*.
[2] A Santa refere-se aos cap. 11 a 27 de sua *Vida* (autobiografia).
[3] Sl 118,32: "Como dilatais o meu coração".
[4] *Vida,* cap. 12.
[5] N. da T. : Traduzimos *potência* por *faculdade,* atualmente mais usual.
[6] Ct 8,1.

Capítulo 2

[1] Sl 118,32.
[2] A Santa escreveu a *Vida* em 1562 e as *Moradas* em 1577.

Capítulo 3

[1] *Vida,* cap. 16; *Caminho de Perfeição,* caps. 28 e 29.
[2] *Confissões,* livro X, cap. 27.
[3] Refere-se ao *Terceiro Abecedário Espiritual,* de frei Francisco de Osuna.
[4] *Tratado de Oração e Meditação,* aviso 80.

[5] *Caminho de Perfeição,* cap. 31.

QUINTAS MORADAS

Capítulo 1

[1] Mt 20,16.

[2] Trata-se da *oração de união.*

[3] *Caminho de Perfeição,* cap. 31.

[4] Isto é, um certo tino, senso.

[5] A própria Santa.

[6] Ct 1,3.

[7] Jo 20,19.

Capítulo 2

[1] Cl 3,3-4.

[2] Ct 2,4.

[3] Lc 22,15.

[4] A própria Santa.

Capítulo 3

[1] A própria Santa.

[2] Jo 11,35.

[3] Vide parágrafo 3 deste cap., sobre a união com Deus.

[4] Jn 4,6-7.

[5] Jo 17,22.

[6] No sentido de concentrarem-se exageradamente.

[7] *Caminho de Perfeição,* cap. 7.

Capítulo 4

[1] A Santa começou em Toledo, a 2 de junho de 1577. Interrompeu a redação quando se mudou para Ávila, onde recomeçou em outubro e terminou em 29 de novembro do mesmo ano, no meio das maiores ameaças a sua Reforma.

SEXTAS MORADAS

Capítulo 1

[1] A Santa fala de si (Cf. *Vida,* cap. 28).

[2] A própria Santa.

[3] Nome que se dava então a fenômenos nervosos ou neuroses.

Capítulo 2

[1] A própria Santa.

Capítulo 3

[1] Jn cap. 4.

Capítulo 4

[1] *Vida,* cap. 20.

[2] Ave mitológica que se atirava às chamas e renascia das cinzas.

[3] Gn 28,12.

[4] Ex 3,2.

[5] Ct 3,2.

[6] Jo 9,6-7.

[7] Termo arcaico que designa a chácara do mosteiro.

[8] Cf. *Vida,* cap. 31.

Capítulo 5

[1] Lc 12,48.

[2] Isto aconteceu com santa Teresa em Sevilha, em 1575.

[3] Nm 13,18-24.

Capítulo 6

[1] Ex 14,21-22; Js 3,3.

[2] "Senhor, se ainda sou necessário a teu povo, não recuso o trabalho. Seja feita a tua vontade."

[3] Lc 15,10-32.

Capítulo 7

[1] *Vida,* cap. 22.

[2] Jo 4,6.

[3] Jo 14,6.

[4] Jo 8,12.

[5] Jo 14,9.

[6] 1Rs 18,30-39.

[7] Ct 3,3.

[8] *Solilóquios,* 31; também *Confissões,* livro X, cap. VI.

[9] Lc 22,44.

[10] *Fundações,* cap. 6.

[11] Jo 16,7.

Capítulo 8

[1] *Vida,* cap. 27.

Capítulo 9

[1] No tempo de santa Teresa, atribuíam-se certas propriedades e virtudes a determinadas pedras preciosas.

[2] Mt 25,41.

[3] At 9,3-4.

[4] *Vida,* cap. 25.

[5] Gesto vulgar de esconjurar.

[6] *Vida,* cap. 29.

[7] Alguns são de opinião que santa Teresa se refere a são João da Cruz e a si mesma.

Capítulo 10

[1] Sl 115,11.

[2] Jo 18,38.

[3] Os Carmelos.

Capítulo 11

[1] Jo 4,7-13.

[2] Santa Teresa teve esse arroubamento no Mosteiro de Salamanca, em 1571, ao ouvir a noviça Isabel de Jesus cantar coplas com o estribilho:

"Vejam-te meus olhos,

Doce Jesus bom

Vejam-te meus olhos,

Morra eu logo."

Cf. *Relação XV*.

[3] Mt 20,22.

SÉTIMAS MORADAS

Capítulo 1

[1] A própria Santa, conforme a *Relação* 24.

[2] At 9,8.

[3] Jo 14,23.

[4] Lc 10,40.

Capítulo 2

[1] Refere-se à visão da Santíssima Trindade, descrita no capítulo anterior.
[2] “A Paz esteja convosco”. Jo 20,19.
[3] Cor 6,17.
[4] Fl 1,21.
[5] Is 46.
[6] Jo 20,19.
[7] Lc 7,50.
[8] Jo 17,21.
[9] Jo 17,20.
[10] Jo 17,29.

Capítulo 3

[1] *Relação* 35. Cf. Sétimas Moradas, cap. 2, par. 1.
[2] At 9,6.
[3] 1Sm 6,7.
[4] Ct 1,1.
[5] Sl 42.
[6] Ap 21,3.
[7] Gn 8,8-9.
[8] Lc 18,13.

Capítulo 4

[1] 1Rs 6,7.
[2] Sl 111,1.
[3] 1Ts 2,9.
[4] No antigo Breviário carmelitano, que então usava santa Teresa, havia referência a esta piedosa tradição, chamada “Quo vadis”, no dia 29 de junho, festa de são Pedro.
[5] Sl 17,26.
[6] 1Rs 19,10.
[7] Lc 10,42.
[8] Lc 7,37-38.
[9] *Caminho de Perfeição,* caps. 1 e 3; *Conceitos do Amor de Deus,* caps. 2 e 7.